

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CRIANÇA E INFÂNCIA NAS OBRAS DE ARTHUR RAMOS: ESTUDOS DA
INFÂNCIA NO BRASIL A PARTIR DE PRODUÇÕES NACIONAIS DA
DÉCADA DE 1930**

Flávia Francchini

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tatiane Cosentino Rodrigues

São Carlos - SP

2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CRIANÇA E INFÂNCIA NAS OBRAS DE ARTHUR RAMOS: ESTUDOS DA
INFÂNCIA NO BRASIL A PARTIR DE PRODUÇÕES NACIONAIS DA
DÉCADA DE 1930**

Flávia Francchini

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Tatiane C. Rodrigues

Durante a elaboração desta pesquisa a autora recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior (CAPES)

São Carlos – SP

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Flavia Francchini, realizada em 28/02/2020:

JR Fernandes

Profa. Dra. Jarina Rodrigues Fernandes
UFSCar

JR Fernandes

Profá. Dra. Tatiane Cosentino Rodrigues
UFSCar

JR Fernandes

Profa. Dra. Gabriela Guarnieri de Campos Tebet
UNICAMP

JR Fernandes

Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Tatiane Cosentino Rodrigues, Gabriela Guarnieri de Campos Tebet, Ana Cristina Juvenal da Cruz e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

JR Fernandes

Profa. Dra. Jarina Rodrigues Fernandes

Dedico à minha mãe Neide da Silva Francchini, irmã Beatriz Francchini, e avó Rosa A. Francchini, pois esta conquista também é delas.

Agradecimentos

Expresso aqui os meus sinceros agradecimentos a muitas pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para a elaboração e conclusão desta pesquisa.

Primeiramente a Deus (Oxalá) e os Orixás que com energias positivas iluminam meus caminhos e me ajudam a firmar meus pensamentos em busca dos meus sonhos e objetivos de vida.

À minha mãe Neide da Silva Francchini, irmã Beatriz Francchini, e avó Rosa Francchini, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando, e sendo minhas fontes de inspiração e determinação para conseguir chegar até aqui.

À família Silva, em especial, minhas tias (Leticia Silva, Tatiane Silva, Domiciana Silva), meus primos/as (Alex Valente, Andressa Valente, Cláudio Coutinho, Vanderson Fernandes, Veronica Fernandes e Viviane Fernandes) que se mantiveram à disposição para me ajudar durante a coleta de dados que exigiu descolamentos para outra cidade.

Aos meus amigos/as que fazem parte da minha história, não só pelo apoio, carinho e paciência, mas também por dividirem comigo os momentos de angústia e alegria durante as dúvidas e incertezas de cada capítulo desta pesquisa.

Aos amigos que a UFSCAR me proporcionou, em especial, à Andreia Rosalina, Camila Rosa, Erica M. Borges e a minha parceira de todos os momentos durante esses dois anos de mestrado Giza Nascimento.

Aos integrantes do grupo Núcleo de Estudos Afro-brasileiro (NEAB – UFSCar) por todos os momentos que compartilhamos conhecimentos, aprendizados e experiências. Com essa galera, aprendi que a luta é nossa (UBUNTU – Eu sou, porque nós somos).

As professoras Andrea B. Moruzzi, Anete Abramowicz, pelas correções e contribuições fundamentais ao texto parcial apresentado no exame de qualificação e à Prof.^a Gabriela G. de Campos Tebet ao texto final. Em especial, a Prof.^a Ana Cristina J. Cruz por se fazer presente

durante meu processo de formação e estar sempre contribuindo para minha compreensão e ampliação de leitura acadêmica.

Em especial, à minha orientadora Tatiane C. Rodrigues a qual tenho uma imensa admiração, respeito e gratidão por me orientar durante o percurso acadêmico. Com ela aprendi a nunca desistir da vida acadêmica, mesmo que durante este processo os acontecimentos inesperados da vida pessoal dificultem e te façam querer abandonar. Agradeço imensamente sua paciência, dedicação, carinho e confiança, durante todo o momento de sua orientação, e principalmente por estar sempre acreditando no meu potencial, até mesmo quando eu mesma duvidei. Por todos seus ensinamentos, pelos momentos de discussões que me fazem ampliar e compreender a leitura acadêmica e de vida, pela avaliação detalhada e contribuições de cada etapa desta pesquisa, as quais se tornam indispensáveis para o seu aprimoramento e finalização.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos concedida durante todo o período de mestrado.

Finalizo, expressando que, durante o percurso deste estudo foram muitos os acontecimentos que mudaram minha vida pessoal e familiar, especificamente a doença e o falecimento do meu pai, portanto tenho certeza que sozinha ou sem essas pessoas citadas acima me apoiando e me incentivando eu não teria conseguido.

“Se quiser ir depressa, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá acompanhado”.

(Provérbio Africano)

Resumo

Trata-se de um estudo bibliográfico desenvolvido com o propósito de apresentar uma cartografia dos estudos da infância no Brasil, particularmente durante a década de 1930, tomando como referencial as obras de Arthur Ramos. Para a análise priorizamos as principais produções do autor na década em questão: Educação e Psicanálise (1934), Saúde do Espírito: Higiene Mental (1939), A Criança Problema: A Higiene Mental na Escola Primária (1939), com o objetivo de mapear quais são as descrições e de que maneira a criança e a infância são retratadas, analisando de modo específico as relações etárias, étnicas, raciais e de gênero. Ao considerarmos a centralidade de Arthur Ramos durante a década em questão, e toda sua extensa produção, a nossa hipótese, é a de que, mesmo o médico psiquiatra redigindo seus trabalhos voltados para a contribuição da psicanálise brasileira no campo educacional e, também para o campo da antropologia com estudos sobre o “homem” e a cultura brasileira (podendo ser considerado contribuinte na construção do ideário de democracia racial desenvolvido por Gilberto Freyre), a análise de suas obras, muito nos auxilia, a pensarmos e preenchermos lacunas importantes sobre o campo dos estudos da infância no Brasil a partir das produções dos autores nacionais, durante um período político de questionamentos sobre a função da educação brasileira e, também a definição do povo brasileiro. Primeiramente retornamos à historiografia brasileira, destacando as principais mudanças no âmbito educacional durante a década 1930 e a relação de Arthur Ramos com os principais movimentos desenvolvidos na época em questão, que tinha como finalidade preparar a população para a modernização da sociedade capitalista. Ressaltamos também, a vida e a trajetória profissional do médico psiquiatra, e como se consolidou a inserção da psicanálise infantil na educação brasileira. Em um segundo momento, apresentamos o resultado de um levantamento bibliográfico analítico dos estudos contemporâneos sobre Arthur Ramos e suas produções. Por fim, analisamos criticamente o trabalho analítico de Arthur Ramos organizado em três principais linhas de análise intituladas: a) Psicanálise, Criança e Educação; b) Pensando a Criança e a Infância Brasileira, c) Fortalecendo a Construção de uma Sociedade Forjada no Mito da Democracia Racial. Concluímos que, o trabalho analítico de Ramos apresenta questões-chaves para se pensar na constituição do debate sobre a criança, a infância e a educação brasileira contemporânea, a começar identificando que os problemas atuais sobre o fracasso escolar carregam uma herança de justificativas pautadas no projeto educacional elaborado na década 1930. Identificamos também que o debate psicanalítico brasileiro é concomitante ao debate racial, e Arthur Ramos ao construir a concepção universal de criança brasileira, construiu também o conceito do ideal de branquitude no Brasil, classificando as crianças vindas de famílias fora do padrão que ele considerava normal como o principal problema para se alcançar uma sociedade “limpa, civilizada e adaptada” ao sistema capitalista e, que por isso, precisavam de tratamentos orgânicos e psicológicos. Arthur Ramos, ao considerar que a criança deveria ser estudada também a partir das concepções antropológicas, considerando suas relações familiares e sociais, acaba de alguma maneira identificando a necessidade emergencial para uma sociologia da infância ou estudos da infância no Brasil. Expondo ao decorrer de suas produções elementos fundamentais para se pensar a criança e a infância a partir de uma perceptiva sociológica, mesmo não sendo esse seu objetivo.

Palavras-Chave: Criança, Infância, Arthur Ramos, Estudos da Infância no Brasil

Abstract

This research refers to a bibliographic study developed with the purpose of presenting a cartography of childhood studies in Brazil, particularly during the 1930s, taking as reference the works of Arthur Ramos. For the analysis prioritized the main productions of the author in the decade in question: Education and Psychoanalysis (1934), the Spirit Health: Mental Health (1939), The Problem Child: Mental Health in Primary School (1939), in order to map out what are the descriptions and how the child and childhood are portrayed, analyzing specifically age relations, ethnic, racial and gender. First return to the Brazilian history, highlighting the major changes in the education sector during the late 1930s, and Arthur Ramos relationship with the main movements developed at the time in question, which aimed to prepare the population for the modernization of capitalist society. We also emphasize the life and professional career of the psychiatrist, and how consolidated the inclusion of child psychoanalysis in Brazilian education. In a second step, we present the results of an analytical literature review of contemporary studies on Arthur Ramos and his productions. Finally, critically analyze the analytical work of Arthur Ramos organized in three main lines of analysis titled: a) Psychoanalysis, Child and Education: b) Thinking Children and Childhood Brazilian, c) Strengthening the Building of a Society Forged in Myth of Racial Democracy. We conclude that the analytical work of Ramos presents key issues to think about the constitution of the debate on children, childhood and contemporary Brazilian education, start by identifying that the current problems of school failure carry a legacy of guided justifications in the educational project developed in the late 1930s also identified that the Brazilian psychoanalytic debate is concomitant racial debate, and Arthur Ramos to build the universal conception of Brazilian children, also built the concept of the ideal of whiteness in Brazil, classifying the children coming from families nonstandard he considered normal if the main problem to achieve a clean society, civilized and adapted to the capitalist system. Arthur Ramos, when considering that the child should also be studied from the anthropological conceptions considering its family and social relationships, just somehow identifying the urgent need for a sociology of childhood or childhood studies in Brazil. Exposing the course of its fundamental elements productions to think about children and childhood from a sociological perceptive, although not this your goal.

Key words: Child, Childhood, Arthur Ramos, Childhood Studies in Brazil

Lista de Tabelas

Tabela 1: Resumo do Programa de Ação

Tabela 2: Informações contidas nas fichas de registro dos alunos

Tabela 3: Categorias de Análise do livro “A criança Problema: A higiene mental na educação primária”

Tabela 4: Conselhos da Higiene Mental

Lista de Siglas e Abreviações

BDTD: Biblioteca Digital Brasileira de Teses de Dissertações

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IPE: Instituto de Pesquisas Educacionais

LBHM: Liga Brasileira de Higiene Mental

SCIELO: Scientific Electronic Library Online

SOHM: Serviços de Ortofrenia e Higiene Mental

UNESCO: Fundações das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

Sumário

Introdução

I. Universo da pesquisa.....	12
II. Contextualizando a década de 1930.....	15

Capítulo I. Arthur Ramos e suas contribuições para a educação brasileira do século XX

1.1 Vida e Trajetória Profissional.....	19
1.2 Movimentos Escolanovista.....	22
1.3 A Inserção da Psicanálise no Brasil.....	25
1.4 Movimento Higienista e Eugênico.....	28

Capítulo II. Ao encontro com estudos contemporâneos sobre Arthur Ramos e suas principais produções.....

2.1 O desenvolvimento da Educação Brasileira e a Psicanálise.....	35
a) Educação e Psicanálise.....	35
b) Educação, Psicanálise e o Movimento Higienista.....	50
2.2 As contribuições de Arthur Ramos para a definição científica da identidade brasileira....	55
a) As religiões de matriz afro-brasileira.....	55
b) mestiçagem no Brasil e o Ideário de Democracia Racial.....	57
c) Psicanálise e o Debate Racial.....	59
d) Projeto UNESCO.....	61
2.3 O que revelam os estudos contemporâneos sobre Arthur Ramos e suas produções?.....	62

Capítulo III. Criança e Infância nas produções de Arthur Ramos

3.1 Educação e Psicanálise.....	64
3.2 A Criança Problema: a Higiene Mental na Escola Primária.....	73
3.3 Saúde do Espírito: Higiene Mental	105
3.4 Análise Crítica ao Trabalho Analítico de Arthur Ramos	
a) Psicanálise, Criança e Educação.....	119
b) Pensando a Criança e a Infância Brasileira.....	120

c) Fortalecendo a Construção de uma Sociedade Forjada no Mito da Democracia Racial....123

Considerações Finais.....127

Referências Bibliográficas.....131

Apêndice.....136

Anexos.....138

Introdução

I. Universo da Pesquisa

A presente pesquisa intitulada “Criança e Infância nas Obras de Arthur Ramos: Estudos da Infância no Brasil a partir de produções nacionais da década 1930” é motivada pelos meus últimos trabalhos compostos nessa linha temática, e pode ser compreendida como continuidade ao projeto iniciado pelo grupo de pesquisa “Estudos sobre a criança, a infância e a educação infantil: políticas e práticas da diferença”, que tinha como objetivo configurar o campo teórico dos estudos da infância no Brasil, primeiramente a partir, de artigos publicados em periódicos brasileiros desde 1970 a 2010 e, posteriormente por meio, de entrevistas com as pesquisadoras dos artigos analisados.

Durante o fechamento desse estudo sobre a emergência da “sociologia da infância” ou “estudos da infância” no Brasil, Abramowicz (2015), aponta que apesar de trabalhos como de Florestan Fernandes, considerado marco inicial, para se pensar a sociologia da infância no Brasil, e de Virginia Leone Bicudo, surgirem na década 1940, pesquisas relacionadas à criança, infância e educação infantil passam ser publicadas com maior frequência e intensidade a partir da década de 1970. Defendendo a existência de uma lacuna nos estudos sobre infância correspondente ao período de 1920 a 1963, “período em que ocorreram importantes acontecimentos que forjavam as bases do campo teórico que eclodiria com maior visibilidade a partir da década de 1970” (ABRAMOWICZ, 2015, p.14).

A fim de identificar respostas a essa lacuna apontada por Abramowicz, passei a direcionar meu foco de estudo aos trabalhos analíticos da década de 1930, iniciado com uma pesquisa de iniciação científica¹ no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (2013-2014), que desdobrou em meu Trabalho de Conclusão de Curso², sobre criança e infância nas principais obras de Gilberto Freyre.

A centralidade do sociólogo para a compreensão de infância advém do fato de suas publicações terem atendido à crescente preocupação do período em questão sobre o futuro racial da sociedade brasileira. Assim, mesmo sua construção das bases do ideário de democracia racial sendo tema central de críticas nos debates a respeito das configurações e especificidade do racismo brasileiro, as pesquisas evidenciam que, os elementos apresentados

¹ Pesquisa intitulada “Representações de Criança e Infâncias nas obras de Gilberto Freyre”, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Tatiane C. Rodrigues. Universidade Federal de São Carlos. Financiada pela agência Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Pesquisa intitulada “Criança e Infância nas obras de Gilberto Freyre”, sob a orientação da Prof.^a Tatiane C. Rodrigues, para obtenção do título de licenciatura plena em pedagogia da Universidade Federal de São Carlos.

por Freyre em suas obras com relação à infância e às crianças brancas, negras e indígenas, muito contribuem para a continuidade dos trabalhos na área dos estudos da infância no Brasil, podendo considerar Freyre, um dos primeiros a caracterizar a história da infância, e das crianças brasileiras, mesmo não sendo, esse seu principal objetivo. As análises das pesquisas evidenciaram também, a existência de um sentimento de infância anterior ao século XVII, oposto ao que o francês Philippe Ariès indica em sua teoria como sendo visão própria do mundo ocidental³, os grupos indígenas, por exemplo, reconheciam as particularidades e especificidades das crianças, interrompidas com a chegada da puberdade.

Diante deste percurso inicial exposto, esta pesquisa se desenvolve como continuidade à análise das produções da década de 1930 e tem como propósito apresentar uma cartografia dos estudos da infância no Brasil, tomando como referencial as obras de Arthur Ramos. Para a análise priorizamos as principais produções do autor na década em questão: Educação e Psicanálise (1934), Saúde do Espírito: Higiene Mental (1939), A Criança Problema: A Higiene Mental na Escola Primária (1939), com o objetivo de verificar quais são as descrições e de que maneira a criança e a infância são retratadas nessas obras, analisando em específico as relações etárias, étnicas, raciais e de gênero.

Arthur Ramos, durante o período da década de 1930, como diretor do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais – IPE desenvolveu um extenso trabalho com um projeto que privilegiava o estudo de crianças que apresentavam, na perspectiva dele, problemas de aprendizagem e de comportamento. Focado nas concepções psicanalíticas e nas concepções da higiene mental, que tinham como objetivo central estudar a formação de hábitos na primeira e na segunda infância, acompanhando toda a experiência familiar, escolar e social da criança, para prepará-la para a vida adulta, prevenindo-a de doenças mentais e “ajustando” sua personalidade humana, produziu todo seu trabalho fundamentado em análises que priorizavam todos os tipos de relações familiares e sociais que a “criança problema” estava inserida.

Após, suas observações nas clínicas da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM), instaladas dentro das escolas experimentais, que demonstraram os principais problemas das crianças que até então eram denominadas de “crianças anormais”, Ramos escreveu livros em forma de manuais preventivos e educativos, para pais e professores, que pretendiam ajudar a

³ Alex Monteiro em sua dissertação desenvolvida em 2005 afirma que Gilberto Freyre mesmo não tendo como principal objetivo escrever uma história da criança contribuiu com todos os elementos possíveis para começar a se pensar sobre, pois ao descrever minuciosamente em Sobrados e Mucambos a existência de duas infâncias dentro da sociedade brasileira acabou por identificar já em 1936, todos os valores de uma infância dentro da vida familiar, o que só veio ser apresentado por Ariès em 1960 como sendo visão própria do mundo ocidental.

combater e prevenir todos os “desajustamentos” identificados por ele durante suas observações.

Assim, considerando a centralidade de Arthur Ramos durante a década em questão, e toda sua extensa produção, a nossa hipótese, é a de que, mesmo o médico psiquiatra redigindo seus trabalhos voltados para a contribuição da psicanálise brasileira no campo educacional e, também para o campo da antropologia com estudos sobre o “homem” e a cultura brasileira (podendo ser considerado contribuinte na construção do ideário de democracia racial desenvolvido por Gilberto Freyre), a análise de suas obras, muito nos auxiliará, a pensarmos e preenchermos lacunas importantes sobre o campo dos estudos da infância no Brasil, a partir, das produções dos autores nacionais, durante um período político de questionamentos sobre a função da educação brasileira e, também a definição do povo brasileiro, no contexto de debates sobre a identidade nacional brasileira.

Os procedimentos metodológicos adotados são predominantemente análises bibliográficas e documentais, realizadas conjuntamente e organizadas da seguinte maneira:

Capítulo I– *Arthur Ramos e suas contribuições para a educação brasileira do século XX*, retorno à historiografia brasileira, destacando as principais mudanças no âmbito educacional durante a década 1930, e a relação de Arthur Ramos com os principais movimentos desenvolvidos na época em questão (Movimento da Escola Nova, Movimento Eugênico/Higienista), que tinha como finalidade preparar a população para a modernização da sociedade capitalista. Ressalto também, a vida e a trajetória profissional do médico psiquiatra, e como se consolidou a inserção da psicanálise infantil na educação brasileira.

Para fundamentar uma perspectiva crítica utilizamos como referência as obras: *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil* (2006), do norte-americano Jerry Dávila; *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil* (2011), da historiadora Lilia Moritz Schwarcz, e também *Arthur Ramos, Psicanálise e a Educação* (2008), da pesquisadora Fabíola Sircilli; *A Psicanálise entre a Higiene Mental e a Escola Nova na obra de Arthur Ramos: contribuições à História da Educação no Brasil* (2014), dissertação de mestrado do pesquisador Jeferson Mercadante.

Capítulo II – *Ao encontro com estudos contemporâneos sobre Arthur Ramos e suas principais produções*, apresento resultados de um levantamento bibliográfico analítico dos estudos contemporâneos sobre Arthur Ramos e suas produções, com o propósito de mapear o

que foi pesquisado sobre o autor até o momento, e no que esta pesquisa se diferencia, dialoga ou complementa estes estudos.

As pesquisas de alguma forma reforçam a nossa hipótese de que Arthur Ramos foi precursor em construir uma psicanálise científica da criança aplicada ao projeto educacional brasileiro desenvolvido na década de 1930 e, por isso, os trabalhos redigidos até o momento estão voltados para uma vertente pedagógica, psicológica e histórico educacional.

O levantamento foi realizado nas bases nacionais: Scielo e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), e também no Google que identificou artigos de revistas não indexadas.

A seleção dos artigos encontrados foi realizada por meio da análise de títulos e de resumos, às dissertações e teses foram aplicados o filtro de trabalhos na área da educação. Organizados em duas chaves temáticas:

1ª) *“O desenvolvimento da Educação Brasileira e a Psicanálise”*: a) Educação e Psicanálise; b) Educação, Psicanálise e o Movimento Higienista

2ª) *“As contribuições de Arthur Ramos para a definição científica da identidade brasileira”*: a) As religiões de matriz afro-brasileira; b) mestiçagem no Brasil e o Ideário de Democracia Racial; c) Psicanálise e o Debate Racial; d) Projeto UNESCO.

Capítulo III - Criança e Infância nas produções de Arthur Ramos, apresento primeiramente uma análise descritiva das produções de Ramos escolhidas para compor esta pesquisa, destacando por completo todos os pontos principais de cada capítulo dos livros selecionados. Em um segundo momento dedico-me à uma análise crítica do trabalho analítico de Arthur Ramos organizada em três principais linhas de análise intituladas: a) Psicanálise, Criança e Educação; b) Pensando a Criança e a Infância Brasileira, c) Fortalecendo a Construção de uma Sociedade Forjada no Mito da Democracia Racial.

II. Contextualizando a década de 1930

O final do século XIX e início do século XX foram marcados por importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais, inúmeros conflitos, disputas ideológicas e lutas por direitos no mundo todo. No Brasil, especificamente a partir, da abolição da escravidão (1888), teve início uma extensa preocupação com o destino da sociedade brasileira, com a construção de uma nação e identidade nacional, nesse período, as discussões sobre as relações raciais, por exemplo, passam a ser o centro do debate, e as teorias raciais,

transformam-se em argumentos aceitos para as justificativas das diferenças sociais e raciais que eram até então denominadas como atraso no desenvolvimento futuro do Brasil.

Com o processo de industrialização e a urbanização o perfil essencialmente agrário que dominava o Brasil, até a década de 1920, começa a se modificar, pois a classe trabalhadora passa a ocupar as grandes cidades, nesse período também termina a massiva imigração de europeus, justificada por intelectuais e políticos que acreditavam na miscigenação como meio de embranquecer a população e, a partir de então, o futuro racial no Brasil passa ser novamente a preocupação da futura política eugenista/higienista.

O fim da escravidão lançou a mão-de-obra, agora escravos libertos, no mercado de trabalho livre e engrossou o contingente populacional das cidades. A produção industrial, que aos poucos ocupava o lugar da produção agrícola, fez com que os trabalhadores se deslocassem, em grandes quantidades, do campo para a cidade. (...). A dilatação dos centros urbanos combinada à grande concentração populacional e uma completa carência de infraestrutura, resultou em precárias condições habitacionais e um número surpreendente de doenças assolou as cidades (WANDERBROOK; BOARINI, 2000). Foi assim que o discurso médico-higienista saltou aos olhos dos dirigentes republicanos, que se empenharam em projetos de controle higiênico das cidades, de proteção da sanidade da força de trabalho e da higiene infantil. (...). A República trouxe, pois, para o país, a imagem da modernidade. Porém, o Brasil continuou sendo um país de exclusão (MERCADANTE, 2014, p.28).

Nesse cenário, intelectuais brasileiros como Gilberto Freyre (Casa Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, etc.), Sergio Buarque de Holanda (Raízes do Brasil, etc.) e Caio Prado Jr (Formação do Brasil Contemporâneo, etc.) iniciam a tríade dos estudos coloniais, a partir de uma perspectiva culturalista, na tentativa de compreender a identidade nacional brasileira. Nessa linha de pensamento passou-se a diferenciar raça de cultura, separar herança cultural de herança étnica e considerar conceitos antropológicos de cultura como o conjunto de costumes, hábitos e crenças.

Em 1930, opera-se no Brasil uma evolução que buscava novos caminhos na orientação política do país, tendo como preocupação principal o desenvolvimento social. Uma tal orientação não podia mais se adequar às teorias raciológicas do fim do século XIX, tornadas obsoletas. Foi então que o sociólogo Gilberto Freyre fez seu aparecimento no cenário para atender a essa nova demanda. Ele retoma a temática racial até então considerada não apenas como chave para a compreensão do Brasil, mas também para toda a discussão em torno da questão da identidade nacional. Porém, ele desloca o eixo da discussão, operando a passagem do conceito de "raça" ao conceito de cultura (MUNANGA, 1999. p.78).

Gilberto Freyre elaborou uma reinterpretação da mestiçagem no Brasil, retornando a temática racial e modificando o conceito de raça para o conceito de cultura, transformando a

mistura racial (brancos europeus, negros africanos e indígenas) em aspectos positivo para a construção da identidade brasileira. Na concepção de Freyre, a mistura racial resultou em contribuições positivas à cultura brasileira, principalmente, no que diz respeito à indumentária, alimentação e relações sexuais, consolidando assim, o ideário posteriormente denominado de democracia racial.

“A ideia dessa dupla mistura, brotou lentamente o mito de democracia racial, “somos uma democracia porque a mistura gerou um povo sem barreira, sem preconceito”” (MUNANGA, 1999, p.80).

Segundo Munanga (1999), o mito da democracia racial baseado na mestiçagem biológica e cultural, que propaga uma convivência harmoniosa entre os indivíduos das diferentes raças, classe social e etnia, carrega uma influência profunda na sociedade brasileira, mascarando os conflitos raciais.

Para Emanuel Tadei (2002), a mestiçagem no Brasil não é algo natural como apresentado por Freyre, mas sim, um dispositivo de poder que foi utilizado como ferramenta principal para responder à urgência de um dado momento histórico. Assim, esse dispositivo pode ser entendido como:

um conjunto de saberes e de estratégias de poder que atua sobre nossa identidade nacional, tendo por objetivo integrar e tornar dóceis as etnias que estão na raiz de nossa nacionalidade (no caso os indígenas do continente e os negros africanos).(…) Ele se traduz por uma estrutura discursiva elementar que determina nossa forma de pensar e falar sobre o Brasil e sobre o problema racial brasileiro (TADEI, 2002, p.03).

As transformações não se limitaram às pesquisas teóricas, a elite intelectual muito trabalhou na tentativa de transformar a sociedade brasileira para a modernização e retirada do país da “categoria de atrasado”.

Com o apoio das elites urbanas, o Estado realizou uma série de reformas nas maiores cidades do país, a fim de modernizar as cidades e civilizar a população. A europeização das cidades, no entanto, não impediu que as diferenças sociais permanecessem e se repetissem. As elites agrária e industrial e as camadas médias urbanas se beneficiaram dessa expansão capitalista, enquanto os trabalhadores, imigrantes e “escravos de ganho”, permaneceram excluídos dos benefícios gerados, marcando a grande exclusão social da República Velha (MERCADANTE, 2014, p.28).

A educação nesse momento passa a ser considerada meio principal para essa transformação, profissionais da área da saúde, por exemplo, passam a ocupar espaços de direção e definição da política educacional.

Assim, surgem as grandes mudanças educacionais do final do século XIX e início do século XX às quais Arthur Ramos esteve diretamente relacionado, não apenas participando do comitê de pesquisadores que buscavam uma nova política para o país, como também foi um dos únicos a colocar seus estudos em prática. Para Ramos (1939, p.17), era um século de consequência lógica de um período conturbado de angústias e incertezas. O homem é o produto de uma “civilização doente”, pois, (RAMOS, 1939, p.17):

A máquina aniquilou-o. A máquina está formulando seres de movimentos automáticos e estereotipados, como Chaplin nos mostrou no seu filme “os tempos modernos”. E a personalidade humana está encontrando uma enorme dificuldade de se adaptar à civilização que ele mesmo próprio criou. Há um desajustamento tremendo do homem à técnica. Os bens materiais da civilização contemporânea carregam no seu bojo um mal estar insuportável, muitas vezes (RAMOS, 1939, p.18).

Todavia, para melhor compreendermos o momento revolucionário da década de 1930 e suas principais mudanças, no primeiro capítulo desta pesquisa, apresento uma descrição detalhada de quais foram os principais movimentos desenvolvidos no período em questão, destacando principalmente, as contribuições de Arthur Ramos para a educação brasileira, a partir de um projeto político eugenista; suas produções; sua relação com as teorias da psicanálise infantil desenvolvidas no Brasil e com as teorias antropológicas de Nina Rodrigues (tema este pouco desenvolvido devido suas respostas corresponderem aos estudos de Ramos em períodos e produções distintos ao escolhido para compor esta pesquisa).

Capítulo I- Arthur Ramos e suas contribuições para a educação brasileira do século XX

1.1 Vida e Trajetória Profissional

Arthur Ramos de Araújo Pereira nasceu na cidade de Pilar (Alagoas) em 7, de julho, de 1903, filho do médico Manuel Ramos de Araújo Pereira (clenicava gratuitamente para amigos e mais pobres) e Ana Ramos.

Faleceu aos quarenta e seis anos em Paris, no dia 20, de Outubro de 1949, momento em que dirigia o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, ao lado de Bertrand Russel, Jean Piaget, Maria Montessori e Julien Huxley, e esboçava um projeto de trabalho que tinha como propósito estudar as relações entre raças, a fim de, desencadear uma campanha contra o preconceito racial, que veio a ser aplicado na década de 1950.

Ramos durante sua vida foi médico psiquiatra, psicólogo social, etnólogo, folclorista e antropólogo brasileiro. Segundo Gusmão (1974), ele cresceu em um ambiente familiar muito estimulador, tendo contato desde a infância com bons jornais e livros, especialmente dentro da biblioteca do pai.

O Pilar, na época de meninice de Arthur Ramos, era uma cidade em pleno desenvolvimento com florescente economia, abrigando inteligência de valor no campo das letras e do magistério, possuindo bons jornais. Assim, o ambiente foi para ele estimulante, à parte a influência recebida do pai e do irmão (...). Por outro lado, desde a mais tenra idade, Arthur estava sempre surpreendendo os familiares e os discípulos pela lucidez dos seus argumentos e pela audácia de suas ideias (GUSMÃO, 1974, p.25).

Aos quinze anos publicou seu primeiro artigo no semanário “O Pilar”, aos dezesseis anos iniciou suas atividades didáticas dando aulas de português para o ensino primário, no Colégio São João, onde estudava.

Em 1921, Ramos ingressou no curso de medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo o curso no ano de 1926. Durante esse tempo, continuou a contribuir com os jornais de Maceió e Pilar, escrevendo sobre diferentes assuntos e, também para o “Diário da Bahia” e “Revista Acadêmica” a qual ajudou a fundar. Seus primeiros trabalhos sobre Etnologia intitulados: “o culto da lua”; “Tradições Áfrico-Brasileiras”, foram publicados em 1922, e “Folclore e Sociologia” em 1923, no jornal de Alagoas.

Em relatos de colegas da faculdade e companheiros de república, Ramos era apresentado como uma pessoa extremamente dedicada e organizada para os estudos, que estava sempre acompanhado por livros, e costumava estar sempre bem informado sobre as notícias de política e sociedade. Apenas, aos finais de semana, tinha seus momentos de lazer.

Arthur Ramos era muito metódico. Começava a estudar invariavelmente às oito horas da noite, não importando a animação da conversa dos estudantes, em torno de um cafezinho, que eles chamavam de “o bonde”. Até de madrugada havia luz no quarto de Arthur Ramos, que só nas noites de sábado ia ao cinema (THÉO BRANDÃO apud GUSMÃO, 1974, p.27).

Em 1926, Ramos defendeu sua tese intitulada: “*Primitivo e Loucura*” recebendo muitos elogios de Sigmund Freud, Paul Eugen Bleuler e Lucien Lévy Bruhl, com quem mantinha contato por correspondências. Sendo também muito comentada por revistas mundialmente famosas. Sua tese tinha como objetivo “a analogia entre o homem primitivo e o alienado” (GUSMÃO, 1974, p.29). Em 1927, foi nomeado médico psiquiatra assistente do Hospital S. João de Deus na Bahia.

Em 1928, tornou-se médico legista do Serviço Médico do Estado da Bahia - Instituto Nina Rodrigues. Durante esse tempo como médico em Salvador - Bahia, Ramos realizou pesquisas que o levaram a redigir sua tese de livre-docência denominada: “*A Sordicie nos alienados-Ensaio de uma psicopatologia da imundicie*”, e também teve seu primeiro contato com as questões da cultura negra, por meio, de estudos do médico e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues⁴, repensando conceitos referentes à mestiçagem no Brasil, e aplicando os conceitos da psicanálise. Baseado nas teorias de Nina Rodrigues sobre desigualdade racial, inferioridade do negro e degeneração do mestiço, Ramos diferentemente de Nina Rodrigues acreditava na ideia de não existir desigualdades raciais, mas sim, desigualdades culturais, podendo assim, ser considerado contribuinte na construção da ideia de democracia racial desenvolvida por Gilberto Freyre.

Em 1934, a convite de Anísio Teixeira⁵ (responsável pela Instrução Pública do Distrito Federal e um dos líderes do movimento educacional chamado Escola Nova), Ramos assumiu o cargo de direção da SOHM, do Departamento de Educação do Rio de Janeiro. Assumiu também, em 1936, as aulas de Psicologia Social na Universidade do Distrito Federal e, em

⁴ Raimundo Nina Rodrigues (1862- 1906) foi fundador da antropologia criminal brasileira e pioneiro nos estudos sobre a cultura negra no Brasil. Desenvolveu pesquisas sobre origens étnicas da população e a influência das condições sociais e psicológicas sobre a conduta do indivíduo.

⁵ Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) foi jurista, educador e escritor brasileiro. Considerado o principal idealizador das grandes mudanças educacionais do século XX, liberou o movimento escolanovista e implantou escolas públicas em todos os níveis de ensino.

1946, a cátedra da Antropologia, vindo a ser consagrado como o pai da antropologia brasileira.

Arthur Ramos e Anísio Teixeira durante o início da década de 1930 atuaram em conjunto na área da educação, juntos colocaram em prática um projeto educacional, que privilegiava o estudo de crianças escolarizadas com o objetivo de classifica-las segundo seu potencial intelectual e aptidão, viabilizando tratar aquelas que apresentassem problemas de aprendizagem (SIRCILLI, 2005, p.185).

Segundo Mercadante (2014), a partir do ano de 1937, Ramos começa a abandonar seus interesses pelas teorias psicanalíticas e passa a dedicar-se mais especificamente aos estudos das relações raciais, adotando o culturalismo na compreensão da vida do negro no Brasil.

Durante sua vida intelectual, Arthur Ramos deixou um legado de mais de quinhentos trabalhos publicados, entre livros, artigos de jornais, artigos em periódicos científicos e outros, abordando temas dos mais diversos, assim não podemos aqui descrever todos, mas sim, aqueles escolhidos para compor a análise desta pesquisa.

No livro *“Educação e Psicanálise”*, publicado no ano de 1934, a convite de Afrânio Peixoto⁶, Ramos descreve as noções de psicanálise aplicadas no ambiente escolar expondo “contribuições” à prática pedagógica, a obra está dividida em nove capítulos abordando temas como: teoria de Freud sobre a sexualidade infantil, a psicologia individual de Adler, práticas de análise infantil (“Pedanálise”- sonhos, fantasias diurnas e estudos de jogos e brincadeiras).

O livro *“A Criança Problema: a higiene mental na escola primária”*, publicado no ano de 1939, é resultado das pesquisas desenvolvidas pelo médico psiquiatra durante seu tempo no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do IPE. Nessa produção, Ramos apresenta sua concepção de “criança problema” e as causas que originam as dificuldades de aprendizagem dessas crianças baseado em análise conjunta de laudos médicos, da família e da escola. O livro está dividido em duas partes: 1º denominada “As Causas” aborda discussões como a herança e o ambiente; a criança mimada e a criança escorraçada; as constelações familiares; o filho único; avós e outros parentes, na 2º parte denominada “Os Problemas” a criança turbulenta; tiques e ritmias; as fugas escolares; os problemas sexuais; medo e angústias; a mentira infantil e os furtos.

Em *“Saúde do Espírito: higiene mental”*, publicado também no ano de 1939, Ramos teve como objetivo apresentar um manual defendendo uma formação de hábitos, em especial, para os adultos lidarem com a criança em busca de pessoas ajustadas à sociedade moderna

⁶ Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) médico, político, professor, historiador brasileiro.

(AMORIN; et al, 2017, p.214). O livro está dividido em dez capítulos e aborda temas como: o surgimento da higiene mental; herança biológica e o meio social; concepção de infância; sexualidade e gênero; o papel da família; criança mimada e criança escorraçada; a higiene mental na escola; e conselhos do médico psiquiatra sobre uma possível educação para indivíduos saudáveis.

1.2 Movimento Escolanovista no Brasil

Em um contexto de pós-abolição e de um processo crescente de industrialização e urbanização passa-se a gestar um projeto político de modernização que elege a educação como elemento central de transformação e adequação do país, “motivando reformas educacionais fundamentas em princípios oriundos da Europa e dos Estados Unidos” (SIRCILLI, 2008, p. 25).

A começar pelo chamado “ensino tradicional”, que desde o final do século XIX, vinha sofrendo críticas contundentes ao seu método de ensino e aprendizagem, intelectuais da época buscavam ideias inovadoras para a renovação do sistema educacional brasileiro. É nesse cenário que surge o movimento escolanovista no Brasil (Escola Nova).

No livro *“Introdução ao Estudo da Escola Nova”*⁷ (1930) Lourenço Filho descreve a diferença entre a pedagogia tradicional e a Escola Nova:

a primeira, compreendendo um sistema fechado, de conhecimentos estáticos, e a segunda, privilegiando a formação de espíritos críticos e criadores, em busca do desenvolvimento de capacidades e aptidões, pautada em uma “nova compreensão das necessidades da infância, inspiradas em conclusões de estudos biológicos e da psicologia”, expandindo-se também para uma compreensão das relações da escola com as demandas da vida social (FILHO apud SIRCILLI, 2008, p.26).

O movimento escolanovista brasileiro estava baseado, não apenas nas teorias educacionais progressistas de John Dewey⁸, mas também (DÁVILA, 2006, p. 209) no fordismo e no taylorismo como meios para racionalizar o ensino e administração, além dos testes de inteligência de Lewis Terman, que organizavam as crianças em grupos.

Conforme Sircilli (2008, p.27):

⁷Lourenço Filho sistematizou as bases do movimento escolanovista brasileiro nas áreas de biologia, da psicologia e da sociologia (SAVIANI apud MERCADANTE, 2014, p.44).

⁸ John Dewey (1859-1952) foi um filósofo e educador norte-americano que influenciou intelectuais do mundo todo, no Brasil foi inspirador do movimento Escola Nova. Dewey defendia a democracia e a liberdade de pensamentos como instrumentos para manutenções emocionais e intelectuais das crianças.

Dewey acredita na escola como meio de integrar o homem à sociedade, respeitando suas aptidões naturais, valorizando a lógica da criança para educá-la de modo espontâneo. Para o autor, a escola deve ser um espaço planejado para funções educativas reguladoras, que eliminem aspectos negativos do ambiente e estimulem a mudança do padrão mental do educando, por intermédio do conhecimento científico (SIRCILLI, 2008, p.27).

“A Escola Nova foi a corrente pedagógica de maior influência na história da educação brasileira do século XX” (BITTAR, 2009, p.90), ganhando destaque a partir da década de 1930, com a publicação do documento “*Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*” (1932), redigido por Fernando de Azevedo⁹ e assinado por diferentes intelectuais brasileiros como: Anísio Teixeira e Lourenço Filho¹⁰. O Manifesto baseado em fundamentos filosóficos e pedagógicos propunha o ensino laico, público, gratuito e obrigatório desde a educação infantil até o ensino superior, “sugeriu uma educação que levasse o indivíduo a desenvolver seus potenciais e, assim, aplicá-los à comunidade, objetivando o progresso da sociedade” (SIRCILLI, 2008, p.25). Segundo Cunha apud Sircilli (2008), esse documento resultou na dissidência de dois grupos, os reformadores liderados pelos escolanovistas e os conservadores católicos. Pois, para os pioneiros liberais, não havia lugar para a instrução religiosa nas instituições públicas laicas, já para os conservadores católicos uma escola pública sem instrução religiosa não estava educando (DÁVILA, 2006, p.252).

Anísio Teixeira ao retornar de seu mestrado no *Teachers College* da Universidade de Colúmbia, em 1931, foi contratado por Pedro Ernesto¹¹ para reinventar o sistema educacional do Rio de Janeiro, assim, iniciou a reforma do sistema escolar público da cidade, construindo escolas em bairros periféricos, fazendo com que o número de crianças matriculadas crescesse significativamente. Para Dávila (2006, p.211):

sob o plano de Teixeira, o sistema escolar atingiria todas as crianças da cidade aplicando “racionalização sistemática” à educação pública. Os professores seriam treinados e supervisionados sob métodos científicos, e as escolas seriam alugadas conforme estudos de demografia estatística. Os alunos seriam classificados e agrupados homogeneamente de acordo com seu desempenho em exames de inteligência e maturidade (...). Além de expandir o sistema escolar e racionalizar sua administração, Teixeira procurou transformar o sistema escolar em um farol do progresso e da inovação científico-social para o restante do Brasil. Ele converteu a

⁹ Fernando de Azevedo (1894-1974) educador, crítico, sociólogo brasileiro, exerceu cargos de diretor geral em diferentes instituições, foi secretário da educação e saúde do estado de São Paulo, etc.. Foi também, o redator do documento Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova e participante ativo do movimento escolanovista.

¹⁰ Manuel B. Lourenço Filho (1897-1970) foi jornalista, educador brasileiro, conhecido por sua participação ativa no movimento escolanovista do século XX e, também, organizador da primeira escola de São Paulo. Acreditava que o problema da educação estava na própria organização social.

¹¹ Pedro Ernesto R. Batista (1884-1942) foi médico e político público. Interventor do Rio de Janeiro foi o “primeiro prefeito a tentar integrar os subúrbios pobres e favelas na rede de serviços sociais e organização política” (DÁVILA, 2006, p.208).

escola normal em um Instituto de Educação criado conforme o modelo do Teachers College de Colúmbia (DÁVILA, 2006, p.211).

Anísio Teixeira criou também o Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), cujos departamentos de Ortofrenia e Higiene Mental e Antropometria, empregavam muitos dos principais intelectuais responsáveis pelos estudos raciais, mantendo as teorias e práticas antropológicas, médicas e psicológicas, fundamentadas na eugenia (DÁVILA, 2006). Ainda, segundo Dávila (2006, p. 211), “ao longo da reforma de Teixeira, o conceito nacionalista eugênico de saúde esteve solidamente consolidado à escola pública”.

O Instituto de Pesquisas Educacionais tinha como objetivo realizar investigações sociais e psicológicas que dariam fundamentos a planos, programas e métodos de ensino, desenvolvendo medidas de rendimento e eficiência escolar (NUNES apud SIRCILLI, 2008, p.10). A Seção de Ortofrenia e Higiene Mental chefiada por Arthur Ramos, desde 1934, a convite de Anísio Teixeira, “oferecia atendimento a crianças nas chamadas Clínicas de Orientação Infantil, instaladas em escolas públicas da cidade” (ABRÃO apud SIRCILLI, 2008, p.10). Segundo Ramos (1949), nas clínicas de higiene mental infantil o campo de ação era imenso, estudava-se a formação de hábitos na primeira e na segunda infância, fazendo acompanhamentos escolares, acompanhamento à adolescência e preparação do jovem para a vida adulta. Ao total foram atendidas duas mil crianças durante seus cinco anos de funcionamento.

As contribuições do projeto desenvolvido por Arthur Ramos para área da psicanálise e da educação estão registradas em seu livro “*A Criança Problema: a higiene mental na escola primária*” (1939). De acordo com Sircilli (2008), nesse livro o médico psiquiatra, faz um esboço do movimento de higiene mental desenvolvido no Brasil e no mundo.

Descrevendo a rotina dos trabalhos das clínicas da Seção de Ortofrenia, instaladas em seis escolas do Distrito Federal; relata as dificuldades escolares das crianças fazendo a caracterização de vários casos atendidos, e transcreve os registros dos pacientes e as explicações quanto à etiologia de cada distúrbio, bem como os encaminhamentos e soluções oferecidos (SIRCILLI, 2008, p.10).

As atividades da SOHM do IPE são encerradas com o golpe de estado de Getúlio Vargas e a implantação do Estado Novo, em 1939, pois desde então, uma nova concepção de educação passa a vigorar (SIRCILLI, 2008).

Anísio Teixeira, em 1939, após deixar a Secretária da Educação, escreve uma carta a Arthur Ramos, afirmando suas expectativas aos resultados promissores dos seus trabalhos desenvolvidos na SOHM, para ele, os serviços de Ramos era um dos poucos desenvolvidos no

Departamento de Educação que apresentavam uma verdadeira mudança para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem (GARCIA, 2010).

Entre tantas coisas que ensaiamos no Departamento de Educação, o seu serviço e o de Miss Williams pareceram-me sempre os mais profundos, aqueles que mudaram um pouco a própria qualidade do processo educativo. Tudo mais era acréscimo, retificação, ajuste destinado a um melhoramento de eficiência no que se vinha sempre fazendo. A seção de ortofrenia e higiene mental era uma mudança de plano. Era um ensaio de educação moral científica. Era, francamente, uma aventura para o dia de amanhã. Em nenhum outro serviço, afirmamos, mais vigorosamente a nossa confiança na ciência (TEIXEIRA apud GARCIA, 2010, p.82).

1.3A Inserção da Psicanálise no Brasil

A inserção das ideias psicanalíticas se consolidou no Brasil a partir do século XIX quando Juliano Moreira¹² passou a fazer menção às teorias de Sigmund Freud¹³ em sua Cátedra de Psiquiatria na faculdade de Medicina da Bahia, segundo Abrão (2008), desde então, inúmeros intelectuais da área de psicologia, psiquiatria, pediatria, pedagogia, passaram a se apropriar dos métodos psicanalíticos, não como tratamento terapêutico para pacientes neuróticos, mas sim, como um conjunto de ideias facilmente aplicadas a diferentes esferas do universo cultural e científico.

O médico Durval Marcondes¹⁴ fundou a primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise da América Latina, acreditando que as teorias psicanalíticas beneficiariam o trabalho dos médicos e ajudariam nos conflitos educacionais, segundo Morkrejs apud Sircilli (2008, p.13):

Marcondes acreditava que as teorias psicanalíticas muito beneficiariam o trabalho dos médicos, se levassem em conta os transtornos psicológicos de seus pacientes. Chamou atenção também, para as vantagens do uso de teorias psicanalíticas para intervir em conflitos educativos, em casos de crianças com distúrbios de caráter. Em 1934, Marcondes dedicou-se com afinco à luta pela formação da Universidade de São Paulo e pela conseqüente criação das cátedras de Psicologia e Psicanálise no Curso de Medicina (MORKREJS apud SIRCILLI, 2008, p.13).

¹² Juliano Moreira (1873-1933) médico psiquiatra brasileiro, considerado precursor da disciplina psiquiátrica no Brasil. Foi o primeiro professor no Brasil a citar Sigmund Freud e suas teorias psicanalíticas no ensino de medicina.

¹³ Sigmund Freud (1856 – 1934) médico neurologista, criador da psicanálise, desenvolveu conceitos como: inconsciente, conflito psíquico, recalque, sexualidade infantil e pulsão de morte.

¹⁴ Durval Marcondes (1899-1981) psiquiatra e psicanalista brasileiro considerado pioneiro do movimento psicanalítico no Brasil.

Inúmeros opositores se apresentaram contra as ideias de Marcondes, “por considerarem o freudismo uma perigosa ameaça ao prestígio e à credibilidade da classe média” (SIRCILLI, 2008, p.13).

Portanto, a iniciativa de inserção à psicanálise no Brasil durante os primeiros anos do século XX, por meio da medicina, foi algo realizado em meio às disputas ideológicas que levaram a iniciativa ao fracasso, e fizeram com que a mesma passasse a ser integrada por meio da educação. Assim, segundo Abrão (2008), a psicanálise passa a ser inserida na educação brasileira a partir de duas vias, a primeira através da divulgação e teorização, e a segunda na prática através dos trabalhos desenvolvidos nas clínicas de orientação infantil.

A psicanálise revelou, desde a sua origem, profundo interesse pela infância, pois Freud considerava que a causa dos problemas psicológicos dos adultos podia ser localizada nos primórdios da vida (BORTOLOTTI; CUNHA, 2013, p.65), portanto vários intelectuais seguidores da teoria freudiana consideravam a psicanálise o melhor meio para auxiliar a melhoria das relações entre alunos, educadores e pais, acarretando o melhor desenvolvimento das crianças na escola, eles acreditavam, que essas teorias “contribuiriam para a adoção de modelos educacionais menos repressivos que evitassem o surgimento de patologias psicológicas” (BORTOLOTTI; CUNHA, 2013, p.13). Mas, para Mercadante (2014), a psicanálise só foi inserida no Brasil devido às condições de interesses histórico-sociais previstas naquele momento e, não diretamente uma psicanálise baseada seriamente nas concepções de Freud, mas uma psicanálise alicerçada ao movimento higienista e escolanovista brasileiro.

A penetração da Psicanálise no Brasil deve ser vista, portanto, sob o foco das condições histórico-sociais que permitiram a sua ocorrência e determinaram as bases sobre as quais se constituiria não a Psicanálise de Freud, mas uma Psicanálise invocada pelo ideário higienista e escolanovista brasileiro, que serviria de alicerce para o surgimento, nos anos seguintes, das propostas de atendimento às crianças, fundadas em interesses das classes dominantes em nome do progresso e desenvolvimento das elites nacionais (MERCADANTE, 2014, p. 64).

A psicanálise infantil avançou no Brasil por meio da educação com a chegada das propostas inovadoras de métodos de ensino e aprendizagem do movimento da Escola Nova, particularmente por meio das clínicas de orientação infantil. De acordo, com Abrão apud Bortoloti; Cunha (2013, p.66):

Apropriaram-se da psicanálise para criarem subsídios teóricos e práticos para que os professores, em sintonia com as novas diretrizes pedagógicas, renovassem seus métodos de ensino em função das características psicológicas das crianças, o que por

sua vez, vinha aprimorar os resultados da nova educação (ABRÃO apud BORTOLOTI; CUNHA, 2013, p.66).

Nessa ocasião, Arthur Ramos está dirigindo a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, empregando seus conhecimentos psicanalíticos na articulação de uma proposta de trabalho inovadora até o momento. Para Abrão (2008), Ramos pode ser considerado um dos precursores da psicanálise infantil no Brasil, pois não só teorizou extensamente sobre o tema, como também conseguiu migrar essas teorias do campo teórico para a prática.

Segundo alguns autores, o interesse de Ramos pela psicanálise se iniciou quando ainda era estudante de medicina, e a partir da crença de que nessa teoria seria possível encontrar soluções para vários problemas da realidade brasileira, aparentemente insolúveis. Seu interesse pelo estudo da infância foi revelado em seu ensaio “*Os suicídios de crianças (Ensaio Psicológico)*,” apresentado à Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia, em 1928. Para Silva apud Sircilli (2005, p.189), a “maneira como Ramos dissertou sobre o suicídio infantil não deixou dúvidas quanto à sua aprovação às teorias freudianas”.

Para Sircilli (2005, p.189), a aproximação de Ramos com a psicanálise deve ser entendida mediante o percurso de inserção das teorias psicanalíticas no Brasil, em particular no campo da educação escolar.

As clínicas de Ortofrenia e Higiene Mental atendiam crianças de escolas públicas, denominadas pelos educadores como incapazes de aprender, submetendo esses alunos a uma série de avaliações médicas e psicológicas, de maneira a obter um diagnóstico mais preciso sobre seu comportamento, ou verificar eventual problema de natureza orgânica que estivesse prejudicando seu desenvolvimento intelectual (BORTOLOTI; CUNHA, 2013, p.67).

Para Mercadante (2014, p.80), os trabalhos desenvolvidos na SOHM, apresentavam um discurso que soava favorável ao trabalho educacional, enquanto na prática, conduziam a um maior controle sobre os indivíduos, facilmente manipulados pelos ideários higienista e escolanovista.

Em seu livro “*A Criança Problema: a higiene mental na escola primária*” (1939), Ramos aponta, que a partir desse estudo, foi identificado que 90% das crianças descritas como “anormais” pelos seus educadores, eram na verdade, denominado por Ramos “crianças problemas”, ou seja, eram crianças vítimas de uma série de problemas sociais e familiares que refletiam nos seus inúmeros “desajustamentos” no ambiente escolar, em especial, as “crianças mimadas ou escorraçadas”, eram as que mais apresentavam problemas de comportamento ou dificuldade no seu desenvolvimento de aprendizagem. Por isso (BORTOLOTI; CUNHA, 2013), Ramos considera de extrema importância que os educadores conheçam as teorias

psicanalíticas para conseguirem lidar com as crianças que apresentam problemas de comportamentos ou dificuldades de aprendizagem.

No ano de 1934, Arthur Ramos publicou seu livro “*Educação e Psicanálise*”, baseado na teoria freudiana sobre sexualidade infantil, e também na teoria da psicologia individual de Adler, com o propósito de divulgar aos educadores as contribuições das teorias psicanalíticas para educação e como esta auxiliaria na compreensão do comportamento das crianças. Para Mercadante (2014), Ramos foi precursor de uma psicanálise fragmentada e descomprometida com suas origens, ao escrever um livro baseado nas teorias freudianas como contribuintes aos problemas da educação.

1.4 Movimento Higienista/Eugênico

Como já destacado em outro tópico desta pesquisa, o Brasil durante o período entre guerras passou por inúmeras mudanças econômicas e sociais, a expansão industrial e o crescimento urbano, acarretaram de um lado o crescimento da burguesia industrial e de outro no operariado urbano, crescia nesse período também o número de mestiços¹⁵, considerados pela elite brasileira uma classe “culturalmente atrasada” que colocava o Brasil em desvantagens a outros territórios ocidentais. De acordo com Dávila (2006, p.52), as subclasses de raça mista e não brancas do Brasil eram, segundo a opinião geral, culturalmente atrasadas e, na opinião de alguns, racialmente degeneradas. Schwarcz (2011, p.18), destaca que:

Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava. (SCHWARCZ, 2011, p.18)

Durante esse período, acreditavam que, “a ciência poderia ser árbitro final das relações sociais” (DÁVILA, 2006. p.52). Assim, vários intelectuais (eugenistas) passaram a aplicar as teorias científicas estrangeiras aos estudos dos problemas nacionais do Brasil. Para Schwarcz:

O país passava de objeto a sujeito das explicações, ao mesmo tempo que se faziam das diferenças sociais variações raciais. Os mesmos modelos que explicavam o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental passaram a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos – “classes perigosas” a partir de então – nas palavras de Silvio Romero transformavam-se em “objetos de ciencia” (prefácio a Rodrigues, 1933/88) (SCHWARCZ, 2011, p.28).

¹⁵ Mestiço é o indivíduo que como tal se identifica, de cor parda ou não, e que é descendente de mestiço ou de qualquer miscigenação entre índio, branco, preto, amarelo. Fonte: <https://nacaomestica.org/blog4/?p=2252>

Todavia, os eugenistas brasileiros baseados nas teorias científicas estrangeiras (lamarckiana e mendeliana¹⁶), discutiam se a população brasileira poderia sofrer mudanças genéticas a partir do cuidado com a saúde, higiene e educação, ou se essas mudanças genéticas só poderiam ser alcançadas com o fim da reprodução dessas “subclasses atrasadas”.

Na teoria genética de Mendel era preciso que a população brasileira deixasse de se reproduzir para que fosse possível atingir o branqueamento e a fixação de uma única raça. Por isso, os intelectuais eugenistas considerando o fato de o Brasil naquele momento já ter se tornado um país completamente miscigenado, aderiram à teoria genética francesa lamarckiana, baseada na mudança do ambiente e valores culturais, pois prometia resultados mais imediatos e positivos. De acordo com Schwarcz (2011, p.18):

Do darwinismo social adotou-se o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem que se problematisassem as implicações negativas da miscigenação. Das máximas do evolucionismo social sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e “aperfeiçoamento”, obliterando-se a ideia de que a humanidade era uma. Buscavam-se, portanto, em teorias formalmente excludentes, usos e decorrências inusitados e paralelos, transformando modelos de difícil aceitação local em teorias de sucesso. (SCHWARCZ, 2011, p.18)

A eugenia¹⁷ brasileira era defendida por uma confederação de médicos sanitaristas, psicólogos, antropólogos, cientistas sociais, engenheiros, advogados, educadores, que tinham como objetivo “ver o Brasil sair da beira da degeneração provocada pela mistura de raças e culturas, e pela pobreza e costumes primitivos e insalubres” (DÁVILA, 2006, p.54).

Assim, na segunda década do século XX, esses intelectuais passaram a criar associações (Sociedade Eugênica de São Paulo, Liga da Higiene Mental, Associação de Biotipologia, Liga Pró-Saneamento), e organizar programas de políticas públicas e sociais, que garantissem os

¹⁶ Lamarck sustentava que o comportamento e o meio ambiente dos pais poderiam moldar os genes da descendência: a tuberculose ou o alcoolismo, por exemplo, produziriam bebês degenerados. Em contraste, para Mendel o material genético não podia ser alterado no curso de uma vida. Os eugenistas “leves” aceitavam a melhoria racial por meio da atenção à saúde, influências de reprodução. Os eugenistas “pesados” não aceitavam a modificação de traços, e se concentravam na eliminação de traços indesejáveis por meio do controle de reprodução (mais de setenta mil pessoas foram esterilizadas nos Estados Unidos. Esses esterilizados eram, em geral, pobres, frequentemente negros e considerados “débeis mentais”) (DÁVILA, 2006, p.53).

¹⁷ Termo criado pelo cientista britânico Francis Galton, em 1883, (do grego eugen-s, “bem nascido”), para representar as possíveis aplicações sociais do conhecimento da hereditariedade para obter-se uma desejada “melhor reprodução”. Outros definiram a eugenia como um movimento pelo “aprimoramento” da raça humana, vale dizer, pela preservação da “pureza” de determinados grupos. Como ciência, a eugenia se baseou nos entendimentos supostamente novos das leis da hereditariedade humana. Como movimento social, envolveu propostas que permitiram à sociedade assegurar a constante melhoria de sua composição hereditária encorajando indivíduos e grupos “adequados” a se reproduzirem e, talvez mais importante, desencorajando ou evitando que os “inadequados” transmitissem suas inadequações às gerações futuras (STEPAN, 2005, p.09).

ensinamentos da política eugênica baseada não só nas ciências biológicas, mas também cultural e psicológica.

Através do movimento pela saúde e higiene pública, foram criadas políticas públicas visando embranquecer pelo comportamento e as condições sociais da população. As instituições de ensino se tornaram um ambiente fundamental contra a batalha da “degeneração”, os educadores transformaram essas instituições em laboratórios eugênicos, e passaram a testar suas teorias sobre as crianças (DÁVILA, 2006, p.56).

Isso porque, com o deslocamento da classe trabalhadora para as cidades, e devido suas condições de vida precárias, inúmeras doenças começaram a se proliferar. Segundo Boarini apud Sircilli (2008, p.35):

As más condições de moradia, as longas jornadas de trabalho de mulheres e crianças, a grande incidência de acidentes de trabalho e a insalubridade das fábricas fizeram surgir as teses da necessidade da educação higiênica, voltada especialmente para as camadas mais pobres da sociedade. Foi a época das grandes cruzadas em favor da higiene: higiene escolar, higiene social, puericultura, higiene mental, educação física e educação sanitária (...). A higiene passou a ser vista como solução não só para doenças físicas, mas também para as chamadas doenças psíquicas, que afetavam os bons costumes e a moral. A higienização, enfim, tornou-se um imperativo psíquico e moral (BOARINI apud SIRCILLI, 2008, p.35).

Dávila (2006), destaca que o movimento da educação pública cresceu com base na teoria de que a “inferioridade” era decorrência de sua herança racial ou cultural e poderia ser minimizada. Assim, “médicos e educadores trabalharam juntos para aplicar as teorias eugênicas ao complexo de problemas que chamavam de degeneração” (2006, p.60).

Quando Anísio Teixeira assumiu a direção do Departamento de Educação do Rio de Janeiro, os estudos científicos estavam totalmente direcionados ao nacionalismo eugênico, e Teixeira juntamente com outros membros da Liga Brasileira de Higiene Mental (Roquette Pinto¹⁸; Arthur Ramos; Lourenço Filho e Afrânio Peixoto), passam a enfrentar o desafio de pesquisar os problemas de “degeneração” da população brasileira.

Na Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, dirigida por Arthur Ramos, estudava-se a psicologia infantil e adaptação psicológica/sociológica à sociedade moderna (DÁVILA, 2006, p.69). Segundo Abrão apud Sircilli (2008, p.35):

Ramos é tido como um expoente do higienismo no Brasil, mas é preciso esclarecer que o movimento da Higiene Mental dividia-se em duas vertentes. A primeira,

¹⁸ Edgard Roquette Pinto (1884-1954) médico, professor, escritor, antropólogo, etnólogo, foi fundador da Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, emissora voltada apenas para fins educacionais nos vários níveis de ensino. Fonte: <http://www.fm94.rj.gov.br/index.php/controladorhistorico>.

definida como “política”, era eugenista, ligada a concepções nazistas de “purificação da raça”, abordando, entre outros temas, a prevenção de doenças, como o alcoolismo. A segunda foi criada e desenvolvida por Durval Marcondes em São Paulo e pelo próprio Arthur Ramos, no Rio de Janeiro, visando atuar em escolas primárias, no atendimento a crianças que necessitassem de intervenção psicológica, para isso aplicando conhecimentos da Psicanálise (ABRÃO apud SIRCILLI, 2008, p.35).

Neste contexto, Ramos começa a aproximar-se dos discursos higienistas da sua época, passando a se preocupar não apenas com a saúde orgânica, mas também com a saúde mental. Em relato sobre o movimento de higiene mental Ramos declara que:

Nunca o homem precisou tanto de higiene mental como nos dias atribulados da civilização contemporânea, em que a angústia, de individual, se tornou coletiva, precipitando os homens, as sociedades, as nações, uns contra os outros, separando-os em concepções, credos, convicções diversas e irreconciliáveis. A higiene mental é uma técnica de ajustamento da personalidade humana desviada das suas finalidades sociais, e que procura adquirir ou recuperar o equilíbrio e a tranquilidade (PREFÁCIO, 1939).

Ramos durante suas pesquisas modifica o foco de estudo da higiene mental, passando da criança “anormal” para o da criança “normal”. Para ele (1949, p.21):

O objetivo inicial da higiene mental era a “prevenção das doenças mentais”, pelo estudo e afastamento de todas as causas que conduzem à alienação mental. Mas, em pouco esses objetivos se ampliaram. Houve uma mudança de eixo: da cura das psicoses à prevenção da doença mental; da assistência ao alienado à proteção do homem “normal”, no estudo largo dos seus desajustamentos psico-sociais. A personalidade humana vive dentro de conflitos e desajustamentos de toda a natureza: emocionais, sociais, domésticos, culturais... (RAMOS, 1949, p.21).

O principal campo de ação da higiene mental era a infância, pois segundo Ramos (1949), é na infância que se consegue prevenir as doenças mentais e o “ajustamento” da personalidade humana, construindo seu caráter para a vida adulta. A higiene mental herdando os princípios da psicologia social contemporânea estuda a criança como indivíduo móvel, complexa, influenciada pelo seu meio e que reage de diferentes maneiras a essas influências.

Em seu livro “*A criança problema: a higiene mental na escola primária*” (1939) o médico psiquiatra descreve que os problemas comportamentais, adaptativos e psicológicos emergiam de condições sociais, psicossocial ou ambientes inadequados atribuindo o mau comportamento das crianças a más influências em seus lares (DÁVILA, 2006). Para Ramos (1949), o homem deve ser estudado dentro do círculo complexo das influências do meio, produto de sua civilização e da sua sociedade.

Durante seu trabalho na SOHM, Ramos propôs a criação de círculos de pais e mães com o propósito de eliminar maus hábitos, estudar as moradias e sua influência na personalidade das crianças (Nunes apud Sircilli, 2008). Pois, segundo Ramos (1949, p.42), o papel da habitação, no desenvolvimento da criança estava sendo estudado pelos higienistas apenas sob o ponto de vista da higiene geral e, não do ponto de vista psicológico.

Já em seu livro “*Saúde do Espírito: Higiene Mental*” (1939), o médico psiquiatra, apresenta regras dirigidas aos pais e educadores de como conduzir uma criança, buscando convencer a sociedade sobre a importância da higienização mental.

Para Dávila (2006, p.76):

Culpar os pais pelos desajustamentos físicos e psicológicos dos filhos significava culpar sua cultura e cor de pele. Ramos descreve uma cultura de pobreza na qual as influências domésticas sobre as crianças que moravam em condições inferiores se traduziam em comportamento patológico (DÁVILA, 2006, p.76).

Ainda, segundo Dávila (2006, p.73), Ramos utilizou o sistema escolar do Rio de Janeiro para seus estudos de caso sobre aspectos culturais do aperfeiçoamento da raça, refletindo a elasticidade dos limites disciplinares no contexto da eugenia. Autores como Amorim; et al, acreditam que o pensamento de Ramos se aproxima da eugenia, no que diz respeito ao constructo de uma sociedade limpa, ordenada e adaptada à sociedade capitalista (2017, p.10).

Contudo, vale aqui ressaltar, a contraposição de argumentos como de Ronaldo Garcia, que acredita existir um grande equívoco nas pesquisas que apontam Arthur Ramos como participante do movimento higienista, pois segundo ele (2010), Ramos em seus trabalhos não estava preocupado em eleger um modelo ideal de brasileiro e muito menos associar a escala de vida social dos indivíduos como empecilho para o desenvolvimento do país, mas sim, com a melhoria das condições precárias de vida dos indivíduos, e com a possibilidade de manter uma “sociedade mentalmente equilibrada” para que os sujeitos tivessem a oportunidade de superar ou se prevenir de futuras doenças. Ainda, segundo Garcia (2010, p.159), Jerry Dávila “parece confundir a defesa de melhores condições de vida e dignidade para a população como sendo tentativa de impor um padrão de brancura”.

Capítulo II – Ao encontro de estudos contemporâneos sobre Arthur Ramos e suas principais produções

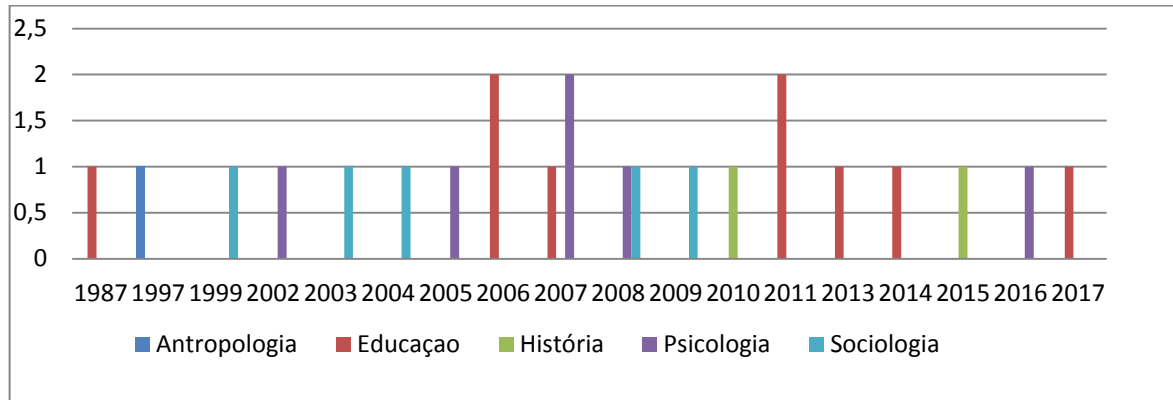
Segundo Creswell (2010), a revisão literária é compreendida como uma das primeiras etapas de uma pesquisa científica, pois permite que o pesquisador compreenda no que o estudo proposto acrescenta, amplia ou reproduz as pesquisas já realizadas. Portanto, a primeira fase desta pesquisa foi dedicada à realização de um levantamento bibliográfico e à análise de diferentes perspectivas no âmbito dos estudos contemporâneos sobre Arthur Ramos e suas produções, com o propósito de mapear o que vem sendo pesquisado sobre o autor até o momento e no que esta pesquisa se diferencia, dialoga ou complementa esses estudos.

Inicialmente realizamos um levantamento de artigos no Scientific Electronic Library Online (SCIELO), no Google, que resultou em artigos de revistas não indexadas, e também na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) com os seguintes descritores “*Arthur Ramos*”, “*criança e Arthur Ramos*”, “*infância e Arthur Ramos*”.

No Scielo encontramos cinquenta e sete artigos, após a leitura de títulos e resumos, selecionamos apenas quatorze para compor a análise deste estudo, na busca pelo Google ao considerarmos o excesso de informações captadas, selecionamos apenas os primeiros nove artigos. Totalizando vinte e três artigos, em diferentes áreas do conhecimento que abordam diretamente as concepções de Arthur Ramos e suas produções.

Na busca à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) identificamos quatro trabalhos entre dissertações e teses que contemplam o recorte temático desta pesquisa e correspondem ao filtro estabelecido para esse momento: *área da educação*. São esses: Tese de Doutorado de Ronaldo A. G. Garcia (2010); Dissertação de Mestrado de Jefferson Mercadante (2014); Dissertação de Mestrado de Juliana V.A. David (2012); e a tese de Doutorado de Crístia Rosineire G.L. Correa (2015).

A primeira chave de análise corresponde a uma classificação por ano e área de conhecimento dos artigos selecionados.

Gráfico 1. Classificação por ano e área de concentração de artigos selecionados.

O **gráfico 1** ilustra a distribuição dos artigos publicados por ano e por área de conhecimento, podemos notar que os estudos centralizados nas produções de Arthur Ramos, se iniciam em 1987 na área de Educação, depois encontramos um em 1997 na área de Antropologia, após um em 1999 em Sociologia e, ficam em suspenso, voltando apenas a partir do ano de 2002 na área de Psicologia. A partir de então, localizamos um artigo em cada ano relacionado a uma área de concentração, apenas no ano de 2006 encontramos dois artigos em educação, no ano de 2007 dois artigos na área de psicologia e um na educação, em 2008 um artigo em história e outro em sociologia e 2011 dois em educação.

Destaca-se que as análises críticas de suas produções começam a surgir principalmente a partir de 1980, uma possível hipótese para este marco advém da criação, a partir da década de 1970, dos primeiros cursos de pós-graduação e da consolidação de novas ferramentas teóricas para a análise do processo de ensino e aprendizagem das crianças, para além das influências da leitura médica e psiquiátrica.

Ao analisarmos o gráfico e considerarmos que nesse momento do levantamento bibliográfico foram selecionados todos os trabalhos com enfoque nas discussões sobre o médico psiquiatra e suas produções, notamos que, trata-se de um autor ainda pouco estudado diante do número de publicações e de sua atuação fundamental na educação nas décadas de 1930 e 1940. Uma das hipóteses que pretendo percorrer, por meio, da análise de seus livros, é a de que, seus trabalhos pautados em fundamentos da psicologia e psicanálise fundamentaram os debates emergentes deste período para a formação do sistema educacional brasileiro, as temáticas abordadas por ele são ainda recorrentes no debate contemporâneo ainda que inspiradas por outras perspectivas teóricas e práticas.

Para Creswell (2010), nesta etapa da pesquisa, é necessário que o pesquisador organize um mapa da literatura, sendo esse, um resumo visual das pesquisas, que já foram conduzidas por outros autores. Assim, para melhor compreendermos, os estudos relacionados ao médico psiquiatra Arthur Ramos, e suas principais produções, a segunda chave de análise deste levantamento corresponde a um breve recorte descritivo dos objetivos de cada artigo (**APÊNDICE**), dissertação e tese que serão posteriormente mencionados durante este estudo.

Os trabalhos foram organizados em duas chaves temáticas que denominamos de: **1ª)** “O desenvolvimento da Educação Brasileira e a Psicanálise” (abordando trabalhos que demonstram a importância de Arthur Ramos durante o período de 1930 a 1940; sua ligação com o movimento higienista e a Escola Nova do período em questão; sua contribuição para a educação juntamente com Anísio Teixeira; sua proposta de criação das clínicas de higiene mental no Rio de Janeiro e em São Paulo por Durval Marcondes; sua contribuição à implementação da psicanálise na educação), **2ª)** “As contribuições de Arthur Ramos para a definição científica da identidade brasileira” (abordando trabalhos que demonstram a participação e a importância de Ramos nos debates com relação à mestiçagem no Brasil; sua contribuição para o pensamento antropológico e cultural brasileiro; os estudos de Ramos sobre antropologia voltada à compreensão das religiões afro-brasileiras; sua vigência durante o período como diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO; suas contribuições para o ideário de democracia racial).

2.1 O desenvolvimento da Educação Brasileira e a Psicanálise

a) Educação e Psicanálise

O estudo *“Psicanálise e Educação: Arthur Ramos – Um episódio da história da educação no Brasil”* escrito pela autora Elisabete Mokrejs, publicado na revista da Faculdade de Educação de São Paulo, no ano de 1987, objetivou descrever o processo de implementação das ideias da psicanálise no Brasil, que teve início fortemente a partir da educação. A autora explica que apesar de muitos estudos de Freud, no período em questão, terem sido formados por médicos, os temas referentes à educação aparecem em muitos textos, caracterizando assim, possíveis vertentes na relação de suas ideias com o processo de ensino e aprendizagem. Entre muitos estudos que abordam o assunto, para a autora, é importante destacar o nome de Arthur Ramos e sua obra *Educação e Psicanálise* na qual o médico psiquiatra relata as principais noções de psicanálise aplicadas à educação. Todavia, a autora, reúne no artigo as principais ideias descritas por Ramos em seu livro, destacando que, o ponto de partida do

médico psiquiatra para escrever *Educação e Psicanálise*, foram os conceitos do movimento da Escola Nova, tendo a criança como alvo principal.

O artigo intitulado “*Arthur Ramos e Anísio Teixeira na década de 1930*”, escrito por Fabíola Sircilli, publicado na revista *Paidéia*, no ano de 2005, descreve um esboço das ideias de Anísio Teixeira dentro do movimento da Escola Nova, e também as iniciativas e concepções de Arthur Ramos, focando nas produções *Educação e Psicanálise* e *A Criança Problema*. Assim, primeiramente, a autora descreve uma breve biografia de Arthur Ramos e a atuação de Anísio Teixeira dentro da área educacional, e o que foi o movimento Escola Nova. E descreve ainda sobre Arthur Ramos, sua ligação com a psicanálise e com a higiene mental. Para Sircilli (2005, p.192), compreender em maior profundidade as ideias de Ramos é imprescindível para melhor elucidar o movimento educacional renovador desenvolvido no Brasil, em especial no tocante à administração Anísio Teixeira no Distrito Federal.

O artigo intitulado “*Anísio Teixeira e a Psicologia: o Diálogo com a Psicanálise*” dos autores Karen F. da Silva Bortoloti e Marcus V. da Cunha, publicado na revista *História da Educação* online no ano de 2013, teve como objetivo analisar as ideias e atuações de Anísio Teixeira nos primeiros anos da década de 1930, focalizando as suas concepções acerca da relevância da psicanálise para a renovação educacional no Brasil. Para isso, primeiramente, os autores fazem uma contextualização histórica sobre a inserção das ideias psicanalíticas no Brasil. Num segundo momento, contextualizam as ideias da psicanálise durante o período do movimento da Escola Nova, destacando que, as teorias psicanalíticas e as teorias higienistas ganharam grande avanço com a implantação desse movimento de renovação das concepções educacionais e dos métodos de ensino, através das clínicas de orientação infantil, destacando também, que o marco inicial entre a psicanálise e o escolanovismo foi o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, dirigida por Arthur Ramos.

Em um terceiro momento, os autores contextualizam a relação de Anísio Teixeira e as teorias psicanalíticas, destacando que, foi o princípio da heterogeneidade psicológica que conduziu Teixeira ao encontro da Higiene Mental e da psicanálise (2013, p.70), pois o mesmo defendia as ideias que enfatizavam o cuidado com o corpo e a mente para o desenvolvimento saudável do indivíduo e da abertura de oportunidades para o desenvolvimento de todos os talentos. Para concluir, os autores destacam que para Anísio Teixeira, a criança deveria ser estudada não apenas em seus aspectos físicos, mas também no que concerne à sua história, a sua relação com o meio e às suas origens. E, os educadores deveriam compreender que o objetivo primordial da educação é o indivíduo que se desenvolve na relação com o ambiente (2013, p.74). Durante o trabalho os autores dialogam com: Perestrelo (1988); Mokrejs (1993);

Xavier (1999); Nunes (2000); Russo (2002); Barros (2003); Rocha (2003); Oliveira (2006); Abrão (2008); Sircilli (2008).

No Artigo ***“Arthur Ramos: um personagem da psicanálise no Brasil”***, escrito por Ferreira; et all, publicado na revista Cadernos de Graduação: ciências humanas e sociais, no ano de 2016, as autoras apresentam uma detalhada biografia de Arthur Ramos, destacando sua vida intelectual e, suas produções relacionadas à psicanálise no Brasil.

No Artigo ***“Educação e Psicanálise: a criança problema na perspectiva de análise da obra de Arthur Ramos”***, escrito por Ronaldo Garcia, publicado na revista Práxis Educativa, no ano de 2006, o objetivo foi o de reconstruir criticamente a trajetória de Arthur Ramos junto à Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, o autor destaca que, existe uma vasta bibliografia de Anísio Teixeira e o movimento Escola Nova, mas com relação a Arthur Ramos, muito pouco foi estudado, principalmente com relação às suas ideias e projetos pedagógicos, desenvolvidos na Seção de Ortofrenia e Higiene Mental. Assim, primeiramente, foram descritos os problemas teóricos metodológicos da história da educação, após, uma biografia da vida intelectual e profissional de Arthur Ramos e, por fim, uma análise do conceito de “criança problema” e do funcionamento do serviço de higiene mental do Rio de Janeiro nas décadas de 1930 a 1940.

Segundo Garcia (2006), através de um estudo da obra de Arthur Ramos pode-se notar, que muitos dos problemas atuais presentes nas escolas, já foram discutidos desde 1930, ou seja, há uma resistente permanência nos discursos e nas práticas educacionais. Destaca ainda (2006), que a produção de Ramos é marcada por uma contradição que está presente também em seus diferentes estudos, a questão dos serviços da seção de ortofrenia e higiene mental representa um apoio importante ao processo de ensino e aprendizagem, reencaminhando as crianças tidas antes como “anormais” à escola e criando meios para sua adaptação e, ao mesmo tempo, podendo ser considerado um trabalho que permite maior controle sobre os indivíduos, gerando seres alienados e facilmente manipuláveis por diferentes ideologias.

Durante o estudo Garcia dialoga com: Carvalho (1984); Reis (2000); Tambara (2000); Lopez (1997); Guimarães (2004); entre outros.

Outro estudo de Ronaldo Garcia intitulado ***“Arthur Ramos e Durval Marcondes: Higiene Mental, psicanálise e medicina aplicadas à educação nacional”*** publicado na revista Educação e Sociedade, no ano de 2014, aborda criticamente a proposta das clínicas de higiene mental criadas nas primeiras décadas do século XX por Durval Marcondes em São Paulo e Arthur Ramos no Rio de Janeiro. A proposta dessas clínicas escolares era receber crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem, assim para o autor (2014), ao analisar as

respectivas propostas de intervenção nas escolas através da higiene mental e da psicanálise, é possível identificar conceitos de infância, família e educação. Primeiramente, Garcia faz um resgate da vida intelectual de Arthur Ramos, após, uma breve descrição sobre a relação de Durval Marcondes com a psicanálise, medicina e educação, em um terceiro momento, aborda como era o funcionamento das “clínicas de higiene mental escolar”.

Destacando que, no período em questão, a preocupação era com a possibilidade do início de uma ciência do comportamento, que ajudaria no caminho para uma nova realidade social retirando-a da condição de “atraso”, assim diante dos diferentes caminhos a educação e o trabalho focado nas crianças pequenas pareciam trazer resultados positivos, os adultos, principalmente pais, também eram importantes dentro desse projeto. Para Garcia (2014), algumas das características das clínicas de Durval Marcondes e Arthur Ramos poderiam ser retomadas em novos modelos, como era o caso das equipes multidisciplinares, pois a carência da participação de alguns profissionais trabalhando conjuntamente é notória, mas que, poderia acarretar novas possibilidades de avanços para a qualidade da educação escolar pública, tão necessária ao crescimento do país.

Em sua tese de doutorado intitulada *“A educação na trajetória intelectual de Arthur Ramos: Higiene Mental e Criança Problema (Rio de Janeiro 1934-1949)”*, apresentada no ano de 2010, ao programa de Pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos, Ronaldo A.G. Garcia teve como objetivo reconstruir criticamente o papel da educação na trajetória intelectual de Arthur Ramos, e também apresentar Arthur Ramos como um intelectual de seu tempo, envolvido com as polêmicas de sua época no interior do campo e pensando formas de superação dos dilemas educacionais e sociais, e também analisar suas propostas pedagógicas e de intervenção na escola por meio da higiene mental (GARCIA, 2010).

No início da tese, Garcia explica que já fazia tempo que vinha produzindo trabalhos voltados para a análise das obras de Arthur Ramos, inicialmente seu interesse estava em compreender a contribuição do médico psiquiatra para o estudo da cultura negra no Brasil, seus desdobramentos sociais, políticos e ideológicos, mas no ano seguinte, após, ler um artigo sobre o livro de Jerry Dávila publicado no Jornal de São Paulo na coluna “Mais” o qual o antropólogo norte americano afirma ter existido no Brasil um projeto de eugenia financiado pela ditadura varguista e com o apoio de importantes intelectuais do movimento Escola Nova (inclusive Arthur Ramos), Garcia afirma (2010), que ficou muito interessado em prosseguir os estudos, só que a partir daquele momento, buscando também conhecer as preocupações de Ramos no campo da educação. Sua hipótese, foi a de que ao contrário do que Dávila acreditava Arthur Ramos teve um papel fundamental como intelectual com profundo

compromisso ético, científico e humanista na defesa de uma educação que viesse a transformar a nação e integrá-la ao mundo desenvolvido, industrial e urbano (GARCIA, 2010, p.16).

Garcia, baseado em outros intelectuais acredita que, existe uma falsa visão das produções e pensamentos de Ramos, pois, segundo ele (2010), alguns críticos sem conhecimentos suficientes da vida intelectual e política do médico psiquiatra acabam por fazer análises totalmente equivocadas, principalmente ao identifica-lo como colaborador das teorias eugenistas da época em questão.

(...) alguns sem o devido conhecimento da obra de Arthur Ramos e de sua trajetória política e acadêmica, acabavam cometendo graves equívocos. O mais comum era identificar o médico baiano como colaborador do Estado Novo e de o mesmo ter criado teorias eugenistas (...). Ramos sempre foi um crítico contundente da ditadura Vargas e, por isso, foi monitorado pelos aparelhos de investigação do Estado Novo. Era tido como suspeito de colaborar com organizações de esquerda, por várias vezes sua vida privada foi invadida pela polícia em busca de indícios que pudessem incriminá-lo (GARCIA, 2010, p.84).

Nessa ocasião, o autor afirma (2010), que Dávila ao identificar tanto Ramos quanto os outros intelectuais participantes do movimento Escola Nova como defensores das ideias eugenistas, não se preocupou em analisar o papel dos mesmos no contexto histórico em questão, pois, mesmo sendo contemporâneos, assumiram funções diferentes e em momentos distintos.

Durante a análise das produções de Ramos, Garcia identificou críticas consideradas severas do médico psiquiatra com relação às propostas de branqueamento da população brasileira.

Em várias de suas obras Ramos condenava veementemente as propostas de branqueamento da população brasileira, bem como a suposta inferioridade do negro. Alegava o autor alagoano que a pobreza e a miséria a que viviam submetidos grande parte da população brasileira era o grande obstáculo para o pleno desenvolvimento da nação e não as pessoas que aqui habitavam. Para Ramos, dois problemas essenciais colaboravam para impedir a plena integração de negros e mulatos à vida social brasileira: as precárias condições de sobrevivência que por sua vez também levam a uma degradação do comportamento (...). Mesmo nestes casos, o autor nunca culpava o indivíduo ou sua etnia pela sua própria sorte. (...) (GARCIA, 2010, p.86).

Para o autor (2010), Dávila não se preocupou em analisar o esforço de Ramos em romper com teorias eugenistas e propor um olhar diferente para a questão da integração dos negros a sociedade brasileira. Outro fato questionado era o de Dávila não ter apresentado críticas a Anísio Teixeira, considerando assim, que o norte americano apresenta falhas em seus

argumentos já que os mesmos intelectuais apresentados por ele eram convidados do principal reformador deste período. Ainda segundo o autor (2010, p.87):

Dávila simplificou demais a questão ao tomar branca como sinônimo de saúde, educação, cultura e melhores condições de vida e a negritude como indicações de pobreza, miséria e doenças. (...). Esta maneira de apresentar a questão racial no Brasil também pode revelar um preconceito por parte do autor norte americano, na medida em que os negros não poderiam almejar uma vida mais digna, pois, assim estariam se tornando brancos. Ao que tudo indica Dávila (2006) não conseguiu compreender o tipo de debate que havia no Brasil do começo do século XX em torno da questão racial (GARCIA, 2010, p.88).

Garcia defende o fato de Arthur Ramos ter contribuído para a construção de uma sociedade mais justa e livre de preconceitos, a partir também, da preocupação do médico psiquiatra em divulgar para a sociedade suas investigações científicas. Defende o Brasil como sendo exemplo para o mundo, pois uma vez, que aqui os conflitos inter-raciais teriam sido evitados graças à plena integração do colonizador europeu num processo de mestiçagem intensa (GARCIA, 2010, p.88), considerando Ramos juntamente com Gilberto Freyre os pioneiros dos estudos culturalistas sobre o negro, apontando sob o olhar de outros autores, que ambos defendiam a mesma concepção sobre “democracia racial”.

Todavia, para responder aos seus objetivos propostos, o autor baseou-se no conceito marxista das obras de Fernandes, Ianni e o conceito de patrimonialismo de Faoro para traçar a linha econômica, política e social do Brasil, nos conceitos de campo intelectual e habitus de Bourdieu para definir Ramos como cientista e erudito no contexto dos debates políticos e teóricos no período em questão (1934 a 1949). Seu trabalho foi estruturado de maneira a apresentar e contextualizar a trajetória de vida e intelectual de Arthur Ramos juntamente com o contexto histórico que o mesmo estava inserido.

Em suas considerações finais, o autor aponta o fato de muitos problemas atuais da escola que estão sendo considerados como inéditos, são apenas, velhos dilemas que já estavam sendo discutidos desde as primeiras décadas do século XX, e que não foram resolvidos durante a nossa longa trajetória educacional. Cita o fato de as produções de Arthur Ramos apresentarem algumas contradições e, por isso, seus críticos, assim como Dávila, oportunizaram-se das ambiguidades dessas obras para levantarem críticas muito severas e polêmicas contra o médico psiquiatra.

Segundo Garcia (2010), sua pesquisa comprova que não existia relação alguma entre Arthur Ramos e os intelectuais do governo Vargas, ao contrário, sua atuação política e intelectual o colocava em posições opostas à política centralizada no autoritarismo. Para

Garcia (2010, p.187), Dávila reordenou as alianças e os grupos da maneira que lhe pareceu conveniente. Assim, deformou o entendimento histórico e fez brotar uma interpretação pontilhada de informações equivocadas.

Na dissertação de mestrado de Juliana V.A. David intitulada *“Pela criança, para a família: a intervenção científica no espaço privado através do Serviço de Ortofrenia E Higiene Mental”*, apresentada no ano de 2012, para a obtenção de título no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, buscou analisar estratégias variadas destinadas à intervenção no espaço doméstico, focalizando as prescrições voltadas a este e alguns aspectos da dinâmica estabelecida nas relações entre família, criança e escola, através das observações do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental dirigido por Arthur Ramos na década de 1930, com o propósito de contribuir com o campo de história da educação, sobre a educação ministrada para as famílias e, por meio delas, para a sociedade brasileira do início do século XX. Assim, primeiramente, a autora relata o projeto de reforma educacional desenvolvido no período em questão que visava à constituição de uma sociedade moderna através da educação, e também uma biografia de Arthur Ramos, destacando seu papel e suas ações dentro do serviço de ortofrenia e higiene mental. Segundo a autora, em seu trabalho Ramos é compreendido como “um intelectual de seu tempo, multifacetado e comprometido com o projeto reformador em curso” (2012, p.28).

Explica que a criação das clínicas de ortofrenia e higiene mental dentro das escolhidas escolas públicas experimentais do Distrito Federal eram justificadas pela reforma educacional de Anísio Teixeira baseada na complexidade da vida social moderna, por isso, para a autora, os estudos do médico psiquiatra reuniam uma análise significativa sobre a escolarização e o vínculo entre o ambiente escolar e ambiente familiar. A valorização da relação entre escola e família esteve apoiada na preocupação a cerca da heterogeneidade social, que motivou ações em prol das análises da influência do ambiente sobre a aprendizagem e o comportamento dos alunos (2012, p.33).

Ao ressaltar movimento higienista desenvolvido do período em questão, Juliana David faz uma crítica ao norte americano Jerry Dávila, afirmando que, o autor ao classificar as ações de medida eugênica de Ramos e outros intelectuais, apenas pelo um viés racial sobretudo na temática familiar, parece ter desconsiderado que a eugenia, neste período, englobava uma série de questões, além das raciais, que deveriam ser trabalhadas no sentido de aperfeiçoar de forma “integral” os indivíduos e, no caso específico, as crianças (2012, p.40).

Destaca ainda que se os intelectuais interessados na reformulação educacional estavam interessados na educação como instrumento eficaz para higienizar e branquear a população, não era apenas esse o único e principal foco, pois:

Para além da cor, questões sociais permeavam as preocupações desses sujeitos, atentos ao contato dos indivíduos com ambientes impróprios comumente relacionados à pobreza e ao espaço urbano, situações que, como muitas outras, passam a ser também alvo de interesses (DAVID, 2012, p.41).

Em um segundo momento, a autora descreve algumas fichas de observação comportamental com o propósito de analisar a forma de vida das famílias atendidas nas clínicas de ortofrenia e higiene mental, identificando questões como, as estruturas familiares, a relação entre família e escola, as condições de habitação e a relação entre pais e filhos, e quais eram os comportamentos e hábitos do ambiente doméstico, considerados causadores de problemas. Para a autora, é possível compreender as fichas de observação comportamental, como um instrumento que objetivava classificar, adentrar e intervir na individualidade e nas questões privadas da vida do aluno atendido. (...) Essas são fontes, que mesmo não diretamente, auxiliam na compreensão da relação família e escola deste projeto (2012, p.45).

De acordo com a autora (2012), a preocupação com a formação dos alunos atendidos na SOHM apresentava uma contribuição para pensar a criança de forma muito mais global, considerando seus fatores ambientes. Para ela, Ramos contribuiu de maneira positiva, ao pensar a “criança problema” através de desajustamentos decorrentes de maus hábitos do ambiente social, afastando de estigmas pré-determinados, como por exemplo, os raciais apontados por Jerry Dávila. Pois, (2012, p.53):

Através das fichas, foi possível detectar que a questão racial, apesar de ser um dos itens destacados, não configura como um fator dominante na constituição de “crianças-problemas”. (...) as crianças são classificadas em “brancas, pardas ou pretas”, bem como seus pais, mas não encontrei nenhuma evidência que pudesse relacionar a cor aos “problemas” apresentados (DAVID, 2012, p.53).

A autora destaca também que as fichas fazem menções às religiões classificadas como católicas, “não praticante” e espírita (identificada como atitudes prejudiciais, e as causas de medo e angústia ligados a superstição).

Outra análise realizada é a questão de Ramos atribuir às condições econômicas como fator primordial na aprendizagem e no comportamento da criança, o médico psiquiatra identificou que as crianças que mais apresentam dificuldades de aprendizagem são as vindas de famílias de baixa renda, para Juliana David, independente da realidade das constelações familiares e da

situação econômica nas quais a criança estava inserida, alguns elementos apontados nas fichas (momentos destinados a brincadeiras, brinquedos utilizados, tipo de companhia para o lazer, questão dos horários e qualidade de alimentação, trabalho infantil) podem ser compreendidos como valorizados na vida infantil, sendo variadas as formas como os mesmos eram incorporados pela família.

Sobre a relação entre a família e a escola, a autora ressalta que, podem ser observadas em três aspectos: 1º “pais que dizem não saber o que fazer”, reconhecendo sua incapacidade de conseguir educar seu filho; 2º pais que demonstram resistência em colaborar com a escola; 3º pais que demonstram atitudes de aproximação e até mesmo colaboração com o SOMH.

A autora destaca também as habitações e os “vícios tóxicos e sociais” registrados nas fichas, e também sobre as “crianças escorraçadas e mimadas”. Afirmando que:

As fichas demonstraram formações familiares variadas, reforçando a impossibilidade, que já vem sendo bastante sublinhada na historiografia, de se pensar em uma configuração única de família. A intenção de formar um modelo ideal pode ser identificada, nas ações do SOHM, ao observarmos o que era considerado como condutas nocivas (DAVID, 2012, p.74).

Em um terceiro momento, Juliana David faz uma análise sobre os livros (manuais de higiene mental) de caráter preventivo e educativo escritos por Arthur Ramos, considerando que os mesmos foram publicados como um importante veículo de divulgação de ideias e saberes em direção às famílias, professores e todos envolvidos nas questões educacionais, e também sobre os significados desses manuais no contexto da época e sua relação com as questões expressas nas fichas analisadas.

De acordo com a autora (2012), muitas vezes a educação domiciliar não estava em consonância com a escolar, assim, foram elaboradas estratégias diversificadas no âmbito do projeto reformulado, como publicações de livros e realizações de palestras para as famílias, ministrando conselhos, solicitando sua colaboração.

Por fim, Juliana David conclui, afirmando que, o SOMH “deixou contribuições significativas ao campo educacional, pela relevância em meio ao projeto de reforma no qual estava inserido” (2012, p.100). E ao retornarmos em algumas ações entre a relação família e escola conseguimos proporcionar novas reflexões e uma compreensão mais detalhada acerca de uma temática ainda hoje muito presente no campo educacional.

Afirma também que os principais pontos de análise do SOHM estão focados no comportamento das crianças no espaço escolar, que priorizam as questões relativas à aprendizagem e ao fracasso escolar do aluno, assim, é possível pensar que esse projeto se

inscreve em um cenário de transformação da criança em aluno, que, em um primeiro momento, tencionava modificar e afirmar comportamentos adequados ao lugar a ser ocupado (2012, p.99).

O artigo *“A criança- problema e o governo da família”* de autoria de Ana Laura Lima, publicado na revista *Estilos da Clínica*, no ano de 2006, teve como objetivo examinar o surgimento da expressão “criança problema” nos discursos educacionais e discutir efeitos de sua utilização nos textos especializados sobre os problemas de comportamento na infância. Para isso, a autora analisa as produções de Arthur Ramos com relação à educação e à psicanálise, com base no conceito de “governamentalidade” em Foucault. Primeiramente, é apresentado o conceito de governo dentro da teoria de Foucault, após, a autora descreve o conceito de “criança problema” estabelecido por Arthur Ramos, como se desenvolveu o trabalho do médico psiquiatra, frente ao serviço da seção de ortofrenia e higiene mental, sua importância dentro do campo da educação, e como a psicanálise passa a ser desenvolvida para transformar o comportamento e a personalidade, não só da criança que passa a ser estudada dentro das suas constelações familiares, como também da família e da sociedade como um todo, adaptando-as aos interesses do governo.

O artigo *“A escola do psiquismo na argumentação de Arthur Ramos”* dos autores Marcus V. da Cunha e Fabiola Sircilli, publicado na revista *Educação em questão* no ano de 2007, se desenvolveu a partir da ideia da escola como lugar destinado a educar por meio da interferência nos componentes psicológicos dos educandos. O objetivo foi descrever alguns momentos representativos da história dessa modalidade de escola e ensino, considerando que, sua consolidação se deve à contribuição de diferentes pensadores. Assim, primeiramente, os autores trazem as concepções filosóficas e educacionais de Rousseau, Kant, Fichte e Dewey, em seguida, analisam os argumentos de Arthur Ramos sobre a aplicação dos conceitos psicanalíticos na educação, com destaque para o livro *Educação e Psicanálise* (1934). Para isso, utilizam-se da metodologia baseada na “nova retórica” de Perelman e Olbrechts – Tyteca.

Para os autores, a defesa de Arthur Ramos sobre a inserção da psicanálise no campo educacional obteve influências decisivas na elaboração do que eles denominaram de “escola do psiquismo”. Segundo os autores (2007, p.166), Ramos deu um passo significativo no caminho aberto por Rousseau, Kant, Fichte e Dewey, entre tantos outros, que puseram em destaque o valor do indivíduo no processo educacional, e o fez sem desconsiderar a função política da educação.

O estudo intitulado “*A introdução das ideias relativas à psicanálise de criança no Brasil através de Arthur Ramos*”, escrito por Jorge Abrão, publicado na revista Memorandum, em 2008, apresenta uma investigação histórica relativa às ideias da “psicanálise de criança no Brasil”, destacando as principais obras de Ramos dedicadas ao tema criança. Assim, primeiramente, o autor traz uma breve contextualização de como as primeiras ideias psicanalíticas surgiram no Brasil, ressaltando que, o médico psiquiatra destacou-se entre seus contemporâneos, pois além de divulgar sistematicamente as ideias psicanalíticas, no período em questão, teve o mérito de introduzir de maneira pioneira no Brasil, um modelo de atendimento à criança com dificuldades escolares inspirado na psicanálise (2008, p.38). Na segunda parte do estudo, Abrão descreve uma breve biografia de Ramos, discutindo sobre pontos-chaves de suas produções dedicadas ao tema da psicanálise infantil, destacando duas chaves de compreensão deste sistema teórico: a primeira voltada à divulgação de informações psicanalíticas no meio educacional brasileiro e, a segunda dedicada ao desenvolvimento de um trabalho prático destinado ao atendimento de crianças com dificuldades escolares (2008, p.38).

Todavia, para Abrão (2008), a análise dos trabalhos de Ramos possibilita caracterizar o entendimento do autor em relação à criança, e à educação da época em questão, destacando três aspectos que, segundo ele, merecem uma análise mais detalhada: a primeira diz respeito, às concepções de criança apresentadas nas produções às quais Ramos passa a atribuir uma identidade própria que a diferencia do adulto, sustentando a ideia de que, os primeiros anos da infância devem receber maior atenção, devido sua importância para o desenvolvimento futuro da criança. A segunda questão abordada diz respeito à relação professor e aluno, ao considerar que a maneira como ambos se relacionam interfere no processo de ensino e aprendizagem, pois se faz necessária, a formação psicanalítica do educador. A terceira diz respeito à noção de profilaxia na criança, que carrega duas concepções que apesar de apresentarem semelhanças, apresentam também, diferenças conceituais, de um lado autores fundados no ideal eugênico, utilizaram a psicanálise infantil acreditando que ao oferecer uma educação saudável às crianças evitava-se o desenvolvimento de sintomas neuróticos na vida adulta, por outro lado temos a concepção de profilaxia de Arthur Ramos dando foco à prevenção da doença mental, através da compreensão das manifestações sintomáticas da criança em idade escolar.

Para Abrão (2008), Arthur Ramos pode ser considerado precursor da “psicanálise de criança no Brasil”, ao considerar o caráter inovador de suas ideias e contribuições para a época em questão e para as gerações que o sucederam.

O estudo intitulado “*A invenção da criança problema e a psiquiatrização da infância no Recife*” de autoria de Humberto Miranda, publicado na revista Ano VII, no ano de 2010, teve como objetivo analisar os documentos que registraram os motivos de entrada e saída das crianças na Casa de Detenção ou Presídio Especial de Recife, para traçar as primeiras práticas e debates sobre a psiquiatrização especificamente na infância do Recife. Segundo o autor (2010), o Diário de Pernambuco, em 1937, publicou uma matéria específica sobre os “menores delinquentes”, trazendo o discurso de que um dos caminhos para a resolução do problema da delinquência infantil era o investimento em pesquisas em diferentes áreas do conhecimento científico, que traziam preocupações, que dialogavam com as novas formas de pensar a infância no Brasil.

Iniciando o artigo, Miranda a partir de relatos, descreve como funcionavam essas casas de detenção, destacando que, as crianças encaminhadas para lá geralmente eram crianças de ruas, outras porque os pais não tinham condições financeiras para alimentá-las ou casos de pais que achavam que os filhos precisavam de disciplina. O autor relata que o cotidiano das crianças que lá viviam foi marcado por uma “pedagogia do trabalho”, pois acreditavam que, por meio, do trabalho essas crianças poderiam se “ressocializar”. No dia a dia, essas crianças dormiam, trabalhavam, estudavam e realizavam refeições extremamente precárias. As crianças que ali estavam passam por exames psiquiátricos, e dependendo dos resultados eram encaminhados ou reencaminhados para as instituições de Manicômio Judiciário. Em um segundo momento, Miranda descreve a criação do termo “criança problema” por Arthur Ramos, destacando (2010), que este termo foi criado quando o médico psiquiatra passou a discutir a questão dos “desvio de conduta” das crianças por meio da psicanálise, ou seja, Ramos buscava responder os estudos sobre a criminalidade a partir das teorias psicanalíticas freudianas, considerando as questões subjacentes e não somente as questões sociais. Descreve também, a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental da década de 1920, que atuava no espaço da família, trabalho, escola, abordando as diferentes questões sobre a infância. De acordo com autor (2010, p.132), a psiquiatrização infantil surgiu a partir da necessidade de expansão da psiquiatria enquanto ciência de sua relação com os problemas sociais. O autor também destaca que, a preocupação dos saberes médicos e higienistas do período em questão, estava também ligada à relação do alcoolismo na infância, pois muitos dos casos de crianças encaminhadas até o hospício estavam relacionados ao alcoolismo.

Todavia, para Miranda (2010, p.141):

A invenção da “criança problema” representa um desdobramento das práticas de psiquiatrização da infância no Brasil, mais notadamente no Recife, estando relacionada às estratégias de controle sobre as crianças e jovens que pertenciam às classes populares, quando muitos foram confinados porque se apresentavam como ameaçadores aos padrões estabelecidos naquela época (MIRANDA, 2010, p.141).

O artigo *“A inauguração da interlocução entre a educação e psicanálise no Brasil: Arthur Ramos, transferência, ideal e autoridade”* de autoria de Crístia Corrêa, publicado na revista *Psicologia USP*, no ano de 2011, teve como objetivo abordar a noção de ideal na concepção de Arthur Ramos no momento inaugural da interlocução da educação brasileira com a psicanálise, ao introduzir a noção de “criança problema” e prorrogar a reeducação como medida óbvia por meio da transferência. Primeiramente, Corrêa descreve por completo a concepção de “criança problema” de Arthur Ramos, ressaltando que, a partir dessa concepção e de uma nova proposta pedagógica inovadora (Escola Nova) a criança que apresentava problemas de aprendizagem deixou de ser analisada pela perspectiva de “anormal” para uma perspectiva pautada no ambiente sociofamiliar. A autora realiza uma análise do projeto re-educativo ofertado pelo serviço de ortofrenia e higiene mental. Segundo a autora (2011, p.797), Arthur Ramos introduz uma noção (transferência) capital no campo da interlocução da educação com a psicanálise, mesmo que ele não a use com o rigor devido e, sim, a partir da leitura que faz. Essa transferência na concepção de Ramos é colocada exclusivamente como dimensão idealizante na relação entre professor e aluno. Assim Corrêa, explica as concepções de transferências na perspectiva freudiana e lacaniana, afirmando que, o médico psiquiatra, faz uma leitura equivocada da psicanálise ao considerar sua principal ferramenta, a transferência, a favor do ideal e, não do desejo como deveria. Para a autora (2011), ao considerarmos a educação um processo de transmissão de conhecimento para que o sujeito aprenda e reflita e não apenas repita por acúmulos, a psicanálise tem muito a contribuir, mas não a partir das vertentes de Ramos sobre ideal (país, criança, educação, escola, professor e aluno), pois a contribuição da interlocução entre educação e psicanálise é justamente o educador não responder desse lugar de ideal, para que possa ocorrer a transmissão de um saber, um saber não totalizante que confira abertura para que o sujeito coloque algo de seu (2011, p.801).

Portanto, para Corrêa, o maior equívoco de Arthur Ramos foi utilizar a transferência de ideal como medida compensatória dos problemas afetivos causadores de transtornos de comportamento, e também como medida de reeducação para valer a autoridade

comprometida. Todavia, embora essa tentativa de Ramos de retirar a criança da perspectiva “anormal” para “criança problema” por não se enquadrar no modelo ideal de educação e família, tenha tornado mais otimista a maneira de analisar o futuro dessas crianças, nenhuma diferença da história de cada uma dessas crianças é escutada, e a segregação opera mascarada no discurso das boas intenções (2001, p.802). A autora analisa também as concepções de autonomia e liberdade de Paulo Freire na educação.

Na sua tese de doutorado Crístia R. G. Lopes Corrêa apresentada, no ano de 2015, ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, apresenta-se um estudo historiográfico que teve como objetivo reconstruir a constituição histórica da ideia de “criança problema”, criada por Arthur Ramos na década de 1930, para, a partir de então, analisar a possível existência de algumas dimensões de permanência ou deslocamentos da atual representação de “criança problema” na escola.

Assim, primeiramente, a autora realiza uma contextualização das teorias de Paul Ricoeur, de Freud e Lacan, destacando o significado do real na psicanálise, a discussão da verdade, da ficção no campo da história da educação, na tentativa de buscar uma interlocução entre a psicanálise e a história da educação, para entender o que a “hermenêutica histórica de Paul Ricoeur tem a dizer à psicanálise e o que a psicanálise tem a dizer à esse campo hermenêutico” (2015, p.41). E, também no que essa interlocução contribui para o campo da história da educação brasileira. Segundo Correa (2015), trata-se de uma leitura do passado histórico dentro da concepção de uma ficção descrita em Ricoeur, acerca da compreensão dos problemas escolares e a constituição da concepção de “criança problema” desenvolvida por Arthur Ramos, tendo em vista, algumas dimensões de permanência e de deslocamento dessa compreensão em relação ao tempo presente.

Em um segundo momento, a autora traz a representação de “criança problema” na atualidade, destacando os estudos sobre a violência escolar presentes no cotidiano escolar, para Correa (2012, p.51):

Falar dos problemas escolares e da representação da “criança problema” que tomam lugar no dia a dia da escola do tempo presente pode significar falar da violência escolar na própria medida em que estiver claro que tal violência esteja sendo tomada na sua modalidade de “incivilidades¹⁹”, e não de atos violentos de caráter duro e pontual (CORREA, 2012, p.51)

Outra categoria de destaque da autora está relacionada às pesquisas sobre o fracasso escolar do aluno ligado a problemas emocionais adquiridos no ambiente familiar, no qual ela

¹⁹ O tipo de violência que toma lugar frequentemente no interior das escolas concerne mais à “indisciplina” dos alunos, ao descaso demonstrado por eles, ao comportamento desrespeitoso por parte deles; às chamadas “incivilidades” (CORREA, 2012, p.51).

ênfatiza não concordar com a conotação fechada de “desqualificação” da família pelo escolanovismo, no contexto da atribuição do deslocamento da função da educação da família para o Estado e a atribuição da responsabilidade pelos problemas da criança na escola aos pais (2012, p.54).

No terceiro capítulo Correa faz uma extensa contextualização histórica abordando o que foi o movimento escolanovista, do envolvimento de Ramos nesse movimento, suas propostas de correção e prevenção das crianças diagnosticadas não mais como “anormais”, mas sim “crianças problemas”, apontando quais foram as principais mudanças realizadas pelo médico psiquiatra no período em questão. Apresenta também uma biografia completa de Arthur Ramos, destacando seu trabalho no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental e suas observações descritas no livro “A Criança Problema”.

A autora aponta também algumas dimensões de permanência e de deslocamento entre a compreensão dos problemas escolares e a representação “criança problema” constituída no período escolanovista, as compreensões atuais sobre os âmbitos da psicologização, da medicalização e da neuropsicologização das dificuldades escolares. Segundo Correa (2012, 175), as visadas médicas e neuropsicológicas apresentadas neste capítulo são fruto do avanço nessa área que não estava presente na época de Ramos, mas que esse avanço faz fortalecer uma perspectiva organicista à qual Ramos se contrapôs.

Por fim, Correa conclui, ressaltando que, os desafios são os problemas escolares, e não a “criança problema”, pois essa já é uma nomeação proveniente de uma compreensão: a de Arthur Ramos.

O estudo intitulado “*Correspondência de Julio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930*” de autoria de Rafael Castro, publicado na revista História, Ciência, Saúde – Manguinhos, no ano de 2015, teve como objetivo apresentar uma correspondência do psiquiatra Julio Porto Carrero, enviada, em 1932, ao médico psiquiatra Arthur Ramos, contendo informações sobre atividades da Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação em sistematizar alguns conceitos psicanalíticos para sua tradução na língua portuguesa. Segundo Castro (2015), com a análise desta correspondência e outras fontes foi possível identificar como os psiquiatras-psicanalistas cariocas buscavam incluir a psicanálise no meio médico científico do período em questão, buscando estimular um número cada vez maior de especialistas a se interessar pela teoria de Freud no país.

Primeiramente, o autor apresenta como se deu a criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise na cidade de São Paulo, em 1927, transferindo sua sede para o Rio de Janeiro no

ano seguinte. Descreve os escritos dos membros da sociedade para o psiquiatra Sigmund Freud, destacando que, após esses frequentes contatos a Sociedade Brasileira de Psicanálise passa a ser reconhecida pela International Psychoanalytic Association (IPA) como Study Group em 1929. Em um segundo momento, Castro descreve a correspondência de Porto Carrero encaminhada a Arthur Ramos, que se tratava de um convite para que o mesmo apoiasse a Sociedade Brasileira de Psicanálise, e também expressa a preocupação dos membros da sociedade com a tradução dos termos psicanalíticos e dos ensaios completos de Freud. Segundo Castro (2015), a preocupação com as definições dos termos psicanalíticos era decorrente da tradução dos termos para o português terem sido feitos por alguns membros ligados à Sociedade. Todavia, para Castro (2015, p.1463), com a trajetória da teoria psicanalítica no Rio, os psiquiatras-psicanalistas não institucionalizariam a psicanálise aos modelos de IPA, ao contrário, eles consolidariam a formação em psicanálise dentro da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, por meio de uma especialização em psicanálise.

b) Educação, Psicanálise e o Movimento Higienista

O artigo intitulado “*Arthur Ramos e a “Criança problema” na escola pública dos anos 1930*” de Ana Paula F. da Silva, publicado na revista Trama Interdisciplinar no ano de 2011, apresenta uma análise do livro *A Criança Problema: A Higiene Mental na escola primária*, com o intuito de resgatar elementos característicos ao movimento higienista, no início do século XX, sobre a rotina das crianças que não se adaptavam ao modelo escolar, para apresentar o fato que as bases da constituição histórica das escolas públicas brasileiras fundaram-se no argumento de que são alguns “tipos de alunos” que não estavam adaptados ao “bom modelo de ensino”. Assim, a autora inicia o artigo, destacando que, a crescente preocupação dos estudos no século XX estava voltada para a necessidade de justificar as causas do fracasso escolar, para isso, muitos intelectuais da época procuravam fatores sociais, biológicos e psicológicos que poderiam influenciar no desempenho escolar dos alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Entre esses estudos, destaca-se o de Arthur Ramos, que para a autora (2011), apresenta fragmentos que ilustram a maneira como a sociedade e a escola brasileira sustentaram uma “aversão” aos alunos “propensos” ao fracasso, nomeando-os primeiramente como “anormais” e, após, como crianças problemas, e também seus conteúdos para identificar e diferenciar essas crianças.

Silva realiza uma contextualização histórica explicando a origem da expressão “anormal” que chega ao Brasil no mesmo período em que os movimentos da psicométrica, psicológica, antropometria estão ganhando forças, por meio, dos testes psicológicos, que possibilitavam nivelar a inteligência das crianças, através do quociente intelectual (QI). A introdução dessas ideias de calcular e classificar passam a ser justificativas para o “atraso do País”. Assim, a partir século XX, a educação e a saúde passaram a ter uma relação intrínseca, a criança e a escola tornam-se alvo principal das campanhas higienistas, e a saúde passou a ser o principal motivo para explicar o fracasso escolar. Mas, a partir, dos estudos de Ramos desenvolvidos na Seção de Ortofrenia e Higiene Mental foi possível identificar que as crianças classificadas como “anormais” não apresentavam nenhum tipo de deficiência física ou mental, mas sim problemas no ambiente social e familiar.

Segundo a autora (2011), os estudos de Ramos possibilitaram que, naquele momento, os alunos fossem compreendidos na sua integralidade, revelando as condições de vida e a relações sociais entre o adulto e a criança. Arthur Ramos, para o campo da educação, deixou sua herança em registrar detalhadamente e especificar as inúmeras situações sociais vividas pelas crianças que justificam seus comportamentos escolares “inadequados” (2011, p.64). Silva relata que no livro *A Criança Problema* estão registrados inúmeros dados sobre como a criança era tratada no início do século XX pelas famílias de diferentes nacionalidades, e condições socioculturais e econômicas, e que quase um século depois aspectos como subalimentação, a inequação do trato familiar em relação à criança e as queixas dos professores quanto ao comportamento de uma parcela dos alunos ainda estão muito próximos daqueles descritos por Ramos. Os termos utilizados atualmente para caracterizar os alunos são outros, mas o conteúdo dos mesmos continua fortemente relacionado ao aluno “anormal” do início do século XX, ou ao “aluno problema” da década de 1930 (2011, p.71). No artigo a autora dialoga com: Julia (2001); Freitas (2002); Carvalho (2003); Lahire (2004); Cunha (2007); (Rizzini, 2008); Freitas e Biccas (2009).

A dissertação de Jeferson Mercadante intitulada ***“A Psicanálise entre a Higiene Mental e a Escola Nova na obra de Arthur Ramos: contribuições à História da Educação no Brasil”***, apresentada no de 2014, para obtenção de título de Mestre em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras, se caracteriza como uma pesquisa de estudos bibliográficos e de análise crítica às obras de Arthur Ramos, dedicada à área da educação: *Educação e Psychanalyse* (1934) e *A Criança Problema* (1939), como também sobre as relações do médico psiquiatra com o movimento higienista e com o movimento Escola Nova. O objetivo do autor foi o de aprofundar o sentido ético e político das relações entre o movimento da Escola Nova e o

movimento higienista, a partir, de uma análise crítica e detalhada de tais obras e das fichas de atendimento às crianças das escolas experimentais, realizadas pelo Serviço de Ortofonia e Higiene Mental, chefiado por Arthur Ramos durante 1934 a 1939. Sua hipótese de estudo foi a de que a apropriação da psicanálise por Arthur Ramos contribuiu para a organização da sociedade burguesa e seu progresso ao mascarar as relações políticas e sociais da modernidade capitalista. Para responder aos seus objetivos, Mercadante utilizou como referencial teórico-metodológico a teórica crítica representada pelo filósofo alemão Theodor W. Adorno.

Assim, primeiramente, sua pesquisa concentra-se na discussão entre a conexão do pensamento higienista e escolanovista e a expressão representada por Arthur Ramos, partindo nesta fase das pesquisas de *Minima Moralia* (1993), *Dialética do esclarecimento* (1985), *O ensaio como forma* (2003), *Teoria da Semiformação* (2010), *O que significa elaborar o passado* (1995), *Educação após Auschwitz* (1995), *Educação para quê?* (1995), *A Educação contra a barbárie* (1995) e *Educação e Emancipação* (1995). Segundo Mercadante (2014, p.20), analisar criticamente as propostas de Arthur Ramos é, pois, uma tarefa indissociável de um estudo histórico atento sobre a formação e os princípios da Escola Nova brasileira, do movimento higienista, e da penetração da psicanálise no Brasil.

Ainda na primeira seção de sua pesquisa, Mercadante dedica-se a explicar, os conceitos de Higiene Mental e Escola Nova. Pois, para ele:

Para aprofundar o sentido ético e político das relações entre a Escola Nova e o movimento higienista a partir da obra de cunho psicanalítico de Arthur Ramos alguns conceitos são essenciais, a saber: o que são Higiene Mental e Escola Nova, quais seus fundamentos e objetivos e quais os alcances e limites entre Psicanálise e Educação Escolar (MERCADANTE, 2014, p.21).

Para aprofundar sua discussão sobre o conceito de Escola Nova o autor baseou-se nas concepções de Dermeval Saviani (*Escola e Democracia* (1995) e *História das ideias pedagógicas no Brasil* (2008)), a obra de Jorge Nagle (*Educação e Sociedade na Primeira República* (1974/1976)), e também o *Manifesto dos Pioneiros da Educação* (1932/1984), o *Relatório de Oscar Thompson* (1917) e o texto de Anísio Teixeira, *Por que “Escola-Nova”?* (1930), para explicar as propostas renovadoras.

A questão do higienismo enquanto prática e discurso, segundo Mercadante (2014), é fundamental para situar as propostas de Arthur Ramos, por isso, foi analisada por ele, de forma detalhada ainda na primeira seção de sua pesquisa. Com o propósito de traçar tanto a

influência geral de Arthur Ramos sobre a sociedade da época quanto em sua vertente mais específica para o campo da educação, a da higiene mental (MERCADANTE, 2014, p.21).

Para compor esse tópico de análise Mercadante apropriou-se dos discursos de autores como: Maria Lúcia Boarini; Wanderbrook Junior e Boarini; Mansanera e Silva; Pietra Diwan; Jerry Dávila e Lilia Moritz Schwarcz.

Na segunda seção de sua pesquisa, Mercadante descreve a psicanálise na história da pedagogia brasileira, partindo de uma bibliografia de autores que estudam a psicanálise no campo educacional. Ainda nessa seção, o autor discute a abordagem psicanalítica na concepção de educação do filósofo alemão Adorno, pois, para ele:

Tal reflexão nos permitirá analisar a educação psicanalítica de Arthur Ramos buscando compreender como o caminho para a formação social nesse processo conduziu um tanto à emancipação – com vistas a vencer uma resistência – e outro tanto à barbárie, para justificar a violência por questões de raça e disposições psíquicas “desajustadas” (MERCADANTE, 2014, p.22).

A seguir, compondo a terceira seção de sua dissertação, Mercadante faz uma exposição da posição de Arthur Ramos no contexto social de seu tempo, tentando captar as propostas pedagógicas do médico psiquiatra para entender como a Higiene Mental deveria ganhar o espaço escolar de acordo com o ideário escolanovista. Portanto, o autor realizou uma análise específica da produção de Ramos dialogada com as configurações culturais e históricas que ressaltaram sua produção. Segundo Mercadante:

A visão de Ramos continua relevante nos dias de hoje, pois incide sobre questões que ainda não foram completamente resolvidas, como o despreparo do professor comum para trabalhar com crianças com necessidades especiais, ou a falta de envolvimento da família no cotidiano escolar dessas crianças, ou ainda, a prática cada vez mais recorrente de medicalização da infância. Ainda que estejamos caminhando na direção de resolver tais problemas, os passos são lentos e a perspectiva histórica permite ver que o debate não é novo, nem são novas as soluções, abrindo perspectivas para pensarmos de forma diferenciada a contemporaneidade, pois muitas vezes é necessário retomar caminhos esquecidos para prosseguirmos em frente (MERCADANTE, 2014, p.23).

Todavia, para Mercadante (2014, p.23), o discurso de Ramos se situa em um momento em que as questões da aprendizagem saem da perspectiva da “anormalidade” patológica para uma perspectiva que responsabiliza o social.

Após essa contextualização, Mercadante conclui sua dissertação trazendo uma crítica à tentativa de Arthur Ramos em inserir a psicanálise no campo escolar como sendo principal justificativa do fracasso escolar. Segundo o autor (2014), Arthur Ramos pode ser considerado

como um dos principais representantes das ações higienistas, pois com a inserção da psicanálise na educação escolar brasileira do século XX, o médico psiquiatra, acabou por construir o paradigma do fracasso escolar como resultado de ações ou características do indivíduo, deixando a criança como produto da psique e a tornando peça fundamental para o progresso do capitalismo no Brasil. Para Mercadante:

(...) Ramos se apropriou da psicanálise da mesma maneira e com os mesmos objetivos com os quais médicos higienistas de outras vertentes aplicavam a psicometria, como se a inteligência, o inconsciente infantil pudesse servir a controlar e direcionar a ordenação do indivíduo na sociedade (MERCADANTE, 2014, p.105).

O autor (2014), afirma também que a análise crítica das produções de Arthur Ramos demonstram a inserção da psicanálise no contexto histórico dos movimentos de higiene mental e Escola Nova e, que colocar a centralidade na criança e na sua subjetividade foi apenas uma tentativa de esquivar a sociedade de classes da responsabilidade pelos problemas sociais refletidos no âmbito escolar, apontando a família e o ambiente familiar como justificativa central das dificuldades de aprendizagem das “crianças problemas”. O que talvez na visão de Garcia possa ser considerado um equívoco, já que em sua tese (2010) afirma que os estudos realizados na Seção de Ortofrenia e Higiene Mental elaboraram uma teoria de base psicanalítica e humanista que resultou em um conjunto de conceitos, propostas e intervenções sociais, expandindo os limites da escola para atingir a família e a comunidade, ampliando assim, o próprio conceito de educação.

Ainda segundo Mercadante (2014), Arthur Ramos apesar de ter conseguido ultrapassar as justificativas apenas de fatores biológicos na explicação do comportamento e dos “problemas” dos educandos no século XX, o médico psiquiatra, apenas reproduziu um discurso contribuinte para reforçar o preconceito, considerando que a maioria dos alunos representados como “criança problema” é de famílias pobres. Para o autor (2014, p. 106), a relação de dominação se manteve e as camadas mais pobres e suas “crianças problema” permanecem sob o domínio das classes dominantes (...). Afirma ainda, que os “problemas” das crianças atendidas nas clínicas de ortofrenia e higiene mental são resultados de uma situação econômica, política e social, que o movimento Escola Nova, a Higiene Mental e Arthur Ramos não se propuseram a reformular as causas através de uma educação que visasse à emancipação.

No artigo “*O pensamento higienista do intelectual Arthur Ramos na obra Saúde do Espírito*”, escrito por Amorim; Cardoso e Santos, publicado na revista *Intellèctus*, no ano de

2017, analisa-se a obra *Saúde do Espírito: Higiene Mental* de Arthur Ramos com o intuito de responder perguntas como: Quais as contribuições de Arthur Ramos à educação? Até que ponto estiveram presentes as propostas higienistas no projeto de educação? Para atingir seus objetivos os autores optam pela metodologia de caráter bibliográfica e documental, dialogando com os estudos de Veiga (2007); Gondra (2005); Vidal (2008); Barros (2005); Caponi (2012); entre outros. Assim, primeiramente, é apresentada uma breve introdução sobre o que foi o movimento higienista desenvolvido no início do século XX, após, uma breve biografia da vida de Ramos, e também uma síntese crítica sobre a obra analisada, bem como o contexto político, social e econômico no qual foi publicada.

Para os autores (2017), o pensamento de Arthur Ramos trouxe contribuições para a educação contemporânea, pois tratava do papel da família na formação da personalidade da criança, com enfoque na preservação de condutas tidas como indesejadas, na busca da construção da “sonhada sociedade civilizada”. O pensamento de Ramos se aproximava da eugenia no que diz respeito ao constructo de uma sociedade limpa, ordenada e adaptada à sociedade capitalista, e isso é o cerne da modernidade (2017, p. 217). Sua obra traz orientações à formação de “hábitos saudáveis” para o espírito e comportamento. Os autores defendem que Ramos de algum modo colaborou para os processos profundamente racistas, mas que, eram entendidos como necessários para tornar a sociedade brasileira civilizada, semelhante à europeia (2017, p.217).

2.2 As contribuições de Arthur Ramos para a definição científica da identidade brasileira

a) As religiões de matriz afro-brasileira

O artigo de Emerson Giumbelli, intitulado *“Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais”*, publicada no ano de 1997, na revista de antropologia, teve como objetivo analisar os diferentes estudos elaborados pelos médicos da segunda metade do século XIX, para entender como eles defendiam o espiritismo, já que durante o período em questão mobilizavam-se os discursos sobre a constituição e o destino do Brasil enquanto nação. Primeiramente, o autor descreve como os diferentes intelectuais da década de 1920 a 1940 compreendiam o espiritismo e como esse era utilizado como objeto de discurso formulado a partir da concepção médica que o interpretava, “seja como forma de “charlatanismo” ou “curandeirismo”, seja para analisá-lo, enquanto conjunto de doutrinas e práticas com certas implicações para seus adeptos e para o conjunto da

sociedade” (1997, p.33). Segundo o autor, o espiritismo durante muito tempo passou a ser uma grande preocupação dos médicos que começam a formular diferentes teorias e acusações para explica-lo e deslegitima-lo. A partir, da década de 1930 a definição do espiritismo passou de concepções biológicas para concepções social e cultural, mais interessadas no estudo dos cultos e possessões no Brasil, essa mudança coincide com a institucionalização do curso de ciências sociais, em que alguns intelectuais como Arthur Ramos, Roger Bastide, etc. passam a estudar as religiões de matriz africana.

No decorrer do artigo, o autor descreve por completo toda a análise desses diferentes intelectuais, ressaltando, suas teorias de concepção sobre o espiritismo, localizando, entre as diferentes épocas, continuidade e rupturas das mesmas. Mas, nesse momento, destacaremos apenas, quais eram as análises de Arthur Ramos que problematizam a transição das concepções biológicas do espiritismo para concepções culturais, através da categoria de “higiene mental”, definindo a prática do espiritismo fundamentada em fatores de “crenças” e “hábitos”.

De acordo com Arthur Giumbelli (1997), Ramos faz uma análise distinguindo o “curandeirismo” e o “charlatanismo” com o objetivo principal de resgatar os grupos sociais dessa cultura, fazendo-os compartilhar dos benefícios de uma ação civilizatória (1997, p.57). Outra categoria de análise é o “espiritismo”, que Ramos tenta explicar, a partir, de sua indagação das “razões pelas quais as culturas africanas não se conservaram no estado original quando transportadas da África para o Brasil”, na procura de respostas, o médico psiquiatra, retorna aos estudos da mitologia, da liturgia, das práticas mágicas, e da contribuição oferecida por elementos das religiões africanas ao “folclore” nacional segundo as várias tradições encontradas no Brasil (iorubana e banto).

O artigo **“O não dito na obra de Arthur Ramos”** de autoria de Ulisses Rafael, publicado na revista Sociedade e Estado, no ano de 2009, teve como objetivo apresentar as contribuições de Arthur Ramos para os estudos das religiões afro-brasileiras, mas ressaltando em especial, uma possível resposta à sua indagação pelo motivo o qual o médico psiquiatra em seus estudos não fez menções à perseguição sofrida pelos terreiros de Maceió em 1912, ato batizado pelos praticantes do local de “Operação Xangô”. Assim, primeiramente, Rafael descreve uma breve explicação do que foi a “Operação Xangô” e suas consequências decisivas para a história das religiões afro-brasileira no Estado. Segundo o autor (2009), uma das principais razões pela quais as casas de culto foram bruscamente atacadas decorre do fato de que no período em questão o Governador do Estado estava no seu cargo político durante três mandatos seguidos e seus adversários políticos acreditavam na longevidade desse poder

estar relacionado à proteção obtida junto aos orixás das casas de cultos. Em um segundo momento, o autor descreve a contribuição de Arthur Ramos para os estudos das religiões afro-brasileiras, ressaltando que o médico psiquiatra durante suas pesquisas decidiu ingressar de modo mais concreto nos espaços religiosos, assumindo a função de ogã no terreiro. Assim, por ter assumido essa condição de ogã, muitas das informações por ele coletadas no contato com essa religião passam a ser sonegadas ou pelo menos mantidas em segredo, como se esperava de alguém que com ela mantinha laços tão íntimos (2009, p.495). As análises de Ramos foram feitas através de noticiários de jornais que relatavam as batidas policiais aos terreiros de candomblé sobre as reclamações de vizinhos.

De acordo com o autor (2009), as pesquisas de Ramos estavam mais focadas nas questões gerais, como por exemplo, “o problema da raça negra no Brasil”, mesmo assim, as notícias sobre as operações “Xango” não passaram por ele despercebido, apenas não foi dedicada a atenção que merecia, sendo assim, para o autor, a melhor categoria que se encaixa a essa atitude de todos os intelectuais locais é do “esquecimento” descrita por Dirceu Lindoso, que não se difere muito de outras categorias já mencionadas por outros intelectuais como “desconsideração” (rejeição e desvalorização da identidade do outro), e “insulto moral” (efeito desestabilizador sobre a dignidade das vítimas).

Rafael encerra o artigo, destacando que, existem muitas lacunas no pensamento de Arthur Ramos, podendo ser consideradas como um tipo de “desconsideração”, mas é inevitável não reconhecer a riqueza etnológica de suas produções, elaboradas durante pouquíssimo tempo antes do seu falecimento. Sua morte prematura nos privou de um rico material que certamente seria produzido na sequência do que já nos tinha sido proporcionado por sua inestimável capacidade intelectual (2009, p.503).

b) Mestiçagem no Brasil e o Ideário de Democracia Racial

No artigo “*A mestiçagem enquanto dispositivo de poder e constituição de nossa identidade nacional*”, publicado na revista Psicologia, Ciência e Profissão, no ano de 2002, o autor Emanuel Tadei, apresentou contribuições para pensar a mestiçagem, não como um fenômeno natural, mas como, um “dispositivo de poder”, apoiando-se na teoria de Michel Foucault e situando as produções de Arthur Ramos, ressaltando, a participação do médico psiquiatra nesse dispositivo e sua importância ao utilizar os conceitos psicanalíticos para pensar criticamente a questão racial brasileira. Primeiramente, o autor explica a concepção de mestiçagem e do ideário de democracia racial desenvolvido por Gilberto Freyre, enfatizando

que essa mestiçagem no Brasil não é algo natural como apresentado pelo sociólogo, mas sim, um dispositivo de poder que foi utilizado como ferramenta principal para responder à urgência de um dado momento histórico. Assim, esse dispositivo pode ser entendido como:

um conjunto de saberes e de estratégias de poder que atua sobre nossa identidade nacional, tendo por objetivo integrar e tornar dóceis as etnias que estão na raiz de nossa nacionalidade (no caso os indígenas do continente e os negros africanos).(...) Ele se traduz por uma estrutura discursiva elementar que determina nossa forma de pensar e falar sobre o Brasil e sobre o problema racial brasileiro (TADEI, 2002, p.03).

O autor elabora uma linha temporária analisando todos os períodos da mestiçagem no Brasil, de acordo com ele, a gênese e o desenvolvimento desse dispositivo de poder pode ser descrito em três etapas: 1ª. do século XVII à meados do século XIX tivemos a emergência de um saber sobre a mestiçagem no meio religioso, que depois se disseminou entre a população colonial, sendo acolhido pelos intelectuais e políticos brasileiros do período em questão (esse saber era favorável à miscigenação); 2ª. da segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, esse saber sofreu uma epistemologização, isto é, ganhou um estatuto científico, passando a ser uma preocupação constante dos cientistas brasileiros; 3ª a partir da década de 1930, ele sofre uma reinterpretação, momento em que os principais estudiosos brasileiros do assunto passaram a destacar os aspectos positivos da mestiçagem, momento em que se consolida a ideia de democracia racial.

Ao descrever o período da década de 1930, Tadei afirma que, as produções de Arthur Ramos são exemplos de como a psicanálise foi aplicada na compreensão de nossos dilemas raciais. Pois, ele abordou as questões afro-brasileiras através da elaboração de uma psicologia social amparada em alguns conceitos freudianos e em alguns conceitos extraídos da Antropologia Cultural, além é claro do pensamento de Jung (2002, p.07).

Ao concluir o artigo, o autor afirma que, a psicologia e a psicanálise tiveram e ainda tem uma importante participação no desenvolvimento do que ele denomina como dispositivo de poder e, por isso, que se espera desses intelectuais que eles abram caminhos para se pensar a questão racial brasileira, superando os diferentes mitos que estão disseminados na sociedade brasileira.

No artigo *“Intelectuais Negros e formas de integração nacional”* de autoria de Antônio Guimarães, publicado na revista Estudos Avançados, no ano de 2004, apresenta brevemente a questão dos diferentes modos de integração dos negros à sociedade brasileira, a maneira pela qual se formou a ideia de nação brasileira, e também o papel ativo dos intelectuais negros na

formação do que entendemos como “democracia racial”. Segundo o autor, seu argumento relacionado a essas três questões, estão pautados na noção de “democracia racial”, que para ele, mesmo essas concepções sendo criadas por intelectuais “brancos” (Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Arthur Ramos), foram os intelectuais negros que aceitaram e rearticularam a seu modo, tornando-se responsáveis pela enorme abrangência e capilaridade da doutrina e tornando um importante instrumento de mobilização política dos negros (2004, p.271). Assim, Guimarães descreve a integração dos descendentes africanos à sociedade brasileira, que se deu principalmente através do “embranquecimento” ou pelo que Degler nomeou de “válvula de escape do mulato” (apud GUIMARÃES, 2004, p.272). Segundo o autor (2004), após, muitos anos de luta contra os discursos das classes dominantes, os intelectuais negros brasileiros junto ao Movimento Negro Unificado começaram a denominar que uma autêntica democracia racial seria a luta contra a exploração capitalista, a qual o negro passa a ser lugar (lugar do povo), que lutam contra a opressão da elite e da classe dominante (brancos). A trajetória do pensamento social do negro brasileiro tem como características: denunciar o isolamento moral e social dos negros, induzido pela estética e pela ciência europeia; tratar os africanos como colonizadores do Brasil; entender o país como produto do trabalho negro; ver a classe trabalhadora brasileira como originária dos escravizados africanos, dos artesãos e artistas negros e mestiços; entender a cultura e os costumes dos africanos como base de nossa cultura popular (GUIMARÃES, 2004, p.281).

c) **Psicanálise e o Debate Racial**

O estudo de Mário Pereira e Guilherme Gutman, intitulado *“Primitivo e Loucura ou o Inconsciente e a Psicopatologia segundo Arthur Ramos”*, publicado na revista Latinoam, no ano de 2007, descreve a relação do médico psiquiatra com Raimundo Nina Rodrigues e seus trabalhos focados na abordagem antropológica e cultural dos fenômenos psicopatológicos. Assim, primeiramente, os autores trazem uma breve biografia de Ramos e seu interesse pelos estudos sobre antropologia, sobretudo com relação à análise da realidade cultural da sociedade brasileira, com foco principal, na cultura e na religião afro-brasileira, e também na população carente das favelas cariocas.

Segundo os autores (2007), Ramos tinha como propósito refletir sobre as condições concretas da sociedade brasileira, de modo, a produzir um referencial teórico que ajudasse nas intervenções políticas, higienistas e educacionais com transformações dos graves problemas do país. Em um segundo momento, descrevem o capítulo inicial da tese de doutorado de Ramos *“Primitivo e Loucura”* que traz um estudo relacionando à antropologia e à etnografia

em direção aos esclarecimentos das questões oriundas do campo da psicologia (2007, p.520). Ao destacarem que Ramos foi integrante da Liga Brasileira de Higiene Mental e chefe da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental de inspiração ao movimento higienista, os autores (2007), chamam a atenção, para o fato de que todos que pretendem retornar ao contexto histórico da psiquiatria no Brasil precisam saber separar e reconhecer nas contribuições do médico psiquiatra aquilo que elas trazem de mais interessante.

Para os autores (GUTMAN; PEREIRA, 2007, p.523):

As produções de Ramos marcadas pelas múltiplas interlocuções possíveis entre psicanálise, psicopatologia e antropologia, não se resume a uma reflexão sobre a emergência do primitivo em cada ser marcado pela cultura. Trata-se, sim, de um verdadeiro painel teórico e etnográfico que apresenta uma visão inovadora sobre a constituição de nossas formas de subjetivação (GUTMAN; PEREIRA, 2007, p.523).

Outro estudo de Guilherme Gutman **“Raça e Psicanálise no Brasil. O ponto de Origem: Arthur Ramos”**, publicado também na revista Latino Americana. Psicopat. Fund, no ano de 2007, apresenta uma revisão dos pontos cruciais da vida intelectual de Arthur Ramos sendo: a) os objetivos de Ramos com relação a sua tese *“Primitivo e Loucura”* que será a base para todos os outros trabalhos, b) a relação de Ramos com as teorias de Nina Rodrigues, especialmente sobre o conceito de “raça”, c) a relação de Ramos com a psicanálise.

Gutman destaca que, as primeiras obras de Ramos estão essencialmente voltadas para a área de psicologia, e seu interesse e empenho em escrever sobre o “problema do negro” surgiu a partir de 1940. Mas, Ramos já tinha descrito, que seu interesse sobre os trabalhos de Nina Rodrigues com relação ao negro no Brasil vem desde quando iniciou suas funções de médico no Instituto Nina Rodrigues e começou a estudar profundamente suas obras. Ramos desde então se torna seguidor fiel das ideias de Nina Rodrigues no que se refere:

a elaboração de um inventário de “raças” negras que chegaram ao Brasil; estudo da origem dessas raças em seu ponto de origem no continente africano; construção da hipótese de que há níveis diferentes entre raças diversas; levantamento etnográfico de forte cunho empírico, do destino dessas raças no Brasil em gerações sucessivas (GUTMAN, 2007, p. 721).

Para o autor (2007), Ramos apropriou-se das produções de Nina Rodrigues para criar suas próprias teorias, pois Nina Rodrigues em seus estudos acreditava em diferenças de “raça”, já Ramos defendia o fato de não existir diferenças raciais, mas sim, diferenças culturais, para o médico psiquiatra, Nina Rodrigues realizou um equívoco ao querer defender a tese de desigualdade racial, a tese de inferioridade e de degeneração do mestiço brasileiro. Com

relação à tentativa de Ramos em conciliar os estudos antropológicos baseados na psicanálise, Gutaman destaca que, foi uma tentativa que atraiu inúmeras críticas, por considerar, que os conceitos psicanalíticos não poderiam fazer parte das produções na área de antropologia.

d) Projeto UNESCO

O estudo intitulado “*O projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50*” escrito por Marcos Maio, publicado na revista Brasileira de Ciências Sociais, no ano 1999, apresenta o processo de estruturação do projeto UNESCO no Brasil, destacando que, este projeto gerou um amplo e diversificado quadro das relações raciais no Brasil, e também uma contribuição fundamental para o surgimento de novas leituras acerca da sociedade brasileira dentro do crescente processo de modernização capitalista. Assim, no desenvolvimento do artigo, o autor descreve o que foi o projeto UNESCO, seu processo de construção, a justificativa para a escolha do Brasil para instituir tal projeto, a importância da agenda internacional dentro do projeto e a visita de antropólogos internacionais ao Brasil, e também a curta contribuição de Arthur Ramos ao projeto enquanto dirigiu o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO.

Segundo Maio (1999), Ramos enquanto diretor finalizou o delineamento de um plano de trabalho no qual estava previsto o incremento de investigações sociológicas e antropológicas no Brasil, em especial, o estudo dos “grupos negros e indígenas para a tarefa de integração ao mundo moderno” (Maio, 1999 p. 142). Mas, Ramos faleceu antes de definir com maiores detalhes o tipo de estudo que pretendia desenvolver. O autor destaca ainda que, apesar de sua contribuição na “crença do mito da democracia racial” Ramos não deixou de reconhecer as profundas desigualdades sociais entre brancos e negros, bem como a existência do “preconceito de cor” no Brasil (MAIO, 1999, p.142). Outra contribuição de Ramos, no final da década de 40, foi sobre a possível existência de um ethos nacional, que se transforma em “problema nacional” nos anos 50, na perspectiva sociológica de Florestan Fernandes, não cancelando as tensões entre tradição e modernidade (MAIO, 1999, p.154).

2.3 - O que revelam os estudos contemporâneos sobre Arthur Ramos e suas produções?

A análise das pesquisas selecionadas revela que o trabalho analítico de Arthur Ramos corresponde a uma perspectiva culturalista defendida entre as décadas de 1930 a 1940. Em consonância com os estudos culturalistas do sociólogo Gilberto Freyre, o médico psiquiatra foi responsável por elaborar e efetivar um projeto educacional empírico a partir das concepções psicanalíticas considerando as condições socioculturais e econômicas das famílias analisadas.

Ramos formulou e apresentou críticas contundentes ao que ele denomina de “higiene racial” (baseada na herança genética), suas concepções teóricas e também seu trabalho desenvolvido nas clínicas de Ortofrenia e Higiene Mental perpassaram por ambiguidades entre um referencial culturalista e um referencial biológico de interpretações das raças. Ambiguidades essas, discutidas em diferentes estudos, especificamente na área das relações étnico-raciais em que se analisam as configurações e especificidades do racismo brasileiro a partir da construção do ideário de democracia racial desenvolvido por Gilberto Freyre na tentativa de solucionar a crescente preocupação do futuro racial da sociedade brasileira.

Destaco ainda, que todos os argumentos descritos em suas obras indicam referências positivas ao movimento higienista desenvolvido no início do século XX, e também assim como considerado por outros autores, Ramos não faz uma leitura e aplicação fidedigna das teorias psicanalíticas, mas sim, readapta-as conforme seus interesses em responder os problemas escolares, familiares e sociais observados por ele no Brasil.

Ao considerarmos essas ambiguidades identificamos que a partir do trabalho de Ramos é possível identificar os pilares e fundamentos estabelecidos para o projeto educacional moderno brasileiro que elegeu as condições de pobreza e as relações familiares como estruturas formadoras de “comportamentos patológicos” que seriam tratáveis na escola.

De acordo com Silva (2011), os termos utilizados atualmente para caracterizar os alunos que apresentam dificuldades são outros, mas os conteúdos dos mesmos continuam fortemente relacionados à patologia da criança “anormal” do início do século XX, e também aos aspectos socioculturais, econômicos e da relação familiar da “criança problema” da década de 1930.

As pesquisas acima também indicam nossa hipótese de que Arthur Ramos ao elaborar um projeto educacional brasileiro a partir das teorias psicanalíticas de Freud e Adler, se torna o

percursor em construir uma psicanálise científica brasileira da criança, baseada na relação familiar e social da criança, e também nos aspectos socioculturais e econômicos.

Para Abrão (2008, p.39):

Arthur Ramos destaca-se entre os precursores da psicanálise de crianças no Brasil, pois além de teorizar amplamente sobre o tema, como fizeram alguns de seus contemporâneos, teve mérito de migrar do campo retórico para a prática, introduzindo uma modalidade de atendimento à criança fundamentada em princípios psicanalíticos (ABRÃO, 2008, p.39).

Reforçam também, nossa hipótese de que as pesquisas desenvolvidas até o momento focam nas produções de Arthur Ramos para discutir criança e infância, educação familiar e escolar brasileira, mas direcionadas, para uma vertente psicológica, pedagógica, histórica educacional, até para reconhecê-lo como precursor em uma “psicanálise da criança no Brasil”, no entanto o seu nome é pouco citado como um dos pensadores que auxilia a pensar lacunas sobre o campo dos estudos da infância no Brasil.

Capítulo III- Criança e Infância nas produções de Arthur Ramos

No presente capítulo, darei ênfase à análise detalhada das obras selecionadas para compor esta pesquisa: Educação e Psicanálise (1934); A Criança Problema: Higiene Mental na Escola Primária (1939); Saúde do Espírito: Higiene Mental (1939).

Primeiramente apresento uma análise descritiva de cada obra, destacando por completo todos os pontos principais de cada capítulo dos livros. Em um segundo momento, dedico-me a uma análise crítica do trabalho analítico de Arthur Ramos organizada em três principais linhas de análise denominadas: a) Psicanálise, Criança e Educação; b) Pensando a Criança e a Infância Brasileira, c) Fortalecendo a Construção de uma Sociedade Forjada no Mito da Democracia Racial.

3.1 Educação e Psicanálise

O livro “Educação e Psicanálise”, publicado no ano de 1934, destinado a educadores, apresenta as principais concepções da psicanálise aplicada ao ambiente escolar, destacando “contribuições” da psicanálise à prática pedagógica.

Está dividido em nove capítulos abordando temas como: movimento escolanovista e a psicanálise, teoria de Freud sobre a sexualidade infantil, a psicologia individual de Adler, práticas de análise infantil (“Pedanálise”- sonhos, fantasias diurnas e estudos de jogos e brincadeiras).

A Escola Nova e a Psicanálise

Arthur Ramos inicia este capítulo, destacando a diferença entre as correntes pedagógicas do ensino progressivo (Movimento da Escola Nova) e as correntes pedagógicas do ensino tradicional, afirmando que, o primeiro priorizava o respeito à personalidade da criança, já o segundo apenas aplicava de maneira geral um modelo rígido de práticas pedagógicas preparado antecipadamente, “como se a criança fosse uma entidade impessoal, sem reações de adaptação, desenvolvendo-se dentro dos cânones de uma lógica racional” (RAMOS, 1934, p.09).

O movimento educacional moderno foi construído baseado na autonomia da criança, e o ensino passou a priorizar a experiência do aluno (...). Assim, a educação visa à sociedade e o seu esforço último estará em obter do mesmo o máximo rendimento social (1934, p.14).

Segundo o médico psiquiatra (1934), o estudo da psicologia afetiva demonstra que não existe um raciocínio formal, que a lógica racional é uma abstração que varia em função das individualidades, e a criança tem uma atividade lógica própria. Portanto, o ensino que antes era coletivo passa a ser individual, a prática pedagógica que antes era pensada antecipadamente, passa a ser pensada com prioridade a cada aluno.

As contribuições da psicanálise à prática pedagógica estão na investigação da vida psíquica profunda do inconsciente, auxiliando nas resoluções de problemas pedagógicos relacionados ao fracasso escolar. O que muitas vezes se julgou um atraso mental, um déficit de inteligência, revelou-se como sendo inibições escolares, em consequência de conflitos inconscientes (1934, p.16).

Ramos destaca também que foram muitos os opositores a toda a intervenção da psicanálise no ambiente escolar, junto às críticas gerais relacionadas ao método, tinha-se as discordâncias sobre sua aplicação à prática pedagógica. Segundo ele (1934), Pfister²⁰ divide essas discordâncias em quatro grupos: 1) O valor científico do método (verificado pela experiência); 2) A teoria sexual de Freud (pavor dos “moralistas”, por acharem que prejudicaria a inocência infantil); 3) o perigo de revelar o material recalcado; 4) destruição da espontaneidade natural dos analisados.

Todavia, segundo Ramos (1934), o movimento da prática pedagógica baseada nas concepções psicanalíticas, já é bem vasto, no Brasil, por exemplo, desde 1926, por iniciativa do Professor Ernani Lopes, foi instalado um serviço de psicanálise na Liga Brasileira de Higiene Mental.

Noções fundamentais da psicanálise

Arthur Ramos apresenta a origem da teoria freudiana e seus fundamentos, ressaltando as contribuições das concepções psicanalíticas à prática pedagógica, em específico, no trabalho com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

²⁰ Oskar Pfister (1873 - 1956) era um ministro luterano suíço e psicanalista leigo natural de Wiedikon. Foi pioneiro da psicologia suíça moderna, em 1919, ele formou a Sociedade Suíça de Psicanálise. Um dos primeiros associados de Freud, mantendo correspondência contínua com ele de 1909 a 1939. Pfister acreditava que a teologia e a psicologia eram disciplinas compatíveis e defendia o conceito de um "Eros cristão".

De acordo com o médico psiquiatra (1934), a teoria do recalçamento é a base da psicanálise, é um processo geral de defesa da personalidade, são forças de inibições que tendem a excluir do plano consciente todo processo mental que possa despertar um sentimento de desprazer (1934, p.31).

Essa força de recalçamento é de extrema importância para a pedagogia, pois sua intensidade exagerada pode conduzir a reações excessivas com modificações caracterológicas ou a distúrbios neuróticos de graves consequências (1934, p.32).

O novo tratamento terapêutico consistia em ultrapassar o conflito, as ideias recalçadas do inconsciente e o eu do neurótico, o que, segundo Ramos (1934), significa analisar e interpretar psicologicamente os sintomas que indicam a satisfação substitutiva dos desejos e afetos inconscientes. Afastando a censura, vencendo a resistência, o tratamento analítico coloca fim ao recalçamento.

Ramos destaca também os conceitos freudianos sobre o Complexo de Édipo, princípio do prazer e da realidade, e a divisão do aparelho psíquico em: Id (depósito do inconsciente hereditário e do inconsciente recalçado, reproduzindo impulsos primitivos, desordenados da personalidade); Ego (controlador dos impulsos, responsável por modificar os instintos primitivos, adaptando-os ao princípio da realidade), Superego (responsável por assistir às relações entre o id e o ego, evitando que interrompam no ego os impulsos perigosos do id).

A Psicanálise individual e a Pedagogia

Neste capítulo Arthur Ramos apresenta as diferenças entre as concepções de Freud e as de Adler, ressaltando a importância da última no campo educacional. Para o médico psiquiatra (1934), a diferença metodológica dos autores, consiste em que as concepções freudianas baseiam-se nas causas, já as concepções Adleriana surgem os motivos.

Adler trabalha com a concepção de inferioridade orgânica, demonstrando que esta inferioridade corporal determina um sentimento correspondente, criando uma posição psíquica especial, com o propósito de corrigir este sentimento (1934, p.46). Assim, diferente do ser humano “normal” o neurótico procura compensar o sentimento de inferioridade, idealizando um mundo ideal, fictício de compensação à sua consciência de insegurança.

Diferente da concepção freudiana, a sexualidade para Adler é um símbolo de afirmação viril, no qual o incesto seria um símbolo de refúgio ao sentimento de insegurança e inferioridade.

Segundo Ramos (1934), o sentimento de comunidade é o que afasta o indivíduo das tendências egocêntricas do poder, assim, para Adler o tratamento individual psicológico para os neuróticos reconstrói a personalidade, reconduzindo-o a uma vida normal em concordância com o sentimento de comunidade. Esse tratamento é uma técnica de compensação, no sentido finalista e não puramente analítico-causal como descrito na psicanálise freudiana.

A terapia individual baseia-se também nas associações de ideias, análise dos atos da vida cotidiana, dos sonhos, etc. O sonho para Adler não é simplesmente realizações de desejos e tendências, é uma antecipação dos desejos com o sentido finalista de aquisição de valor (1934, p.52).

A psicologia individual ensina a posição que adota um indivíduo frente aos problemas sociais da vida que se iniciam durante a infância nas diferentes relações. Por isso, para o médico psiquiatra, a psicologia individual é tão importante na prática pedagógica.

Ela procura corrigir os erros da educação familiar e escolar, estudando a criança “difícil”, os portadores de inferioridades orgânicas, etc, desviando a linha de formação das nevroses e fornecendo-lhes um plano normal de vida, inoculando-lhes o verdadeiro sentimento das relações com a comunidade (RAMOS, 1934, p.54).

Para Arthur Ramos (1934), a escola é responsável por continuar os propósitos da educação familiar, corrigindo os excessos da vontade de poder e desenvolvendo o sentimento de comunidade. Este sentimento auxilia na correção dos instintos primários de agressão desenvolvidos em três tipos de crianças:

- 1) **Crianças com Inferioridade dos órgãos** (inferioridade corporal que está diretamente relacionada à vida psíquica): a tarefa inicial da psicologia individual é realizar exames médicos das funções orgânicas de todos os alunos, na tentativa de descobrir possíveis problemas psíquicos. “O tratamento do defeito psíquico corrige o sentimento correspondente de inferioridade e é o passo inicial para a aquisição do sentido social” (1934, p.57).
- 2) **Crianças Mimadas** (responsabilidade dos pais): a família é quem determina os primeiros sinais da personalidade da criança, é quem a prepara para o ambiente escolar. A mãe é a primeira educadora e tem a responsabilidade de despertar o interesse da criança para a relação familiar e em seguida para a relação social.
- 3) **Crianças Odiadas** (órfãos, ilegítimos, enteados, “crianças feias”), reforçam cedo os instintos de agressão, diminuindo ou cancelando o sentimento de comunidade, aumentando

seu interesse egoísta diante à sociedade. Na fase escolar seu rendimento será mínimo, porque as tarefas dadas serão interpretadas como prova de hostilidade.

Entre os grupos da criança escorraçada e o da criança mimada, existem outras variantes de extrema importância às condições do ambiente familiar. A posição da criança entre os irmãos, o número de pessoas da família, as condições do enteado, filho único, filho adotivo, filho de viúva, de irmão único entre várias irmãs ou vice-versa, influenciam decisivamente na formação psicológica da criança.

Segundo o médico psiquiatra (1934), as condições desfavoráveis prejudicam a criança no seu desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, assim é necessário que o educador tenha uma formação psicológica e sua prática pedagógica clássica seja substituída por uma compreensão da alma infantil.

Investigando o sentimento de inferioridade reforçado nos primeiros cinco anos de vida, a falta do sentimento de comunidade, etc. Os problemas e os conflitos encontrados na análise da criança, devem ser compreendidos convenientemente e esclarecidos com paciência, sem ameaças, sem excesso de autoridade (RAMOS, 1934, p.60).

O Ponto de Vista Analítico-causal

Arthur Ramos inicia o capítulo, afirmando que, as noções de finalidade não bastam para explicar as manifestações da vida psíquica, a teoria de Adler é significativa em vários pontos, mas insuficiente e unilateral (1934, p. 69).

Para o médico psiquiatra (1934), as situações pedagógicas difíceis (vícios de leitura e escrita, tiques, agitações motoras, gagueira, etc.) são suscetíveis, e precisam de uma investigação psicanalítica do ponto de vista analítico-causal.

Existem também vícios de caráter mais profundos que só podem ser compreendidos a partir do estudo da sexualidade infantil e sua evolução, pois os traumatismos inconscientes fundamentais são de origem infantil. As crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem só podem ser compreendidas com uma análise mais profunda do psiquismo infantil, levando-se a exploração analítico-causal até esses estratos de formação muito antigo da vida individual, e acompanhando seus degraus evolutivos.

De acordo com Ramos (1934), os educadores classificam os alunos em duas categorias: os que possuem aptidões intelectuais e os que não possuem, deixando de lado o papel do

inconsciente. Portanto, só a psicanálise, poderá resolver as situações mais graves dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, mostrando a decisiva influência que tem os acontecimentos da vida infantil, principalmente no domínio da sexualidade, em todos os aspectos da vida humana, na família, na escola e na sociedade (1934, p.83).

A Sexualidade Infantil

O estudo da sexualidade infantil está presente em diferentes escolas psicanalíticas, não só os psicanalistas, mas também, os pediatras já interpretaram inúmeros fenômenos da vida infantil, considerando, por exemplo, os “maus hábitos” como manifestações inconscientes da sexualidade.

Segundo o médico psiquiatra (1934), o instinto sexual nasce com a vida do indivíduo, como uma força dinâmica difusa, de que somente depois de sucessivas transformações, surge a sexualidade normal do adulto. Os opositores ao interpretar a sexualidade infantil, confundiram sexual com órgão genital, “há um sexual que não é genital, quero dizer, que nada tem a ver com a procriação” (1934, p.92). O conceito da sexualidade tem diferentes definições.

A teoria psicanalítica da sexualidade infantil foi desenvolvida por Freud a partir da libido (energia do instinto sexual), a qual ele reconstituiu todas as etapas de sua evolução na vida humana. A libido aparece na vida da criança logo após seu nascimento, de maneira difusa em toda a superfície corporal. Suas primeiras manifestações estão nas áreas de instinto de nutrição, definidas como: zona oral (recém-nascido entra em contato com o seio materno); zona anal (zona erógena vem a se definir, mercê de excitações da mucosa respectiva).

As atividades digestivas, pré-genitais da criança, foi descrita pela escola francesa de psicanálise, em três tendências primitivas (captativa, conservadora e produtiva), cuja transformação pelo recalçamento e pela sublimação, determinam os traços de caráter futuros da criança na fase escolar e na vida adulta. Por isso, “a importância considerável que tem para a pedagogia, está fase da sexualidade anal-sádica” (1934, p.98).

A Contra Sexualidade e o Sentimento de Culpa

Arthur Ramos explica o conceito da contra sexualidade (“sistema de forças”, que atua contra os impulsos instintivos da criança), afirmando ser um fator importante para a educação, e que se aplicados de maneira exagerada podem resultar em reações prejudiciais no

desenvolvimento da personalidade. Assim é necessário que os educadores estejam formados psicologicamente para saber lidar com esses tipos de situações.

Segundo o médico psiquiatra (1934) o período do sadismo infantil é muito comum, assim é um erro dos pais e educadores a repressão exagerada, a prática pedagógica clássica voltada para castigos em excessos, que manifestavam mecanismos reacionais agressivos e sentimentos de inferioridade na criança, assim para ele baseado na teoria de Bonaparte, é necessário a substituição dessa prática de agressões para a do sentimento do amor, na qual o educador faz uma retirada momentânea do amor, para que a criança consiga identificar a diferença e alterar as atitudes inadequadas.

Ramos chama atenção, para os erros de graves consequências pedagógicas relacionados à repressão exagerada dos pais e educadores com a chegada das manifestações da masturbação infantil e também da fase do complexo de Édipo.

Na terceira fase final do complexo de Édipo surge a formação do primeiro núcleo do Superego (explica todo o mecanismo do recalçamento das tendências instintivas, cujo fim é corrigir as tendências recalçadas na criança e construir a formação de um superego normal). De acordo com Ramos (1934), um Superego interiorizado com excessos de ameaças gera na criança um sentimento de culpa e uma necessidade inconsciente de autopunição. Assim, é muito importante que pais e educadores estejam atentos para a formação do Superego infantil, pois, os fracassos e as inibições escolares são a expressão do mecanismo inconsciente de autopunição, (...) originados das primitivas interdições brutais da sexualidade e da má resolução da situação edípica (1934, p.122).

As Reações do Recalcado

As diferentes situações pedagógicas difíceis estão relacionadas às tendências recalçadas da personalidade, que continuam a agir disfarçadamente no inconsciente, assim, segundo Ramos (1934, p.125), na maioria dos casos uma análise superficial não resolve essas reações do comportamento que se revelam de maneira mais remota no domínio inconsciente da sexualidade.

De acordo com o médico psiquiatra (1934), os transtornos tipo: complexo de castração; complexo de Édipo; mutismo psicógeno; sentimento de culpa ligado à masturbação; discórdias conjugais (defeituosa formação do superego) são expressões de conflitos

inconscientes que causam “mau-hábitos” de formação escolar (desde as falhas ligeiras até as perturbações caracterológicas e nervosas²¹), e apenas a psicanálise pode resolver.

A manifestação dessas perturbações caracterológicas, segundo Ramos (1934), foi caracterizado por Porto-Carreiro em: **crianças quietas** (tímidas, desastradas, impassíveis, sonsas); **crianças inquietas** (travessas; agitadas; perversas); **crianças rebeldes** (impulsivas; emburradas; reclamadoras); **crianças teimosas** (distraindas; medrosas e obstinadas); **crianças mentirosas** (por impulsão; timidez; fantasia, cálculo).

Para a psicanálise o que modela o caráter são as reações do recalcado sobre o consciente. (...) Os traços de caráter mais bem estudados foram os relacionados às atividades pré-genitais da libido (1934, p.133).

Na apresentação das reações do recalcado Arthur Ramos menciona o estudo de Pfister e também o estudo de Hernard que resumiu esta questão de acordo com os documentos dos psicanalistas, examinando todas as faces caracterológicas da criança e do adulto, dentro das tendências possessivas captativas, tendências possessivas conservadoras, tendências possessivas produtivas.

A Prática da Pedanálise

Neste capítulo Arthur Ramos apresenta a análise infantil elaborada por Pfister, denominada de Pedanálise que tem suas origens e métodos empregados nos trabalhos de Ana Freud, Melanie Klein, Bonaparte, Sophia Morgenstern, etc.

Pfister formula algumas indicações sobre a prática da psicanálise pedagógica, nas quais em casos mais graves necessita de um diagnóstico médico prévio, para depois ser encaminhado para um psicanalista, já nos casos mais simples o educador é quem será o analista que resolverá os conflitos.

Segundo o médico psiquiatra (1934), o educador é responsável por observar a criança e identificar possíveis falhas que podem resultar em problemas mais graves, só depois de diagnosticado um sintoma que resulte em um mau rendimento no processo de ensino e aprendizagem, uma dificuldade pedagógica ou uma nevrose latente é que se deve iniciar os procedimentos da psicanálise pelos métodos habituais.

²¹ Distração; preguiça; mentira; gulodice; furto; gagueira; medo; timidez; crueldade; ódio; angústia; tiques; distúrbios motores de varias natureza; até as francas manifestações orgânicas de origem psicógena (vômitos; anorexias; constipações; tosse nervosa; asma nervosa; etc.) (RAMOS, 1934, p.132).

A diferença da pedanálise para a análise do adulto consiste no fato da criança ser um indivíduo incompleto, dependente e em formação que não tem consciência dos seus conflitos e são levados ao psicanalista pelos seus pais ou outro responsável, muitas vezes contra sua vontade (1934). Assim, primeiramente é necessário que o psicanalista ganhe a confiança do paciente, em seguida, inicia-se o tratamento com base na análise infantil.

Essa análise também é aplicada diferentemente da dos adultos, as principais técnicas consistem em: interpretações dos sonhos, fantasias diurnas (defesa, vingança, exaltação de herói, etc.), desenhos, jogos e brincadeiras.

De acordo com Ramos, “para os psicólogos, as atividades infantis de jogo tem uma significação teológica: seriam um exercício preparatório as atividades futuras do adulto” (1934, p.146).

Os psicanalistas infantis consideram de extrema importância à transferência infantil a qual implica um fim educativo essencial, pois diferente do adulto a criança não tem um passado a ser esquecido, e o profissional intervém como uma nova pessoa a quem a criança tem de partilhar a suas afetividades. Assim, a transferência da criança se torna uma inclinação direta e real e não uma substituição, uma reprodução de antigas situações, como no caso dos adultos. Podendo o psicanalista não só resolver os conflitos identificados na criança, como também contribuir para moldar suas relações futuras.

Ramos destaca também que os educadores não precisam aprofundar o trabalho psíquico quando a formação do superego da criança foi iniciada corretamente no ambiente familiar.

Os psicanalistas durante uma análise infantil jamais poderão esquecer pontos essenciais como: a fraqueza de um superego ainda não completamente formado, a dependência das exigências da criança em uma face do mundo exterior, a incapacidade de dominar as tendências libertadas e a necessidade, portanto, de uma orientação da criança (1934).

Na psicanálise infantil está implicada toda uma pedagogia. O analista, como educador, livra a alma da criança de todos os obstáculos, preparando o terreno, purificando para um desenvolvimento harmonioso no futuro (1934, p.151).

A educação de base psicológica não apenas completa a análise infantil, mas também a precede, e seu objetivo principal é o esclarecimento da sexualidade:

- Corrigindo a criança sem provocar recalcamientos excessivos;
- Não deixar a criança entregue livremente aos seus impulsos;
- Contribuir com a formação de um superego normal, eliminando o excesso de sadomasoquismo;

- Cuidado com a repressão da masturbação infantil (é preciso não proibir, não encorajar, mas observar).

A fase da investigação infantil sobre a sexualidade é de extrema importância, pois segundo o médico psiquiatra (1934), as fantasias que a criança cria sobre esses assuntos refletem fortemente no seu desenvolvimento futuro.

A última etapa da análise de orientação psicanalista é o processo de sublimação (derivação de uma função instintiva inferior numa função mais elevada, desde as atividades do trabalho até as mais altas conquistas morais do indivíduo). De acordo com Ramos (1934), o problema das sublimações na prática pedagógica completa o das identificações. O brinquedo é a primeira atividade de sublimação da infância, que se analisado cuidadosamente indica uma profissão futura.

Assim, como o jogo infantil, o esporte também representa uma atividade de sublimação. A sua tarefa principal é a satisfação dos componentes agressivos da libido, de uma maneira compatível com as exigências sociais (1934, p.157).

Psicanálise do Educador

Arthur Ramos explica que para uma orientação pedagógica de base psicanalítica o educador necessita de uma correta formação mental. Pois, é muito comum, pais e educadores descarregarem nas crianças os impulsos das suas variações de humor (excesso de zelo ou castigos exagerados), ou projetarem sobre a criança os seus próprios complexos de infância, gerando um ciclo vicioso de sadismo.

Segundo o médico psiquiatra (1934), independente da psicanálise o ensino moderno, diferente do tradicional, rompe com a prática pedagógica baseada em castigos corporais e o autoritarismo entre educador e aluno.

Todavia, se faz necessário a formação psicanalítica de todos os responsáveis (pais, educadores) pelo desenvolvimento mental da criança. Pois, o educador que não resolve seus próprios conflitos inconscientes, será responsável pelas consequências futuras no desenvolvimento espiritual do jovem a ser confiado aos seus cuidados (1934, p.170).

3.2 A Criança Problema: A Higiene Mental na Escola Primária

O livro “*A Criança Problema: a higiene mental na escola primária*”, publicado pela primeira vez, no ano de 1939, apresenta resultados das pesquisas desenvolvidas pelo médico

psiquiatra durante o seu tempo de atuação no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE). Nessa produção Ramos apresenta a sua concepção de “criança problema” e as causas que originam as dificuldades de aprendizagem dessas crianças fundamentando em análise conjunta de laudos médicos, da família e da escola. O livro está dividido em duas partes: 1º denominada “As Causas” aborda discussões como a herança e o ambiente; a criança mimada e a criança escorraçada; as constelações familiares; o filho único; avós e outros parentes, na 2º parte denominada “Os Problemas” aborda a criança turbulenta; tiques e ritmias; as fugas escolares; os problemas sexuais; medo e angústias; a mentira infantil e os furtos.

As clínicas de ortofrenia e higiene mental atenderam durante cinco anos cerca de duas mil crianças matriculadas em seis escolas públicas²² experimentais do Distrito Federal que apresentavam dificuldades no processo de ensino e aprendizagem. Segundo Ramos (1949), suas clínicas de higiene mental nas escolas, articuladas com o ensino pedagógico, foram uma experiência inovadora para o Brasil, na qual desenvolveu um extenso programa de ação.

A seguir apresento uma tabela contendo informações descritas por Ramos de cada eixo do programa de ação e seus serviços desenvolvidos (RAMOS, 1949, p.27).

Tabela 1: Resumo do Programa de Ação

Programas	Serviços Desenvolvidos
Higiene Mental Preventiva para os Alunos	Processo educativo; Formação para os pais; Círculos de Debates para os pais; Professores visitantes a casa do aluno; Clínicas de bons hábitos.
Exames Médicos-Psicológicos para os Alunos	Diagnósticos psicológicos apresentando os vários graus de problema.
Orientações Psicológicas	Orientações psicológicas para as crianças necessitadas.
Formação Mental para professores	Curso de férias; Cursos de formação especializada; Frequências ao Serviço Geral de Ortofrenia.

²² Escola Estados Unidos; Escola Argentina; Escola Manuel Bonfim; Escola Barbara Ottoni; Escola General Trompowski.

Formação para o Público

Conselhos sobre higiene mental através de conferências públicas, divulgação pelo cinema, rádio, boletim, publicações de monografias.

Problemas Conexos

Articulação com outros Serviços: médicos, antropológicos; testes, etc. Planos de estudos; Trabalhos de Experimentação; Psicologia da Criança Brasileira; Publicações Periódicas.

Podemos notar no quadro acima, que o programa de ação das clínicas de ortofrenia e higiene mental dirigido por Arthur Ramos estava focado não apenas na criança, como também nos pais, familiares e toda a equipe escolar. Isso porque, acreditava-se, que o comportamento e a aprendizagem da criança não poderiam ser estudados apenas como algo restrito ao espaço escolar e aos testes de inteligência. Segundo Ramos (RAMOS, 1949, p. 10):

Os estudos mais recentes em diferentes áreas comprovam que os problemas da criança só podem ser compreendidos no mundo atuante dos seus círculos de família e de sociedade. (...) As influências de sociedade e de cultura impregnam a personalidade, moldando-lhes atitudes e preferências. O próprio pensamento humano está na dependência dos poderosos fatores da cultura de que faz parte o indivíduo (RAMOS, 1949, p. 10).

Ramos defende a articulação direta entre psicanálise e antropologia para ser possível compreender eficazmente os problemas do comportamento humano no ambiente social e cultural. Para ele (RAMOS, 1949, p.11):

Os antropólogos, corrigindo os primitivos ensinamentos da psicanálise, vieram mostrar que os instintos humanos são condicionados pelo ambiente de cultura. (...) Desde a correção inicial de Malinowski, até os dias de hoje, são acordes antropólogos e psicólogos, entre estes grandes números de psicanalistas, que as tendências, os “complexos”, e as “vivências” humanas, são condicionados, ou às vezes diretamente formados, pelo ambiente sociocultural (RAMOS, 1949, p.11).

Os estudos dessa articulação passam a moldar e beneficiar a higiene mental na educação que “excluindo seus aspectos organicistas se torna uma psicologia social comparada” (RAMOS, 1949, p.10).

Durante o atendimento nas escolas experimentais eram produzidas as chamadas “fichas de observação comportamental” como forma de registro de cada criança, contendo informações sobre, a criança e sua rotina, dados familiares, ambiente familiar. No livro Ramos transcreve duzentas e setenta fichas, para exemplificar suas análises e, ao observarmos as mesmas

notamos que, as informações podem ser separadas por categorias como: faixa etária (3 anos a 15 anos), raça (cor da pele e traços fenotípicos), gênero (menino e menina ou masculino e feminino), nacionalidade e classe social.

Arthur Ramos utilizou essas categorias para analisá-las a partir de uma ênfase teórica entre a psicanálise e a antropologia, afirmando que, dentro das concepções da higiene mental a criança não pode ser observada como ser isolado, responsável pelos seus atos, mas sim, a partir das influências do meio ambiente cultural e social, e também das forças psicológicas dos adultos que são os dirigentes da personalidade e do caráter da criança. Segundo Ramos (1949), a higiene mental reconhece a criança como um ser indefeso, rodeada por adultos que não a compreende.

Tabela 2: Informações contidas nas fichas de registro dos alunos

Categoria Descritiva	
Criança	Idade; cor da pele; sexo; pais; quantidade de irmãos e outros parentes; História obstétrica materna e seu desenvolvimento (crescimento, saúde geral, alimentação); Ambiente familiar (acomodações dentro de casa); Rotina (brincadeiras, horários para dormir, atividades realizadas dentro de casa); Medos e aflições; Comportamento e desenvolvimento na escola
Família	Profissão dos pais; Nacionalidade; Informação sobre a saúde dos mesmos; Ambiente familiar (condições materiais e psicológicas);

Segundo Arthur Ramos (1949), suas observações detalhadas demonstraram que havia um equívoco nos estudos sobre as crianças que apresentavam dificuldade no processo de ensino e aprendizagem, pois as mesmas eram analisadas apenas dentro das concepções clínicas de atraso mental. Os resultados de suas pesquisas demonstraram que das duas mil crianças analisadas, noventa por cento das diagnosticadas pelos educadores como “anormais” não apresentavam nenhuma “anomalia” ou atraso mental no sentido constitucional do termo, que produzisse ou reproduzisse desequilíbrio das funções neuropsíquicas, mas eram crianças que foram “anormalizadas” pelo meio cultural e social, ou seja, eram crianças vítimas de inúmeros problemas familiares e sociais influenciadores no processo de aprendizagem dos conteúdos escolares e na construção do caráter moral do indivíduo. Portanto, para o médico psiquiatra

(1949), era necessário inverter não somente a terminologia, mas também os estudos que deveriam ter como foco a “criança normal” e sua atuação na prevenção das doenças mentais e, não mais, no tratamento das “crianças anormais”.

A higiene mental constituída nesse período buscava “prevenir as doenças mentais” e “ajustar a personalidade humana” através do estudo completo das causas psicossociais, sejam essas, emocionais, sociais, domésticas, culturais e etc.. Os intelectuais da época consideravam a infância o período no qual o indivíduo constrói seu caráter para a vida adulta, assim, a higiene mental tinha como foco principal, o estudo da primeira e da segunda infância.

A afirmação acima comprova nossa hipótese, de que, esses intelectuais, especificamente Arthur Ramos, ao considerarem a educação e a infância como elemento central para transformar e adaptar o país para a modernização apontaram elementos fundamentais sobre a infância e a criança brasileira.

A seguir apresento uma tabela que reúne as categorias de análise do livro “*A criança problema*” descrita por Arthur Ramos, e também uma análise descritiva referente a todos os capítulos.

Tabela 3: Categorias de Análise do livro “*A criança Problema*” (RAMOS, 1949, p.454).

Categorias	Análise descritiva
Herança e Ambiente	As leis de herança; A herança patológica; A herança psicológica; As influencias do ambiente (meio social e cultural; crianças de vários meios e o rendimento escolar); Ambiente Familiar (habitações; alcoolismo; higiene mental); Relações de pais e filhos;
A Criança Mimada	A evolução afetiva da criança; As constelações afetivas do ambiente familiar; As concepções psicológicas (introjeção e projeção; princípio do prazer; princípio da realidade); A afetividade Digestiva (traumas e desmame) Filho mimado e os atrasos afetivos; Categorias de filhos mimados (filhos de viúvas, caçulas e primogênitos, crianças com “dotes físicos”); Complexo “Branca de Neve” e Educação tipo “Morcego”
A Criança Escorraçada	Castigos Corporais (em casa e nas escolas); Consequências patológicas e psicológicas; Pauperismo e miséria fisiológica (sentimentos de inferioridades de bases econômicas; reações de defesa das crianças); Alcoolismo no ambiente familiar; Conflitos de filhos adotados por parentes ou estranhos; filhos de pais separados ou divorciados;

<p>As Constelações Familiares</p>	<p>Trauma de falecimento dos pais (problemas psicológicos; reações variadas; filhos de pais ignorados); Ação das madrastas e padrastos</p> <p>A questão da ordem do nascimento (filho único; primogênito; caçula; filho do meio; favorito); Conflitos psicoativos e constelações de família (“irmãos inimigos”); Problemas de natureza sexual do filho (a) únicos (as) entre vários irmãos</p>
<p>O filho único</p>	<p>A importância do seu estudo na higiene mental; Filho único e mimado; Filho único na escola; Filhos de viúva; filho único maltratado; Atraso afetivo; Reações de comportamento; Consequências na vida adulta, Complexos de inferioridade; O papel preventivo e corretivo da escola; educação dos pais</p>
<p>Avós e outros Parentes</p>	<p>O papel dos avós no desenvolvimento psicológico dos netos; Avós substitutos dos pais (Padrastos-avôs) Avós e complexos familiares; O papel dos tios (tias solteironas; tias e madrinhas); Outros parentes (Amas de leite e os domésticos em geral)</p>
<p>Criança Turbulenta</p>	<p>Turbulência e anormalidade; Causas constitucionais e ambientais da turbulência infantil; Causas ambientais e afetivas; Várias categorias da turbulência; Os impulsos agressivos; Divisão dos problemas de turbulência na escola (simples, com ou sem agressividade); Reações e complexos de inferioridade física e social; Outros traços de personalidade (desobediência e indisciplina; teimosia; irônica e implicância); Atitude de pais e educadores (negativismo infantil; causas ambientais); Turbulência patológica; turbulência e instabilidade; Tratamento e correção pedagógica da turbulência escolar</p>
<p>Tiques e Ritmias</p>	<p>Tiques da face e do pescoço; membros e tronco; Tiques viscerais; Tiques e sexualidade; Tiques e turbulência; Onicofagia e autoerotismo infantil; Outras variedades de tiques Tiques e atrasos mentais Correção dos tiques; tratamento médico; prevenção e orientação médica</p>
<p>As Fugas Escolares</p>	<p>Causas familiares e escolares; Fuga e Vagabundagem; Categorias das fugas na infância (fugas na adolescência; automáticas e impulsivas; instabilidade; psicopáticas; conflitos familiares; criança escorraçada; abandono)</p>

Os Problemas Sexuais

Vida sexual da criança e as atitudes clássicas;
 O problema sexual na escola e a pedagogia moderna;
 A sexualidade pré-genital;
 As manifestações do sexo na escola;
 Classificação e períodos do onanismo infantil (consolação; desgosto; jogo)
 Preconceitos familiares e científicos;
 Correção e tratamento do anamismo infantil;
 Manifestações sexuais na escola;
 O problema do homossexualismo (consolação; feminino; psíquico e a crise de originalidade);
 Outros problemas sexuais (conversas, leituras, curiosidade sexual);
 Causas Ambientais e orgânicas;
 Atitudes dos adultos;
 Orientação dos pais e professores;
 Controle da higiene mental

Medo e Angústia

Reações diante do perigo;
 Categorias de medo na infância (terror; medo; angustia; ansiedade; timidez, crianças mimadas e escoraçadas);
 Medo da escuridão e do isolamento;
 Processos de amedrontamento e o ambiente familiar

A Mentira

Definições e classificação da mentira (prazerosa; confusão; vaidade; vingança; desculpa; egoísta leal e convencional; patológica);
 Mentira e atividade imaginativa; Mentira e reações ambientais;
 Reações sexuais na mentira infantil;
 Aspectos pré-morais da mentira infantil;
 Prevenção e correção da mentira na infância

Os Furtos

Aspectos pré-delinquentes dos furtos na infância;
 Motivos afetivos; sociais e sexuais;
 Classificação dos furtos infantil (consolação; sentimentos de inferioridade; inveja; mentira; patológicos periódicos e afetivos ambientais; reações simbólicas).

Tratamento e Assistência

Assistência e tratamento (alimentar e medicamentosa);
 As clínicas de hábito e correção ortofrênica;
 Tratamento medico-orgânico;
 Complexos de inferioridades de base orgânica, inferioridades constitucionais;
 Exames (psicológico; fundo mental);
 A escola e o lar;
 Os “pais problemas”;
 Correção dos problemas familiares;
 O círculo de pais e professores da escola;
 Higiene Mental do professor;
 Problemas infantis e as atitudes dos professores;
 O ensino individualizado;
 Problema da assistência medico-pedagógica aos anormais
 Atividades recreativas;
 Os jogos de higiene mental

Herança e Ambiente

Arthur Ramos inicia esse capítulo, destacando que, existe uma diversidade extensa com relação ao comportamento humano na vida social, na escola, por exemplo, podemos identificar que os indivíduos em uma mesma condição, conseguem se comportar de maneiras distintas. E na tentativa de compreender as causas para essas diferenciações podemos encontrar diferentes linhas de raciocínio, para os biólogos a resposta está na herança genética baseada no método estatístico, e da árvore genealógica, o que para Ramos e outros intelectuais, torna-se eficaz apenas para entendermos doenças patológicas, pois ao utilizarem as leis da herança genética para compreender o cruzamento de raça e, especialmente, da herança de características psicológicas pode se verificar inúmeros erros. Considerando os estudos baseados nas leis mendelianas, Ramos afirma que, a higiene mental (estudo do comportamento humano baseado em termos culturais) surgiu para desconstruir uma enganosa “higiene racial” (“comportamento humano baseado em termos de raça”), baseada exclusivamente na herança genotípica.

No que diz respeito aos estudos dos problemas infantis, Ramos destaca que, é muito comum pais, educadores e médicos basearem-se nas teorias das leis de herança, o que traz consequências muito negativas, pois “geram atitudes de passividade e resignação frente às dificuldades e problemas existentes” (1949, p.40). Mas, por outro lado, são vários os trabalhos na área da antropologia e sociologia que demonstram a influência do meio social e cultural sobre a criança, segundo Ramos, algumas pesquisas apontam que as crianças educadas em famílias de poder aquisitivo inferior possuem atrasos gerais consequentes do complexo de inferioridade diante o restante da população.

Com relação às habitações das crianças, consideradas como ponto central da higiene mental, Ramos ressalta que são muitos os higienistas que estudam o papel dessas no desenvolvimento da criança, mas apenas, do ponto de vista da higiene geral e, não do ponto de vista psicológico, o que para ele, se torna um equívoco, ao considerarmos, que as primeiras impressões estão associadas ao lar onde a criança passou os primeiros anos de vida, e que são várias as causas ambientais que explicam os problemas de comportamento da criança. Portanto, as habitações das crianças atendidas na SOHM foram analisadas em duas vertentes: primeiro no aspecto material (tipo da habitação; localização; números de quartos; jardim ou pátio para brincar; vizinhança; condições de higiene física; iluminação, ventilação), segundo no aspecto psicossocial (relação familiar; passeios habituais; vida matrimonial; visitas habituais).

Todavia, para Ramos (1949), mais importante que a lei da herança genética, são as influências do meio ambiente cultural e social, pois a relação entre a criança e as pessoas do ambiente familiar influencia diretamente no desenvolvimento do comportamento e da personalidade da criança.

A Criança Mimada

Arthur Ramos descreve as crianças que apresentam problemas de comportamento e aprendizagem devido o excesso de cuidados da família. Segundo o médico psiquiatra (1949), estudos demonstram que esses cuidados em excesso podem causar consequências mínimas, como também muito graves para o desenvolvimento da criança, pois a mesma pode ficar presa a fixações e fantasias não conseguindo comportar-se em sociedade mesmo após a vida adulta, apresentando reações antissociais (neuróticas ou psicóticas).

Explica sobre as concepções psicanalíticas da libido, e sua evolução na vida humana que estão diretamente relacionadas às constelações afetivas familiares, ressaltando as concepções do “princípio do prazer” de Freud que tem o amor da mãe como foco principal. Na passagem do seu autoerotismo, para a diferenciação objetiva do seu afeto, a criança atravessa fases do desenvolvimento psicoafetivo e estágios de suas concepções da realidade (1949, p.50).

Ramos acredita que a entrada para a escola é o marco inicial dos problemas e dificuldades da “criança mimada”, pois é o período que a criança está sendo transportada pela primeira vez para outro meio que não seja o da família e, a partir de então, começam a surgir os problemas educativos que vão desde uma dificuldade mínima de adaptação até transtornos gravíssimos de comportamento.

As “crianças mimadas” descritas por Arthur Ramos são:

- Filhos (as) de viúva;
- Filhos (as) caçula ou primogênito;
- Filho único entre mulheres ou vice-versa
- Criança que possui determinados padrões de beleza impostos pela sociedade (ex: pele clara rosada e fina, cabelos castanhos e cumpridos, unhas curtas e bem tratadas).

Segundo o médico psiquiatra (1949), as “crianças mimadas” recebem uma educação “tipo morcego que morde e assopra²³” ou “chicote com açúcar” definida por Adler, ou seja, recebe castigos corporais do pai, mas, é agradada pela mãe ou vice-versa. Ressalta o fato das crianças que fingem estarem doentes para não saírem de perto da mãe, ou que se aproveitam das

²³ Educação tipo morcego- “morde e assopra”, gíria carioca (Ramos, 1949, p.69).

doenças fisiológicas para conseguirem vantagens sobre o adulto, crianças com exaltação do narcisismo infantil pelos familiares e amigos e que após terem contato com sociedade não conseguem compreender a falta de atenção voltada a todo o momento para ela.

O perfil das “crianças mimadas” descrita por Ramos é a maioria filhos (as) de estrangeiros que o pai e/ou a mãe possui escolarização de nível superior, possuem uma vida financeira estável e moram em bairros bem localizados e em casas de “boa qualidade” com acomodações específicas para a criança dormir e brincar. A rotina das crianças é tranquila dormem cedo, algumas tem o hábito de frequentar cinema, brincam na escola e na rua com os colegas e irmãos (as). Mas, na escola apresentam problemas de comportamento variados (timidez, choro fácil, agressivo, agitado, falante, mentiroso, desobediente) que influenciam de maneira negativa no seu desenvolvimento e na aprendizagem de conteúdos escolares.

A Criança Escorraçada

Arthur Ramos destaca a criança educada pelos seus pais e familiares com o falso conceito de disciplina corporal, afirmando que, devido os castigos corporais as crianças desenvolvem sentimentos de medo, desconfiança, agressividade, egoísmo, furtos, tiques entre outros.

Ramos ressalta o fato da educação das crianças variarem na história e na geografia, assim são diversas as maneiras de análise dos castigos e punições das crianças. Segundo o médico psiquiatra (1949), em alguns países, por exemplo, é muito comum não só o sadismo corporal, como também a prática de infanticídio²⁴ por diferentes motivos. O sadismo presente nas escolas era também uma prática comum, Ramos ressalta que muitas gravuras do século XIV e XV mostram crianças completamente nuas diante do professor que as castigava sem receio, mas, as concepções pedagógicas de Jean J. Rousseau²⁵ marcam o início de uma pedagogia livre de castigos corporais.

Para Ramos, as escolas rurais brasileiras são exemplos de uma experiência de sadismo contra as crianças, pois era muito comum o uso das palmatórias, cascudos e puxões de

²⁴ Entre os Papuas as crianças são consideradas como fardos indesejáveis e a prática do aborto é, por esta razão, generalizada. Daí ao infanticídio é um passo. Os Australianos praticam o infanticídio quase que universalmente. Em menor proporção as práticas de infanticídio existem na Nova Guiné, e em outras ilhas Oceania. Nas ilhas Salomão, só os filhos ilegítimos são eliminados. Em Taiti, matam-se os meninos que não servirem para os trabalhos da guerra, para o serviço religioso, pesca ou navegação. Em alguns pontos de Madagascar, matam-se as crianças que nasceram em dias “aziagos”. Na África, são também eliminadas as crianças, entre vários povos e por motivos diversos: pouco provimento de alimentos, filhos ilegítimos, crianças deformadas, filhos incestuosos ou adúlteros, etc... (RAMOS, 1949, p. 75).

²⁵ Jean J. Rousseau filósofo mais popular durante a Revolução Francesa, considerado um dos principais influenciadores da formação do pensamento político e educacional moderno.

orelhas, ajoelhar atrás da porta no milho, etc.. Suas observações registraram que os professores da época em questão ainda aplicavam esses tipos de castigos corporais, mas, na maioria das escolas já estavam sendo substituídos por castigos morais (não participar do recreio, não participar de atividades com os colegas, ser transferido de turma, ser humilhado na frente dos colegas, ficar suspenso ou ser expulso), o que segundo ele, em alguns casos continuavam sendo práticas errôneas.

Suas análises estão focadas nas consequências pedagógicas dos castigos corporais, mas não, apenas na concepção clínica, pois para o médico psiquiatra, são muitos os estudos que comprovam problemas patológicos resultantes de castigos, mas também nas consequências psicológicas que podem ser imediatas e despertar sentimentos negativos que refletem na construção da personalidade da criança.

As consequências sobre as “crianças escorraçadas” descritas por Arthur Ramos são:

- Sentimento de inferioridade; agressão e medo;
- Sentimento de revolta contra o pai (símbolo de autoridade em geral);
- Duplo mecanismo de medo e agressão, masoquismo e sadismo diante dos pais, irmãos, parentes, colegas;
- Problemas sexuais;

Segundo Ramos (1949), as observações das clínicas de ortofrenia e higiene mental demonstraram que a maioria das “crianças escorraçadas” são as de famílias de baixa renda.

O pauperismo carrega em seu bojo múltiplas condições de desajustamento: a subalimentação, alcoolismo, doenças, reações antissociais, por isso, que os educadores e **psico-sociólogos** assinalam tanta importância aos estudos da criança vinda de meio pobre (1949, p.102).

Eram muitos os estudos que buscavam analisar as consequências fisiológicas que tinham como fator a miséria social, com relação às consequências psicológicas Ramos destaca os estudos baseados na concepção Adleriana que buscavam investigar a formação do sentimento de “inferioridade de base econômica²⁶”.

Para o médico psiquiatra (1949), faltava afetividade entre pais e filhos, pois são muitos os casos de pais que devido à extensa carga horária de trabalho deixam seus filhos sozinhos por longos períodos e, ao retornarem fadigados não disponibilizam a atenção e o carinho

²⁶ É uma correção que os Adlerianos trouxeram às teses ortodoxas do marxismo. É Henri de Man quem fala num “complexo de inferioridade do proletariado”. A classe operária viveria numa atmosfera de ressentimento social causado pela exploração do seu trabalho; as suas reações psicológicas seriam uma tentativa de supercompensação aos seus sentimentos de inferioridade social. O potencial revolucionário da classe operária decorreria de reações à sua inferiorização, e diminuiria quando melhorassem ou cessassem as causas que determinaram aquela inferiorização (RAMOS, 1949, p.103).

necessário para a criança, outros casos demonstraram que o “sentimento de inferioridade social” dos pais causam reações diversas sobre as crianças (castigos corporais ou morais, indiferença, abandono ou ódio). É um fato provado pela experiência de que quanto mais oprimido se encontra o homem, mais fortemente luta para compensar essa opressão. E daí o reforço da sua autoridade no lar ou na escola, pela exteriorização de um sadismo (1949, p.105).

As observações nas clínicas de ortofrenia e higiene mental trouxeram também outros exemplos de “desajustamento familiar” que afetam diferentemente no processo de desenvolvimento da criança independente da situação econômica: conflitos familiares variados, desentendimento entre cônjuges, alcoolismo paterno (responsável pelos desajustamentos psicoativos no lar e sua influência na educação infantil), abandono moral da criança (crianças consideradas delinquentes e que vivem na rua foram criadas em ambientes familiares “desajustados” sem carinho e sem afeto dos pais).

Nessa categoria dos “desajustamentos do lar”, destaca-se também, o problema do filho ilegítimo, que segundo Ramos (1949), constitui a maioria dos casos de família de baixa renda atendidos nas clínicas de ortofrenia e higiene mental. Os filhos ilegítimos são a causa de muitos conflitos entre pais e irmãos, sua posição com relação aos outros irmãos resulta em problemas de inferioridade que dificultam a construção do seu caráter. Os conflitos do filho ilegítimo não se resumem em simples conflitos emocionais, mas também em conflitos gravíssimos decorrentes dos preconceitos da sociedade.

A orfandade também é outra categoria muito estudada pelos higienistas mentais, seja ela de um ou de ambos os pais, da criança criada em orfanatos ou em famílias desconhecidas. Segundo Ramos (1949), essa condição leva algumas crianças idealizarem pais imaginários, “esta fantasia satisfaz as tendências narcísicas, de um lado, masoquista de outro, e aparecem quase sempre como reações a sentimento de inferioridade” (1949, p.132).

Para o médico psiquiatra (1949), a criança órfã de pai apresenta inúmeros problemas de comportamento e personalidade, principalmente os meninos que precisam da influência masculina para desenvolver o super-ego. A perda da mãe também traz muitos problemas relacionados a doenças patológicas (perda de peso)²⁷, mas também à timidez e insociabilidade devido à falta de confiança da criança em outras pessoas.

²⁷ Moritz, de Budapest, mostrou o fenômeno da imaginação psíquica nas crianças sem mãe. Este autor mostrou que as crianças educadas sem mãe, ou sem estímulos psíquicos, perdiam gradativamente o peso, o que demonstra ainda a influência do psiquismo sobre o físico. A observação foi feita ainda nas crianças lactentes, órfãs de mãe e ou retiradas do lar, por abandono, no período chamado comunismo de guerra, nos hospitais de Moscou. Apesar

O perfil das “crianças escorraçadas” descrita por Arthur Ramos são filhos de brasileiros, portugueses e judeus, a maioria o pai trabalha no comércio, e a mãe é doméstica ou do lar, possuem uma vida financeira bem precária, e moram em casas alugadas na favela em péssimas condições sem acomodações para criança que dorme no quarto, ou até mesmo na mesma cama com vários irmãos (as), ou outros parentes. A rotina das crianças é bem agitada vão para escola, e em horários opostos trabalham dentro de casa realizando serviços domésticos, quase não frequentam cinemas ou passeiam, brincam na rua ou na escola com os colegas e irmãos (as) (em alguns casos os pais não deixam a criança brincar na rua, porque tem medo da violência do bairro e das “más companhias”), recebem muitos castigos corporais dos pais ou outros parentes, e apresentam medo do isolamento e escuridão.

As Constelações Familiares

Os estudos das constelações familiares precisam ser analisados em diferentes fatores: números de filhos, ordem do nascimento, posição dos irmãos em relação às irmãs ou vice versa, ciúmes e ódios familiares relacionados às preferências dos pais, privilégios em virtude do sexo, idade, etc...

Muitas pesquisas na área biológica apontavam divergências ao tentarem justificar a capacidade física e mental das crianças a partir da relação entre o número de filhos de uma família, a ordem do nascimento e certas características físicas, o que para Ramos, é a comprovação de que as diferenças comportamentais, e o rendimento escolar da criança em relação à ordem de nascimento não podem ter significados “heredo-biológicos”, mas sim, significados sociais, ou seja, são os conflitos psicoafetivos da criança em relação ao seu ambiente familiar e social que interferem no seu processo de ensino e aprendizagem.

Assim, os problemas de comportamento e desenvolvimento da criança, não estão diretamente relacionados à ordem do nascimento, mas à existência de conflitos emocionais e afetivos da família. As análises psicológicas demonstraram o papel das influências familiares, o filho (a) primogênito (a), por exemplo, pode apresentar comportamentos mais agressivos com relação aos outros irmãos (as), podendo ser visto pelo irmão (as) caçula como uma figura autoritária, substituto dos pais, devido sua posição hierárquica e privilegiada estabelecida pela sociedade.

de alimentadas e assistidas convenientemente, nos hospitais, estas crianças definham e chegaram algumas ao extremo da inanição psíquica (RAMOS, 1949, p.133).

Segundo Ramos (1949), são muitos os estudos dedicados à análise da posição da criança em relação aos seus irmãos dentro das constelações familiares, para os adlerianos os filhos mais velhos podem apresentar atitudes de timidez e falta de coragem ou de desejos de afirmação de superioridade, os caçulas podem apresentar sentimento de inferioridade em face dos irmãos mais velhos ou revolta e desejo de domínio, já os irmãos do meio dependem da atitude familiar. “Os casos de “irmãos inimigos” que abordam sentimento de aversão, ódio, ciúmes são a base instintiva que desde cedo martirizam a alma infantil” (1949, p.165).

As observações das clínicas de ortofrenia e higiene mental apontaram casos de crianças com problemas de comportamento decorrente do sentimento de ciúmes após o nascimento de irmãos (as), o que para Ramos, “revela o poder extraordinário da dinâmica afetiva na infância” (1949, p.171).

- Tentativas de fugas de casa;
- Atitude de agressão contra as professoras (substituta da mãe); homens em geral (substituto do pai) ou colegas (substituto dos irmãos (as));
- Mentiras e furtos (substituto do carinho perdido);
- Tentativas de afirmação da personalidade.

São destaque também, casos de filho único entre várias irmãs ou vice-versa que apresentam diferentes problemas de comportamentos, e também problemas de estímulo precoce de origem sexual, isso porque, “o contato, quase exclusivo, em casa, com pessoas do sexo oposto, oferece oportunidades para a curiosidade sexual, para as questões relativas ao sexo” (RAMOS, 1949, p.182).

O Filho Único

O estudo da categoria do filho único está associado à análise da “criança mimada”, pois são crianças que recebem exclusivamente todo amor, carinho e atenção dos pais, e conseqüentemente apresentam maior probabilidade de desenvolver problemas comportamentais, anomalias afetivas, e caracterológicas que se desenvolvem nos primeiros anos de contato da criança com a vida familiar, e se prolongam para a vida adulta.

Ramos explica as análises psicanalíticas para essa categoria, ressaltando que, a dinâmica afetiva do filho único pode ser explicada tanto dentro das teorias freudianas quanto adlerianas. De acordo com ele (1949), a dinâmica do filho único estaria mais facilmente ligada à concepção edipiana, devido à intensidade dos laços afetivos que nela se formam, assim existem diferentes fatores ligados à relação dos pais com o filho, a mãe separada ou viúva, por

exemplo, direciona todo seu amor ao filho intensificando cada vez mais a relação afetiva no sentido do complexo de Édipo.

Para alguns psicanalistas a criança filha única que apresenta problemas de atrasos afetivos são incapazes de evoluir normalmente, ficando presas às fixações e fantasias da vida infantil, na concepção adleriana a dinâmica do filho único está associada à conquista de poder e vantagens, tendo todos os interesses familiares voltados a ele e, por isso, no futuro quando se deparam com as primeiras restrições aos seus desejos começam apresentar comportamentos de agressividade e autoridade como meio de conseguirem o que desejam. Geralmente essas crianças não conseguem se tornar adultos independentes, desenvolvendo-se a partir de um sentimento de insegurança.

“Vê-se, de um lado, impedido no desejo de progredir, de outro lado, deseja uma vida agradável que não lhe proporcione nenhuma fadiga, e a que possa atingir sem esforço” (RAMOS, 1949, p.187).

Para Ramos (1949), as concepções freudianas e adlerianas se equiparam ao considerarem a importância da análise do ambiente familiar que a criança filha única está inserida, seja ligada no amor da mãe (Complexo de Édipo), ou no seu não desenvolvimento dentro da sociedade, por excesso de cuidados e por estar acostumada a ser o centro das atenções no ambiente familiar.

Assim como na categoria da “criança mimada” os problemas da criança filha única podem ser identificados durante a sua entrada para a escola, as fichas comportamentais das clínicas de ortofrenia e higiene mental registram casos dos mais variados que vão desde dificuldades mínimas de adaptação à escola até problemas mais graves de comportamento que estão associados a cuidados em excesso (crianças que desejam estar na posição de destaque e desenvolvem comportamentos de mentira e agressão na tentativa de valorização fictícia da personalidade), ou a fatores de “más condições ambientais do lar” (pauperismo dos pais, abandonos morais, etc...), e fatores orgânicos e psicológicos (doenças físicas ou crônicas, atrasos mentais, acarretando no sentimento de inferioridade e supercompensação inadequada).

As fichas registram casos considerados mais graves de filho único de mãe divorciada ou viúva, filhos adotados. Os casos mais comuns são dos filhos mimados em casa que não conseguem adaptar-se ao ambiente escolar apresentando comportamentos como: medo, infantilidade, narcisismo e timidez, outros casos estão associados ao “escorraçamento”, ou a educação inadequada que oscila entre a severidade e a doçura (“tipo morcego: morde e assopra”), desenvolvendo neste caso (RAMOS, 1949, p.194), a situação triangular do

complexo de Édipo, criando um rancor geralmente pela figura do pai, e na escola torna-se agressivo e agitada consequente dos seus desejos inconscientes de vingança.

São registrados também casos de mentira e furto, e mentira imaginativa para exaltar vantagens narcísicas, associados a comportamentos simbólicos de agressão. Casos de filho único que a mãe insatisfeita atribui os problemas e dificuldade indesejada da criança a outras pessoas.

Todavia para Ramos (1949), os problemas da criança filha única são essencialmente preventivos, sendo necessário analisar o ambiente familiar, esclarecer aos pais sobre atitudes inadequadas (sem cuidados ou castigos excessivos), proporcionar o convívio com outras crianças no ambiente familiar (colegas e parentes). A educação dos pais é indispensável, seja em casa ou na escola, o posicionamento da mãe torna-se fundamental para “prevenir ou ajustar” os problemas de comportamento do filho único.

Avós e outros Parentes

No estudo das constelações familiares é muito importante a análise da influência que os outros parentes (avós, tios, padrinhos, madrinhas) exercem sobre a criança, principalmente dos avós, pois alguns estudos apresentam a figura do avô na imaginação infantil como sendo substituto do pai.

A higiene mental retorna as concepções do que Jones denomina de “complexo do avô” para explicar que são vários os conflitos criados dentro do ambiente familiar devido à influência dos avós na educação da criança. São frequentes os favoritismos dos velhos com as crianças, uma espécie de identificação narcísica por parte dos velhos, através da qual as crianças satisfazem as suas fantasias (RAMOS, 1949, p.206). Exemplo muito comum, é o dos pais que restringem a criança de algo, e os avós desconsiderarem a autoridade dos mesmos, e realizarem os desejos e caprichos da criança.

Nas clínicas de ortofrenia e higiene mental destacam-se casos de:

- Avós que desempenham papéis de “substitutos”, devido o falecido dos pais;
- Crianças que apresentam problemas de comportamento devido às preferências e cuidados excessivos dos avós;
- Crianças adotadas pelos avós e que se sentem em “ambientes estranhos”, e carentes de carinhos afetivos.

Nas contestações familiares também se destaca o papel das tias (principalmente as “solteironas”) que transferem todo seu amor aos sobrinhos, e também os da madrinha ou

qualquer outro parente que participou da educação familiar da criança, como praticamente substituta da figura materna. A higiene mental considera muito importante também, a análise da influência da ama de leite (organização patriarcal), ou de qualquer outra funcionária doméstica do ambiente familiar.

De acordo com Ramos (1949), no Brasil como em outros países constituídos por uma sociedade patriarcal, organizada por uma base econômica escravista, muitos são os estudos psicológicos sobre as influências da ama de leite negra na vida social e familiar, mas faltam estudos a respeito da influência das amas negras sobre o psiquismo da criança brasileira, que moldou hábitos e expandiu a imaginação. “Pois, não só nos engenhos e fazendas, como também, nas cidades as velhas amas negras impregnaram a imaginação infantil com o seu contingente de folclore e de encantamento” (1949, p. 215).

A Criança Turbulenta

Neste capítulo referente à segunda parte do livro denominada “*Os Problemas*”, Arthur Ramos analisa os problemas da “criança turbulenta” dentro do ambiente escolar e as principais causas que as levam a desenvolver esses tipos de comportamentos inadequados que estão associados à agressividade, instabilidade, impulsividade, teimosia, indisciplina, desobediência, reclamadora, etc...

Explica que os primeiros estudos sobre a “criança turbulenta” consideram os comportamentos inadequados um sintoma geral da “anormalidade infantil” existente nos atrasos mentais e físicos, como por exemplo, as concepções de Wallon sobre os estudos dos “atrasos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental”. Segundo Ramos (1934), Wallon estudou as causas fisiológicas de cada um dos sinais da debilidade motora descrita por Dupré, para identificar que os sinais motores não estavam ligados apenas ao sistema piramidal, mas também a vários estados mórbidos (distúrbios endocrínicos, astenia, toxi-infecções, hipomaníaca, impulsões automáticas).

Mas, para o médico psiquiatra (1934), é necessário que se faça uma distinção em categorias das “crianças turbulentas” dentro do ambiente escolar, considerando um grupo para as crianças portadoras da síndrome de debilidade motora descrita por Dupré, e as instáveis ligadas a vários estados mórbidos e impulsivos, e o outro grupo para as crianças que apresentam qualquer tipo de comportamento inadequado devido às condições afetivas e ambientais, e que não são diagnosticadas com problemas psíquicos.

Ramos explica algumas concepções psicanalíticas, ressaltando que, os aspectos de agressividade e comportamento inadequado dentro do ambiente escolar na concepção freudiana podem estar associados a “adoção de tendências possessivas conservadoras, da fase anal-sádica da libido” (1949, p.225), já na concepção adleriana essas manifestação podem ser justificadas a partir da “supercompensação a sentimentos de inferioridade” (seja orgânico, econômico, afetivo, etc.). Dentro das duas concepções é muito importante a análise do ambiente familiar e escolar que a criança está inserida, e da educação que recebe.

Explica também algumas concepções psicanalíticas sobre o comportamento da desobediência que analisada a partir das teorias de Adler torna-se uma “evasão, um símbolo de afirmação da personalidade” (1949, p.241). A teimosia comportamento ligado à desobediência para alguns especialista é um fenômeno educativo que se transmite sobre o “negativismo normal da infância”, dentro da psicanálise pode ser um “ato de agressão e resistência dirigido contra alguma pessoa odiada pela criança” a psicologia individual completa “a teimosia pode também indicar uma tentativa de valorização da personalidade” (1949, p.251).

Nas clínicas de ortofrenia e higiene mental foram analisadas crianças turbulentas e agressivas, crianças desobedientes e indisciplinadas, crianças com outros fatores psicomotores do comportamento (obstinação, teimosia, implicância, ironia, reclamação em excesso). Os registros apontam casos simples como:

- Crianças agitadas (não param quietos, mexem em tudo e com todos), mas que não apresentam sinais de agressividade, esses problemas podem estar ligados a alguma dificuldade mínima de adaptação ao ambiente;
- Crianças desobedientes que estão em busca da afirmação de sua personalidade;
- Crianças desobedientes que recebem muitos cuidados dentro do ambiente familiar e querem continuar recendo toda a atenção no ambiente escolar;
- Crianças amedrontadas em ambiente familiar e, que chegam à escola, e reagem contra “autoridade símbolo” (professor (a)) sendo desobediente e indisciplinado.

Os casos mais graves estão associados a comportamentos de agressividade, e outros de personalidade e, estão presentes em:

- Crianças que são muito castigadas fisicamente e psicologicamente, e desenvolvem sentimentos de ódio e agressão na tentativa de compensação aos sentimentos de inferioridade física e social, e sentimentos de vingança e agressão contra a “autoridade símbolo” (professor (a)) como tentativa de afirmação a sua personalidade;
- Crianças órfãs e adotadas;

- Crianças influenciadas por um viés ideológico de caráter político-social dentro do ambiente familiar e que transportam para o ambiente escolar;
- Crianças educadas em ambiente de péssimas condições, pauperismo, doença orgânica;
- Crianças com profundos complexos de inferioridade de fator orgânico e social que ao entrarem na escola reagem de maneira agressiva com colegas (necessidade de rebaixar o outro para se sentir valorizada), demonstram sentimento de ódio às autoridades em geral, fantasia de grandeza social, tudo como tentativas de “protesto” contra sua atual situação social.
- Crianças “enredeiras ou reclamadora” que estão sempre fazendo queixas dos colegas para a professora ou da professora para os pais como tentativas de prejudicar o outro, essa atitude pode variar de simples reclamações para mentiras perversas.

Para o médico psiquiatra (1949), ao analisarmos os problemas de turbulência e agressividade dentro do jogo afetivo das constelações familiares, pode-se identificar, que esses problemas são comportamentos reacionais, movimentos símbolos de vingança, de ódio, de fuga e evasão diante de situações de “desajustamento”, “tudo isso, às vezes facilitado pela existência de fixações da personalidade a uma fase pré-genital da libido, de acordo com a psicanálise” (1949, p.231).

Todavia, para Ramos, o tratamento desses problemas de turbulência infantil primeiro precisa ser avaliado, caso sejam decorrentes de transtornos orgânicos é necessário que se faça acompanhamentos médico especializados. Nos casos decorrentes a fatores das constelações familiares se faz necessário orientar os pais ou outras pessoas que participam da educação da criança, sobre os cuidados ou castigos em excesso, sobre a assistência moral e afetiva necessária dentro do ambiente familiar. Na escola a professora precisa equilibrar o seu papel de autoridade, já que a mesma dentro do imaginário infantil é a figura substituta dos pais. Com relação às atividades pedagógicas, jogos educativos e socializantes, podem ajudar nesse processo de reeducação motora, e controle dos impulsos agressivos da criança e, também nos processos de controle aos complexos de inferioridade.

Tiques e “Ritmias”

O estudo patológico dos tiques se tornou preocupação em diferentes áreas (neuropsiquiatria, pediatria, educação, higiene mental), o seu desenvolvimento durante o período da infância eram considerados “maus hábitos” motores da criança. Segundo Ramos (1934), alguns autores diferenciavam os tiques (movimentos involuntários repetidos em

intervalos irregulares, porém aproximados) das ritmias (movimentos simples e combinados que se reproduzem sensivelmente em velocidade e intensidade de intervalos iguais).

Os tiques são classificados em tiques convulsivos (contrações musculares) tiques de hábito (comparados aos movimentos normais). “Todos os movimentos normais, para Cruchet, poderão se transformar em tiques de hábitos, e são estes os particularmente frequentes na infância” (RAMOS, 1949, p.259).

A higiene mental retorna aos estudos dos tiques infantis considerando que suas manifestações deveriam ser estudadas separadamente, os “tiques de hábitos” necessitavam ser analisados a partir do estudo da vida afetiva da criança, em particular, na sexualidade. Independente da psicanálise, vários especialistas consideraram algumas manifestações dos tiques ligados a atividades substitutivas da masturbação (...). Muitos autores interpretaram os chamados “maus hábitos” da criança, como manifestações da sua vida sexual (RAMOS, 1949, p. 261).

Ramos explica que durante a infância a criança desenvolve alguns tiques muito comuns como roer unhas, sugar o polegar e esgaravatar o nariz, os hábitos bucais para os psicanalistas estariam associados à fase oral da libido que vai até doze ou dezoito primeiros meses de vida, e sua prorrogação para a segunda infância e vida adulta revelaria a existência de fixações e regressões aos complexos orais. Dentro das concepções adlerianas esses hábitos seriam tentativas de supervalorização da personalidade e sentimento de inferioridade.

Existem também vários tiques infantis associados a atrasos de desenvolvimento psicomotor ou epilepsia, etc.. Mas, para Ramos, algumas observações comprovam que mesmo existindo causas orgânicas ligadas a distúrbios do desenvolvimento psicomotor, a confluência de fatores ambientais desfavoráveis é quase regra nas crianças portadoras de tiques (1949, p.275).

A correção desses hábitos dentro do ambiente familiar e na medicina está associada a castigos violentos e uma serie de medidas, que para Ramos (1949), vinham complicar ainda mais as situações, pois desencadeavam resultados transitórios e problemáticos. Segundo o médico psiquiatra (1949), os tiques podem estar associados a causas orgânicas, psíquicas e ambientais, podem ser sintoma de neurose e psicose ou reflexo banal de defesa, por isso, é necessário primeiramente, investigar sua natureza, realizando uma análise de todas as situações familiares desfavoráveis em que a criança vive.

Para os psicanalistas, o exame das primeiras fixações da libido explica muitos hábitos, principalmente os tiques bucais e manuais, assim, segundo Ramos (1949, p.276), não são com castigos e ameaças que se corrige a criança, pois isso, só agravará o sentimento de culpa e

angústia e, sim com métodos de oportunidade para descarregar energias canalizadas (jogos e atividades educativas).

As Fugas Escolares

Neste capítulo, Ramos descreve os problemas da fuga escolar, destacando que muitas vezes as crianças fogem da escola, porque a mesma não consegue cumprir sua tarefa social ou às vezes a criança não está fugindo da escola, mas sim, do ambiente familiar “desajustado” por inúmeros motivos. As fugas escolares vão desde a falta simples de comparecimento à escola, temporária, ocasional até as fugas repetidas, andança nas ruas, mentiras para os pais e professores.

O problema da evasão escolar foi estudado pela higiene mental por diferentes aspectos: idade da criança, tipo de escola, condições do lar, “idade mental da criança”, existência de distúrbios nervosos e psicopáticos, etc. As principais causas são, em primeiro lugar, consideradas por fatores ambientais, depois outras causas de acordo com a complexidade do problema, que vai desde a ruptura simples até fugas patológicas.

Especialistas explicam as variedades de fugas infantis, distinguindo primeiramente a fuga (crise-manifestação psicológica) da vagabundagem (estado-manifestação social). Segundo Ramos (1949), Gilbert Robin classifica as fugas em: **fuga escolar** (simples X ruptura escolar)²⁸, **fugas da adolescência** (ato de revolta contra a autoridade paterna), **fugas automáticas e impulsivas** (isoladas aparecendo em caráter automático, devido a uma fase depressiva), **fugas ansiosas** (por medo, excesso de escrúpulo), **fugas imaginativas** (aventura), **fugas por instabilidade** (necessidade de deslocamento contínuo), **fugas psicopáticas** (distúrbios mentais e físicos, muito rara na infância e no ambiente escolar).

Para o médico psiquiatra (1949), na antiga escola de ensino tradicional a evasão escolar poderia ser explicada a partir do modelo rigoroso e o medo das crianças diante das autoridades, mas, as concepções do modelo de Escola Nova proporcionaram um ambiente de liberdade, podendo ser eliminadas essas justificativas. Assim, para Ramos (1949, p.286):

²⁸ Fuga simples - três grupos: crianças impropriamente instáveis sociais (abandonadas moralmente) crianças astênicas e medrosas, que não querem ser punidas e fogem da escola por medo (ainda causa psicossocial) e o grupo do perverso, que associa a fuga a outros sintomas de desajustamento: mentiras, furtos, etc. A ruptura escolar está no caso da criança que até então se submeteu, de bom grado, a uma escolaridade regular, e recusa, subitamente a ir para a escola. Neste caso intervêm fatores pessoais, complexos afetivos, mudanças bruscas de uma situação familiar ou escolar, ações dos pais ou dos professores, etc.(RAMOS, 1949, p.283).

a evasão escolar infantil passa de fato a estar relacionada aos complexos afetivos da criança formados no ambiente familiar. Causas afetivo-ambientais se destacam em primeiro plano, a não ser nos casos de fuga dos adolescentes, em que há confluência de fatores imaginativos, do desejo de aventuras (RAMOS, 1949, p.286).

As clínicas de ortofrenia e higiene mental registraram casos de fugas escolares relacionados: imitações, aventuras, más condições econômicas e “desajustamentos” familiares, orfandade, castigos corporais, ruptura das tradições familiares e sociais, vinganças contra o adulto. Crianças que fogem de casa, porque não são bem tratadas e/ou da escola, porque seu comportamento é indesejável. Pré-adolescentes, meninas ou meninos que fogem devido a crises de “originalidade” (maneirismo; atitude de agressão; desejo de não usar o uniforme escolar).

Todavia, Ramos destaca que, a correção da evasão escolar não é uma questão simples que deve ser solucionada com castigos e ameaças, primeiramente, é necessário analisar as causas da fuga: familiares, escolares, afetivas, emocionais, transitórias ou continuadas, patológicas (tratadas por especialistas e com exames contínuos). E, se há fatores de angústia para a personalidade infantil: transitórios, choque emotivo, acontecimentos insólito, fatores continuados (“escorraçamento” físico ou moral da criança).

Os Problemas Sexuais

Neste capítulo Arthur Ramos aborda os problemas sexuais da criança, destacando que por muitos anos os adultos negaram ou condenaram a existência das manifestações sexuais no período da infância, o que fez com que as crianças se tornassem quietas, amedrontadas, inibidas, aparentando serem “inocentes” e tranquilas, mas segundo o médico psiquiatra (1949, p.301):

a ruminação interior da angústia e dos desvios psíquicos estão se processando lentamente. Já se acabou o mito de se considerar a criança como “inocente”, olhando se a infância como a “idade feliz”. A criança debate-se num mundo cheio de fatos e problemas que lhes são inacessíveis. Vive no meio de adultos que recalcam a livre manifestação dos seus instintos, ignorando as suas angústias e as suas inquietações (RAMOS, 1949, p.301).

A psicanálise apresentou estudos sobre a existência da sexualidade infantil no geral difundida em diferentes estágios (pré-genital, fálica, fase de latência, fase da puberdade)

durante a infância até a adolescência²⁹, após começaram a surgir pesquisas sobre os problemas sexuais infantis no período escolar.

Segundo Ramos (1949), a masturbação infantil é a primeira manifestação universal da sexualidade, assim, foram muitos os estudos clássicos de médicos e educadores que confundindo as causas com as consequências, tentaram condenar o ato como sendo hábitos viciantes, que acarretavam em doenças e males diversos, as sugestões para correção eram através de castigos corporais e ameaças de castração. Psicanalistas estudaram o chamado “complexo de castração³⁰” (sentimentos de inferioridade e impotência, ideias de autopunição), criado nas bases de ameaças e repressões da masturbação infantil³¹.

Os especialistas classificaram a masturbação infantil em diferentes categorias: **onanismo de consolação** (fuga da realidade); **onanismo por desgosto** (procura de autopunição); **onanismo de jogo** (atividade simples, ligada a tiques ou por imitação); **onanismo de compensação** (satisfação dos desejos).

Assim, para Ramos (1949), a masturbação infantil está associada a uma atividade espontânea da vida sexual e, muitas vezes por causas afetivas dentro do ambiente familiar e social. Não é a masturbação infantil, em si, que acarreta os males futuros, como a neurose, porém, a atitude dos adultos, provocando os conflitos psíquicos na alma da criança. (...) A mesma só deve haver intervenção quando comprovada como hábito (1949, p.304).

Arthur Ramos destaca que outra categoria muito estudada pelos psicanalistas, e grande preocupação dos educadores é a homossexualidade que tem suas primeiras manifestações logo após o período da masturbação infantil. Segundo o médico psiquiatra (1949), a discussão é extensa, alguns especialistas a justificam a partir dos estudos endocrinológicos³², outros

²⁹ Período da sexualidade que vai até os cinco anos, é chamado pré-genital (zona buco-labial, anorretal, uretral), pois a libido não conhece ainda a localização genital. E desta época em diante, quando a criança toma nota da existência do seu pequeno órgão genital, que surge a fase fálica, período importante para pedagogia, pois é a fase onde se inicia a masturbação, e começa a exercer-se o papel repressor da educação. É a fase ainda dos complexos familiares, Complexo Édipo, que sucumbe do 5º para o 6º ano, quando se instala a fase latência, período em que as manifestações da sexualidade são esquecidas e recalçadas, para explodirem mais adiante na puberdade (RAMOS, 1949, P.300).

³⁰ Pais e educadores, quando lançam o anátema sobre o pequeno masturbador, nada mais fazem do que projetar sobre a criança aquilo que eles próprios sofrerem na infância. Os psicanalistas estudaram o mecanismo do que eles chamaram de “complexo de castração”, base dos sentimentos de inferioridade e impotência, e das ideias de autopunição e, cujo núcleo se formou à base das ameaças e repressões ao onanismo infantil (RAMOS, 1949, p.306).

³¹ A masturbação é o suporte das fantasias sexuais (a maior parte ligada ao complexo de Édipo), ela atrai o medo da castração, em virtude das ameaças dos adultos. O sentimento de culpa e autopunição e muitos atos obsessivos do adulto geram-se, desta maneira, do medo e dos conflitos provocados por aquelas ameaças (RAMOS, 1949, p.306).

³² Na espécie humana, a mulher possui hormônios masculinos, como o homem possui hormônios femininos. Os endocrinologistas contemporâneos admitem a inserção, no germen, nos cromossomos nucleares, de uma

justificam a partir das influências das constelações e complexos familiares, da educação recebida no ambiente familiar, e outras vezes pelo sentimento de inferioridade no indivíduo, narcisismo, medo ou repulsa pelo outro sexo, imitação ou jogo. Na concepção adleriana o “homossexualismo” pode ser considerado um “protesto viril”, “a timidez sexual, por exemplo, pode conduzir a isso, e supercompensar-se na criação de uma filosofia homossexual, ou mesmo assexual da vida” (1949, p.321).

A partir de suas análises, e de estudos da psicanálise, Ramos defende o fato de não podermos considerar as práticas homossexuais infantil com os mesmo critérios do “homossexualismo” na idade adulta, pois muitas vezes nesse período da infância as práticas homossexuais são apenas manifestações da pré-sexualidade infantil, atividades lúdicas de jogos e imitações, que precisam ser analisadas cuidadosamente nas suas consequências psicológicas.

Chama atenção também, para a diferença da homossexualidade entre as meninas e meninos, pois em sua opinião, diante dos estudos que demonstram o quanto a mulher sofre com sua sexualidade, e com seu papel opressor, e submisso estabelecido pela sociedade desde o seu nascimento, o “homossexualismo” feminino pode estar mais relacionado a componentes psíquicos, e ao seu sentimento de inferioridade. Na escola primária ou na adolescência é muito comum entre as meninas, por exemplo, as “amizades apaixonadas”.

Outra categoria bastante estudada pela psicanálise são as palavras obscenas que podem ser consideradas na concepção freudiana uma forma disfarçada de agressão sexual e/ou um mecanismo regressivo à fase da libido oral.

A categoria das fantasias infantis sobre a sexualidade é chamada pelos psicanalistas de “enigma da esfinge”, a mesma corresponde à fase fálica a qual a criança inicia seu interesse pelas questões sexuais, e os pais ou adultos responsáveis com atitudes inadequadas acabam deixando as crianças livres na sua imaginação criando concepções inadequadas. Segundo Ramos (1949), a criança que apresenta problemas sexuais na escola, geralmente não obteve uma instrução sexual adequada dentro do ambiente familiar e, encontra no ambiente escolar uma oportunidade de se revelarem, isso faz com que, os pais retirem suas responsabilidades e a atribuam a culpa à escola.

As fichas das clínicas de ortofrenia e higiene mental registram casos de problemas sexuais na escola que correspondem ao:

sexualidade indiferente, uma bissexualidade gonadal, e só num período posterior é que sobreviveria a distinção dos sexos (RAMOS, 1949, p.319).

- Onanismo de consolação associado a onanismo de desgosto (decepção dentro do ambiente familiar) que surgem como consolação imaginativa, agressão simbólica, vingança contra irmãos preferidos;
- Onanismo de jogo relacionado a outros problemas sexuais;
- Homossexualismo com causas afetivo-ambientais (filho único entre mulheres) apresentando traumas na fase do desmame, atitude errônea dos pais;
- Homossexualismo como “protesto viril” (ódio ao sexo oposto), ou timidez e medo, menino que não gosta de brincadeira de menina;
- Homossexualismo de jogo ou imitação (imitação simples dos atos de colegas mais velhos);
- Homossexualismo por consolação (compensação real dos sentimentos de inferioridade; desajustamento no lar e castigos físicos ou morais);
- Homossexualismo com tendência ao “escape” imaginativo da adolescência – “crise de originalidade” e afirmação da personalidade
- Curiosidade sobre questões sexuais e atitudes errôneas dos pais;
- Pronunciamento de palavras obscenas associada a componentes agressivos (reações da libido oral ou reações de “desajustamento” familiar);
- Pronunciamento de palavras obscenas demonstrando uma ligação “oral” à mãe e um desejo de justificação sexual (criança criada com excesso de cuidados e em ambiente familiar só de mulheres);
- Pronunciamento de palavras obscenas relacionados diretamente com doenças neuropsíquica (epiléticos). Casos muito raros no ambiente escolar.

Os problemas sexuais da criança revelados na escola também podem estar associados a outras manifestações do comportamento, como agressividade, tiques, mentiras, furtos, etc. Outras vezes podem ser simples manifestações da sexualidade infantil em forma de atividades lúdicas e tendência a fase de latência, facilitadas pelos desajustamentos do ambiente familiar.

De acordo com Arthur Ramos (1949), analisar os problemas sexuais da criança dentro do ambiente escolar, é uma tarefa que apresenta inúmeras dificuldades, devido os preconceitos dos familiares e até mesmo da equipe escolar, assim, as fichas de comportamento das clínicas de ortofrenia e higiene mental que registram os casos em questão, estão incompletas e foi a única categoria de análise que não houve entrevista direta com as crianças.

Destaca também que a higiene mental vem comprovar que os impulsos sexuais na infância têm significações biológicas e atitudes normais e úteis, por isso, a criança deve ser orientada

desde cedo sobre os seus instintos sexuais, não a mantendo em suas fantasias imaginativas, cessando suas curiosidades conforme seu estágio de maturidade.

Todavia, para Ramos (1949), primeiramente, é necessário a educação dos pais, educadores, sociedade em geral sobre a importância das instruções sexuais na infância. Após, a prevenção de como os pais e principalmente a mãe deve se comportar diante seus filhos (excesso de cuidados, deixar a criança dormir no mesmo quarto dos pais por tempo indeterminado, amamentação além do período, evitar uso de chupetas), e também a questão da intimidade conjugal que deve ser evitada na presença da criança.

Medo e Angústia

Neste capítulo Ramos analisa quais são as causas do medo e da angústia no período da infância, ressaltando que são sentimentos desenvolvidos a partir da insegurança e timidez (crianças criadas com excesso de cuidados), ou angústia e infelicidade (crianças criadas com excesso de castigos físicos ou mentais), e sua complexidade vai desde o medo simples de escuridão, isolamento, fantasmas, bichos, pessoas, ladrão, até casos mais graves de angústia, fobias e obsessões, que levam a tentativa de suicídio³³, e que estão relacionados a conflitos graves da criança envolvendo suas experiências negativas dentro do ambiente familiar.

No psiquismo infantil podemos encontrar o temor, que vai desde um simples medo do quarto escuro, até os sentimentos complexos da angústia mais intensa, atingindo aos paradoxos do desespero que impele ao suicídio (RAMOS, 1949, p. 380).

Ramos explica que muitos estudos analisaram o sentimento de medo e angústia como sendo reações diante do perigo, para Adler, esses sentimentos seria um refúgio, um mecanismo de compensação para o indivíduo esquecer os seus sentimentos de inferioridade. Para outros psicanalistas, a origem da angústia humana estaria associada ao traumatismo do nascimento, para Ramos, dentro dessa concepção falta a análise psíquica. Já para Freud, o sentimento de angústia se desenvolve como uma reação geral a um estado de perigo, e se reproduz quando surge novamente este estado, essa reação estaria ligada a sexualidade, ao prazer³⁴.

³³ O suicídio aparece à criança como uma “fuga”, mas uma fuga definitiva, de onde não se volta mais. (...) A criança martirizada, deseja matar alguém e recalcada essa agressão, que voltaria contra ela própria. O suicídio seria assim o castigo de imaginações criminosas (RAMOS, 1949, p.376).

³⁴ Na resolução do complexo de Édipo, o pai surge como autoridade que ameaçaria o menino de castração. Acha Freud que é o medo da castração o complexo principal da angústia (haveria também um complexo de castração na menina, sendo o clitóris um substituto fálico). Diz Freud, que o Complexo de Édipo sucumbe ao medo da castração, e este é recalcado ao preço da angústia (RAMOS, 1949, p.382).

Com relação à origem do suicídio, os psicanalistas explicaram, a partir do mecanismo do homossexualismo e da melancolia, segundo Ramos, são muitas as análises psicanalíticas sobre o problema do masoquismo e da autopunição, por isso, nesse estudo é viável apenas, destacar que, “o suicídio representa talvez a mais completa das formas de autopunição, o deslocamento sobre o próprio indivíduo dos seus impulsos de agressão” (1949, p.384).

Algumas pesquisas internacionais do Instituto de Desenvolvimento da Criança do Colégio de Professores, da Universidade de Colúmbia, sobre as emoções de medo e angústia na criança, realizadas a partir de observações diretas sobre a criança, feitas pelos pais e professores; entrevistas com as crianças concernentes aos seus próprios medos; questionários aos adultos concernentes aos seus medos da infância, e relatos de casos comprovam que os medos infantis estão associados a diferentes categorias³⁵, que podem se apresentar isoladas ou combinadas, e variar em intensidade desde o medo simples até a angústia, fobias e obsessões. Ramos destaca (1949), que suas observações não estão focadas no estudo quantitativo, em catalogar os medos, e suas situações na criança como fizeram os especialistas da Universidade de Colúmbia, mas sim, registrar os medos revelados pela criança, dentro da concepção da higiene mental, num estudo mais qualitativo, que demonstra que a angústia infantil é responsabilidade dos adultos, principalmente dos pais, pois “a criança reage, com uma intensidade insuspeitada pelo comum dos adultos, a quaisquer solicitações do seu ambiente” (1949, p.372).

Para Ramos (1949), os adultos criam os mais complexos e esquisitos amedrontamentos na criança, como exemplo, as lendas folclóricas brasileiras que trazem os fantasmas, bicho-papão, almas penadas, lobisomens. “A criança brasileira, principalmente do nordeste, foi criada no mundo fantasmagórico que lhe desenvolveu medos e angústias terríveis” (1949, p.361).

As fichas de observações das clínicas de ortofrenia e higiene mental registram casos associados a:

- Medo da escuridão e do isolamento, mais frequentes em filho (a) único (a); filha única entre vários irmãos ou vice versa, que apresentam traços de personalidade como: timidez; docilidade; choro fácil; tristeza, aprendizagem difícil, etc.;

³⁵ Animais; objetos específicos, acontecimentos ou situações; movimentos súbitos; luzes e clarões; desaparecimento súbito de pessoas; aproximação rápida ou súbita com ruído; ruídos em geral; queda ou deslocamento; situações que promovem dor; objetos e situações estranhas; pessoas estranhas; perigo ou ameaça de dono corporal; medo como resposta a advertências sugestões de perigo; sinais de medo; perda de propriedade; sonhos; medos e apreensões concernentes a própria pessoa, aos fracassos; medos de ladrão; escuridão e estar só no escuro; escuridão; escuridão e isolamento relacionado a criaturas imaginativas; criaturas imaginativas sobrenaturais.

- Medos que estão associados à agressividade, problemas de sexualidade;
- Medos de fantasmas, complicado com problemas de personalidade e comportamento;
- Medos da escuridão, e do isolamento associados com medo de fantasmas, bichos e pessoas;
- Medos de ladrão associado a outros problemas da criança tímida e medrosa;
- Sentimentos de angústia e autopunição associados aos processos de amedrontamento dentro do ambiente familiar;
- Ideias e tentativas de suicídio, demonstrando o papel do ambiente familiar;
- Tentativas de suicídio na adolescência (escorraçada no ambiente familiar, contrariada nas suas paixões) como mecanismo de compensação, nas fugas da imaginação.

Segundo o médico psiquiatra (1949), as observações das clínicas de ortofrenia e higiene mental, comprovaram a teoria da dinâmica afetiva. “A criança tímida, angustiada, é uma criança que “introverteu” os seus sentimentos de agressão, em face de desajustamentos familiares” (1949, p.385).

Todavia, para Ramos, a correção dos medos e angústia está na prevenção, agir de maneira correta diante a criança, evitando algumas atitudes errôneas dos pais como: consentir a criança dormir no mesmo quarto; cuidados em excesso; ameaças em excesso; contação de histórias aterrorizantes; conflitos de adultos em sua presença; adotar atitudes diferentes a que ensina. Proporcionar uma educação sexual baseadas nos princípios psicanalíticos.

Alguns casos mais simples são necessários apenas que elucidem a situações aos pais e professores, mas em casos mais graves, apenas um tratamento psicológico consegue remover os traumas da angústia infantil.

Pré-Delinquência Infantil: A Mentira

Para Arthur Ramos (1949), o estudo da mentira infantil não pode ser interpretado apenas com a lógica de adultos, pois a atividade imaginativa é uma função normal na criança. (...) Basta assinalar que na fase do egotismo pueril de Piaget, não podemos falar propriamente em mentira infantil e, sim desilusão, para empregar um termo de Pierre Janet (1949, p.387).

Os psicólogos acreditam ser impossível definir a mentira, porque a mesma ocorre em muitas circunstâncias, e apresenta os mais vários aspectos, por exemplo, ao levar em consideração as circunstâncias ambientais na qual a criança que mente está inserida, a mentira torna-se um mecanismo de ajuste e de defesa. Ao tentarem analisar por meio de testes, o

porquê as crianças mentiam, enganavam e furtavam chegaram à conclusão de que ninguém é honesto ou desonesto por natureza, a situação ambiental tem decisiva importância nas reações de desajustamento da criança, nestas situações de desajustamento, deve ser feito um cuidadoso estudo das relações pessoais envolvidas (RAMOS, 1949, p.393).

Alguns especialistas ao levar em consideração que as mentiras infantis são tentativas de ajustamento, as classificaram em diferentes categorias. Arthur Ramos em suas análises descreve a classificação de Burt, por considera-la, uma das mais completas, e as exemplificam com casos encontrados nas observações das clínicas de ortofrenia e higiene mental.

As mentiras de prazenteira, de confusão e vaidade estão associadas a erros de percepção, memória e interpretação, que se desenvolvem em função dos desejos subjetivos da criança e em circunstâncias ambientais favoráveis.

- **Mentira prazenteira:** Jogo da imaginação no qual a criança confunde a ficção com a realidade, vai desde uma simples fantasia (satisfação dos desejos ou chamar atenção de outras pessoas), até formas graves caracterizadas por uma personalidade histérica, mitomaníaca, com sintomas de mitoplastia, dissociação psíquica, etc.
- **Mentira de confusão:** resultado da incapacidade de contar um fato sem inverter ou inventar algo, muito comum quando os adultos interrogam a criança inadequadamente.
- **Mentira de vaidade:** invenções exageradas e conscientes (hábitos mentirosos) com o propósito de se destacar entre outras pessoas, e também em função do “princípio do prazer”.
- **Mentira de malevolência ou vingança:** motivada pelo ódio, na intenção de prejudicar outra pessoa. Explicada, a partir da teoria de projeção, “a criança projeta os seus próprios sentimentos aos outros e daí o seu ódio a terceiros e o desejo de fazer-lhes mal” (RAMOS, 1949, p.401). Essa mentira pode ir desde a agressão a determinada pessoa, difamação por ódio consciente, até vários graus da calúnia, dissimulação por covardia, etc.
- **Mentira de desculpa:** motivada pelo medo ou covardia, principais responsáveis por essa mentira infantil, são os adultos que fazem interrogações acusadoras para a criança. Podem ser agudas (criança ameaçada que mente para se livrar do castigo), ou crônicas (condição de fuga das crianças “escorraçadas” constantemente no ambiente familiar e escolar).
- **Mentira egoísta:** motivada pelo hábito consciente de enganar outra pessoa para obter o que se deseja. Categoria muito rara entre as crianças, mas que revela problemas graves de personalidade e caráter.
- **Mentira leal ou convencional:** motivada pela bondade, pra ajudar ou honrar um amigo, ou outra pessoa que está em situações difíceis.

Segundo Ramos (1949), a categoria da mentira infantil patológica que caracteriza tipos mórbidos de personalidade não está incluída na classificação de Burt, pois são raríssimas no ambiente escolar.

Para o médico psiquiatra, a prevenção e a correção da mentira infantil quando não patológicas que devem receber tratamentos individuais e específicos, devem ser por meio da correção dos desajustamentos ambientais, e de como os adultos educam a criança, não a colocando em situações mentirosas.

A Pré-Delinquência Infantil: Os Furtos

Os furtos infantis estão associados a um significado simbólico, uma tentativa de compensação a traumas afetivos, ou a condições sociais desfavoráveis (pauperismo, perda ou ausência de amor, abandono moral e afetivo, agressão dos pais).

Segundo Arthur Ramos (1949), os furtos como reação de compensação contra os conflitos afetivos familiares foram analisados pelos educadores, higienistas mentais e psicanalistas, e classificados como: furto generoso ou furto altruísta (compensar uma injustiça, distribuindo o resultado entre companheiros); furto por aventura e imitação (adquirido no cinema e romances-folhetins), furto por vingança ou ciúmes; furto por reações a sentimentos de inferioridade, furtos mórbidos (condições nervosas e doenças orgânicas). “Alguns psicanalistas ortodoxos consideram o furto infantil, como substituto de uma atividade sexual proibida” (1949, p.424).

Após, as observações nas clínicas de ortofrenia e higiene mental Ramos classifica os furtos encontrados no ambiente escolar (1949, p.415).

- **Furtos como reação a sentimentos de inferioridade** (pauperismo, condições ambientais desajustadas, abandono moral);
- **Furtos em consequência de emoções recalcadas** (despeito, inveja, vingança, fator sexual);
- **Furtos como jogo ou imitação;**
- **Furtos associados à mentira, e outros fenômenos de fraude, etc, da conduta;**
- **Furtos patológicos.**

As fichas de comportamento das clínicas de ortofrenia e higiene mental registram casos de furtos infantis em diferentes condições:

- Crianças escorraçadas, órfãs de afeto, criadas em ambiente familiar “desajustado” que procuram no ato do furto uma compensação afetiva, ou descarrega os seus impulsos de agressão e sentimento de vingança;
- Crianças criadas em ambientes de baixa renda, que procuram no ato do furto uma tentativa de compensar sua inferioridade econômica;
- Crianças que apresentam problemas de afetividade e, furtam até cessarem os mesmos (furto periódico);
- Crianças que apresentam problemas de comportamentos sexuais;
- Crianças de imaginação exacerbada em que os furtos estão associados a mentiras e outras fraudes;
- Crianças portadoras de pequenos atrasos intelectuais, mas também com problemas dentro do ambiente familiar;
- Crianças portadoras de epilepsia, “mesmo aqui não se pode dizer que os furtos expressem um sintoma exclusivo da doença. Há sempre fatores de ordem ambiental” (1949, p.432).

Para o médico psiquiatra (1949), as correções e prevenções dos furtos infantis necessitam, primeiramente, ser analisadas dentro das condições familiares e emocionais a qual a criança está inserida, identificando os motivos pelos quais a levam ao ato de furtos. Após orientar os pais e os professores, pois “a criança bem recebida no lar, compreendida pelos adultos como um pequeno ser que tem necessidades de carinho e proteção, não furta” (1949, p.434).

Tratamento e Assistência

Neste último capítulo Arthur Ramos retorna o conceito da “criança problema”, ressaltando que diferente do tratamento e assistência das crianças consideradas anormais por apresentarem doenças patológicas, e que precisam ser atendidas em clínicas especializadas, as “crianças problemas” precisam ser atendidas nas próprias escolas sendo analisadas em suas diferentes experiências familiares e sociais.

Segundo o médico psiquiatra (1949), as clínicas de ortofrenia e higiene mental das escolas experimentais têm como tarefa preliminar realizar o tratamento médico-orgânico, proporcionando assistência alimentar (merenda escolar) e higiênica (hábitos higiênicos), com a colaboração dos médicos clínicos, dentário e escolar, pois “não se pode ajustar psicologicamente uma criança doente e desnutrida, fadigada e defeituosa, sem trabalho prévio da correção das suas “inferioridades corpóreas”” (1949, p.440).

Com relação, à correção psicológica a higiene mental excluiu qualquer tipo de método técnico simplista, como por exemplo, os testes de inteligência, e adquiriu exames completos de todos os fatores que influenciam nas características de personalidade e comportamento, estudando a criança no seu próprio meio familiar e escolar.

Considerando os estudos de especialistas que demonstram a importância das brincadeiras e jogos como revelador do comportamento, e da personalidade da criança, as clínicas das escolas experimentais adquiriram métodos de análise através dos jogos, brinquedos e desenhos. Os jogos têm não só um papel diagnóstico, como ainda terapêutico, válvula de escape para impulsos infantis. (...) No jogo, a criança satisfaz seus desejos, fantasia acontecimentos, torna-se poderosa na manipulação da realidade externa (RAMOS, 1949, p. 453).

Ramos menciona a importância da relação família e escola dentro das concepções do movimento Escola Nova, ressaltando que, nesse novo modelo de educação a escola se tornou um grande centro de atividade social, coordenação e disciplina na qual não se aprende apenas conteúdos escolares, mas também conteúdos sociais para a vida. Assim, a colaboração dos pais é indispensável para as atividades desenvolvidas nas clínicas de higiene mental que prioriza análises dentro do ambiente familiar e após no ambiente escolar.

Segundo Ramos (1949, p.444):

Se a criança desajustada é, como vimos, na grande maioria dos casos, o resultado de incorretas formações das suas constelações familiares, é claro, que é para o estudo destas formações que se voltam os interesses da higiene mental (RAMOS, 1949, p.444).

Menciona também os diferentes estudos, que demonstram a importância da colaboração dos pais na formação psicológica da criança, ressaltando que, foram várias as tentativas das escolas experimentais para que os pais participassem ativamente do tratamento da “higiene mental da criança problema”, mas na maioria das vezes, essa é uma tarefa árdua, pois:

os pais são quase sempre cegos aos problemas do seu filho. Não reconhecem a validade das conclusões que os higienistas lhes apresentam. Quer dizer: não querem reconhecer a sua própria responsabilidade na formação dos problemas apresentados. A culpa seria de tudo, menos deles (RAMOS, 1949, p.445).

Nas escolas é fundamental a participação dos professores, pois suas atitudes também refletem diretamente na personalidade e no comportamento da criança. Assim, para a higiene mental, é indispensável que se faça também o “ajustamento” prévio dos professores. Segundo

Ramos (1949), suas observações comprovaram também que muito dos problemas da criança dentro do ambiente escolar, são resultados de atitudes e reações emocionais errôneas do professor e, estão associadas tanto a projeção dos seus próprios complexos na criança, como também na insistência rotineira de permanecer com antigos métodos educacionais.

3.3 Saúde do Espírito: Higiene Mental

O livro “*Saúde do Espírito: Higiene Mental*”, publicado no ano de 1939, se configura como um manual sobre as principais concepções da higiene mental, destinado ao público em geral (pais, educadores, responsáveis pela administração pública, intelectuais, trabalhadores, encarregados dos serviços gerais, etc.).

Nessa produção Arthur Ramos apresenta regras práticas e gerais para a correção dos “desajustamentos” e conflitos psíquicos, recapitulando o estudo das causas psicológicas ou psicossociais dos “desajustamentos” da personalidade e da conduta humana. Segundo o médico psiquiatra (1939), a higiene mental não tem como objetivo apenas estabelecer melhores meios de assistência ao doente mental, e apresentar técnicas de prevenção para essas doenças, mas também ensinar todos os seres humanos a viver em sociedade, evitando e corrigindo os conflitos e desajustamentos psíquicos, que podem conduzir à neurose, à psicose ou o crime, mas que de qualquer maneira produz um déficit no rendimento humano (prefácio, 1939).

O livro está dividido em dez capítulos e aborda temas como: o surgimento da higiene mental; o movimento e a extensão da higiene mental; a higiene mental e o homem “normal”; herança e meio; a higiene mental na infância; sexo e higiene mental; as constelações familiares; os dois polos da criança mimada e da criança escorraçada; a higiene mental na escola e conselhos de higiene mental.

A seguir, apresento uma análise descritiva de todos os capítulos do livro, e também uma tabela, que reúne informações sobre os conselhos de Arthur Ramos baseado nas concepções da higiene mental para prevenir doenças mentais, e evitar e corrigir os “desajustamentos” e conflitos humanos na vida social, descritos no último capítulo denominado “*Conselhos de Higiene Mental*”.

Como nasceu a higiene mental

A psiquiatria, disciplina médica que deu origem a higiene mental esteve muitos anos estagnada em seu desenvolvimento e, por isso, a higiene mental só passou a ser estudada após a psiquiatria ser identificada como especialidade médica, sendo incorporada como disciplina aos programas dos cursos de medicina, assim, enquanto a higiene somática se desenvolveu extraordinariamente em seus vários ramos de aplicação, só nesses últimos tempos é que a higiene mental se definiu doutrina (RAMOS, 1939, p.09).

Ramos destaca que por muitas décadas os doentes mentais foram considerados como seres estranhos, que necessitavam ser afastados do convívio com outros seres humanos, desde a idade média em que se desenvolveram inúmeras crenças sobre possessão demoníaca os doentes mentais foram considerados “endemoniados”, “possuídos” pelos demônios, eram realizadas cerimônias de exorcismo para ser possível expulsar os “espíritos malignos” que se apossavam da mente do doente. “Houve a eclosão de verdadeiras epidemias do que se julgou ser a “possessão demoníaca”, uma das páginas mais tristes da história da psiquiatria” (1939, p.10).

Segundo o médico psiquiatra (1934), no século XVIII a escola de psicologia alemã, considerou o doente mental um louco, que se desviou dos padrões étnicos e sociais e, por isso, necessitava de “purificação”. Essa “purificação” resumia-se em um “incrível processo terapêutico, que consistia em castigar corporalmente o alienado, para “purgá-lo” das faltas e dos seus vícios” (1939, p.11). Assim, esses doentes tornavam-se prisioneiros e eram encaminhados para as masmorras, asilos, prisões, em casos mais graves eram encaminhados para cadeias de ferros.

A partir do início do século XIX, após um médico francês chamado Philippe Pinel³⁶ defender uma reforma radical³⁷ na assistência aos doentes mentais, os métodos de estudo e tratamento foram se modificando e, aqueles que eram considerados criaturas estranhas “possuídas” de “espíritos malignos” passaram a ser identificados como doentes da mente. Mas, ainda eram muitos os preconceitos a serem superados então um homem norte-americano chamado Clifford W. Beers³⁸ juntamente com outros psiquiatras criaram um movimento sobre

³⁶ Philippe Pinel (1745-1826) médico psiquiatra nascido em uma prisão, nas colinas de Jonquières, França. Foi quem alterou significativamente a noção de loucura ao anexa-la a razão.

³⁷ Com o risco de sua própria vida e liberdade, Pinel propugnou uma reforma radical na assistência aos loucos. Quebrem-se os grilhões! Arranquem-nos das suas cadeias de o próprio! Fundem-se casas de tratamento, hospitais, em vez de prisões e masmorras! Estudem-se as causas da loucura, em vez de se urdirem preconceitos e superstições em torno aos podres insanos (PINEL apud RAMOS, 1939, p.11)!

³⁸ Clifford W. Beers (1876-1943) considerado o pioneiro do movimento moderno da higiene mental e “Pinel da América”. Sua história é extraordinária, pois é a história de um homem, emerso das trevas da loucura, e que nos conta, ele própria a sua incrível aventura. Uma autobiografia completa da sua parte mais importante, uma autobiografia do “outro eu” que o dominou dos vinte e quatro aos vinte e seis anos (RAMOS, 1939, p.12).

a higiene mental que tinha como principal objetivo modificar a tradicional assistência hospitalar, passando do tratamento da cura à prevenção das doenças mentais. Para Ramos (1934, p.14), o movimento de libertação que agora se propugnava era muito mais profundo do que o de Pínel. Não se tratava apenas, agora, de arrebentar os grilhões que manietavam o alienado, mas libertá-lo das suas próprias algemas psíquicas, libertá-lo para o mundo, integrá-lo na comunidade.

Todavia, a partir desse movimento foram fundadas associações de higiene mental, que tinham como objetivo ensinar os indivíduos a corrigir e superar seus conflitos psíquicos, evitando situações de “desajustamentos”, e prevenindo a loucura, a neurose ou o crime. Muitos hospitais psiquiátricos foram fundados ao invés de “hospitais-depósitos” para “loucos”.

O Movimento e a extensão da higiene mental

Neste capítulo, Arthur Ramos destaca que a cultura contemporânea trouxe um mal-estar psíquico insuportável para a sociedade, isso porque, na vida primitiva os homens exteriorizavam os seus impulsos na luta aberta (...) a civilização obrigou-o, porém, a calar os seus ímpetos de luta: Resultado: o homem recalcou os seus impulsos, interiorizando-os (1939, p.18). Na obrigação de se adaptarem cada vez mais às novas situações, o indivíduo passa adquirir conflitos de “desajustamento” de personalidade e, assim, segundo Ramos (1939, p.19) a higiene mental deixou de ser uma simples técnica de melhor assistência ao alienado, e de prevenção da loucura, para se tornar um importantíssimo instrumento de ação, destinado a resolver os conflitos humanos de toda a natureza.

Destaca também que a higiene mental é, primeiramente, um movimento americano, pois foi no “país de primeiro mundo” que a mesma nasceu e, se desenvolveu, sendo organizado em 1909, na América do Norte o primeiro Comitê Nacional de Higiene Mental, a partir de então, o movimento passou a ser interesse de diferentes intelectuais, educadores; penitenciários; sacerdotes; industriais; etc. Tornando-se, um movimento nacional e internacional, que abrangeu os problemas educacionais, os problemas da família, e da sociedade em geral.

Segundo o médico psiquiatra (1939), a higiene mental tem como foco principal a criança, porque diferente do adulto que já é um indivíduo formado nas suas incompreensões, e que para ajusta-lo à sociedade “torna-se necessário muitas vezes um desmonte na máquina complexa das suas emoções, dos seus instintos, da sua inteligência” (1939, p.21), a criança pode ser prevenida desses conflitos e “desajustamentos”.

Neste sentido, foram criadas as “clínicas de hábitos³⁹” e as “clínicas ortofrenicas” (correções para “crianças problemas” do lar e da escola) para o estudo da criança dentro dos princípios da higiene mental, com o propósito de conservar a saúde mental da criança, e prevenir o aparecimento de distúrbios nervosos e mentais na idade adulta.

Cuidando da infância, a higiene mental, quer por um paradeiro na onda do crime, da neurose, da loucura dos conflitos de ajustamento de toda a natureza, ou dos inúteis e desocupados que atravancam as avenidas das grandes cidades (RAMOS, 1939, p.23).

A higiene mental e o homem “normal”

O estudo do “homem normal” é um campo complexo, pois os critérios para uma definição de “normalidade” ou “anormalidade” psíquica é algo extremamente relativo. Segundo Ramos (1939), dentro dos critérios patológicos o indivíduo considerado “anormal” apresenta lesões em determinados órgãos, facilmente detectadas por exames técnicos, dentro dos critérios sociológicos, o indivíduo considerado “anormal” é aquele que não se adapta à sociedade em que vive, mas já as estatísticas demonstram que o indivíduo “anormal” é aquele que apresenta comportamentos diferentes com relação à maioria da sociedade. Assim, a higiene mental com o propósito de estudar não apenas a cura do indivíduo “anormal”, mas também a prevenção, e o “homem normal”⁴⁰, analisa todos esses conceitos e os aplica conforme cada caso em particular.

Considerando a “adaptação social” do comportamento do indivíduo, Ramos destaca que o problema da delinquência é a maior preocupação em comum entre a sociologia criminal e a higiene mental, pois assim como o conceito da loucura, o conceito sobre o crime tem passado por diferentes mudanças desde o começo dos séculos até o período em questão. Por muitas décadas, não se investigava as causas complexas que moviam o indivíduo ao crime, apenas o punia, mas ao passar do tempo, iniciam-se os estudos científicos com relação ao crime, e ao

³⁹ A campanha para instalação de “clínicas de hábito” desenvolveu-se extraordinariamente na América do Norte. Uma recente publicação demonstrou que lá existia aproximadamente 300 clínicas de higiene mental para crianças. São examinadas e tratadas anualmente nestas clínicas quarenta mil crianças. Trabalham conjuntamente nessas clínicas, em íntima cooperação, psiquiatras, psicólogos, trabalhadores sociais, educadores. Essas clínicas tendem a se desenvolver em todos os países civilizados, por iniciativa particular ou oficial. No Brasil, temos a iniciativa da Prefeitura do Distrito Federal, fundando em 1934, um serviço de ortofrenia e higiene mental que já examinou mais de duas mil crianças (RAMOS, 1939, p.23).

⁴⁰ Vindo da assistência aos insanos do espírito, o movimento da higiene mental mudou de eixo: passou da cura da psicose à prevenção, e desta ao estudo largo do homem normal. (...) Já não é exclusivamente o alienado o seu campo de estudo. Já não é apenas a prevenção da doença mental o seu objetivo. Ela estuda o “homem normal” em todos os seus aspectos, até nos graus tênues de conflitos e desajustamentos à sociedade (RAMOS, 1939, p.27).

criminoso, suas causas, a assistência e o tratamento ao criminoso, e também a prevenção do crime.

De acordo com Ramos (1939), o estudo do “indivíduo normal”, em diferentes condições ambientais desfavoráveis, principalmente o estudo da criança “pré-delinquente”⁴¹ identificou, que muitas vezes, as causas do crime são fatores sociais (pauperismo, conflitos familiares, abandono moral e afetivo, orfandade, alcoolismo e outros “desajustamentos” no lar). E, por isso, dentro da concepção da higiene mental não adianta apenas punir o criminoso, mas é preciso estudar esses comportamentos, dentro do seu determinismo social, esclarecendo suas causas, pois quando esclarecidas e resolvidas, não haverá mais motivos que conduzam o indivíduo ao ato do crime, a não ser em casos específicos, que o ato do crime é a expressão de um desvio da personalidade do indivíduo no qual se faz necessário um tratamento e assistência adequada.

“A higiene Mental propõe, para assistência ao criminoso, e à prevenção do crime, as seguintes medidas que adaptaremos de uma exposição de Groves e Blanchard” (RAMOS, 1939, p.29):

- Formação técnica dos encarregados legais (policiais e toda a equipe judicial) das tarefas de defesa da sociedade;
- Extensão do sistema da condenação condicional, e seu complemento: a libertação condicional, já largamente adotados na maior parte dos países cultos;
- Extensão dos melhores tipos de juizados de menores a todas as comunidades, e a todos os casos criminais em que intervenha a criança;
- Estudo clínico, e tratamento de todos os criminosos, adultos e crianças;
- Clínicas para o tratamento e orientação de crianças que apresentem problemas de conduta;
- Tratamento humanitário dos prisioneiros nas instituições correcionais, e extensão da educação, recreação, trabalho e treino vocacional nestas instituições;
- Revisão dos problemas das escolas de direito, incluindo cursos de psicologia normal e patológica, psicologia social e outras ciências sociais, higiene mental;
- Abolição do sistema de julgamento pelo tribunal popular nos casos criminais que necessitam do esclarecimento dos peritos;
- Assistência ocupacional às crianças abandonadas e aos egressos dos cárceres.

⁴¹ Os trabalhos contemporâneos de Healy, na América do Norte, de Aichhorn, em Viena, para só citar os principais, mostraram-nos o destino cruel da juventude transviada por culpa dos pais e da sociedade, crianças abandonadas, que vivem em bandos nos quarteirões pobres das grandes cidades ou nas estradas rurais, a meio caminho da delinquência futura (RAMOS, 1939, p.28).

Segundo o médico psiquiatra (1939), no âmbito dos estudos da higiene mental sobre o “homem normal” é, considerado também, a atuação do indivíduo dentro do seu campo profissional, pois com a implementação do sistema capitalista, e da civilização industrial, é imposto cada vez mais sua adaptação, assim é necessário que se execute um estudo das capacidades do trabalhador, de suas assistências, não só com relação à assistência material, alimentação, higiene, saúde, mas também a assistência mental e moral. Não só o estudo da escolha da profissão e da adaptação a determinadas tarefas, de acordo com suas capacidades, mas também o estudo da assistência do trabalho com relação às horas de trabalhos e de repouso, o estudo das causas psicossociais do desemprego. Com relação à assistência aos acidentes de trabalho que podem ter causas psíquicas, é necessário que se faça um estudo dessas causas para que possam ser tratadas e removidas.

Todos os “desajustamentos” do indivíduo à sua profissão precisam ser estudados para a remoção das suas causas. E, por isso, a atividade “intersticial” da higiene mental penetra no comércio, finanças, fábricas, trabalho rural, administração pública (RAMOS, 1939, p.31).

Herança e Meio

Arthur Ramos inicia o capítulo retornando às concepções sobre herança genética para reafirmar que são muitos os estudos na área biológica que demonstram resultados positivos, mas também são muitos os trabalhos que apontam conclusões incertas ao utilizarem as leis da hereditariedade como principal fator para o estudo do comportamento humano, isso porque, as influências ambientais são fatores decisivos na formação da personalidade humana.

A análise psicológica do homem adulto, o exame do mundo dos seus afetos, tendências e emoções, vieram mostrar que o núcleo de muitos problemas da personalidade se encontra em longínquas recordações da sua vida infantil (1939, p.36). Por isso, a higiene mental considera tão importante, o estudo da criança considerando-a sob suas constelações familiares, do meio social e cultural.

Para Ramos (1939, p.39), outro estudo que precisa ser revisado, é o da “higiene racial”, pois a justificativa formulada pelos diferentes cientistas com relação às “raças inferiores” torna-se insuficiente ao considerar que esse “mal de raça” na verdade era um “mal de más condições higiênicas” (subalimentação, pauperismo, doenças, alcoolismo).

Esses falsos cientistas acharam ainda que a mestiçagem era um fator de “degenerescência”. Uma das causas do nosso atraso estava no mestiço desarmônico, incapaz, inferiorizado. Uma balela científica, hoje só aceita por certos

pseudocientistas que fazem “ciência” a soldo político. Fora com esses “racistas”, partidários de raça pura no Brasil! (...) Não precisamos de cruzamentos eugênicos. Precisamos é melhorar o que temos (RAMOS, 1939, p.39).

Ainda, segundo Ramos (1939, p.39), estudos contemporâneos de um grupo de pesquisadores brasileiros, vem clamando que a pretensa inferioridade do mestiço brasileiro melhorará e desaparecerá, quando cessarem os déficits ambientais de toda natureza.

De acordo com o médico psiquiatra (1939), são muitos os estudos sobre os “males sociais”, e sua influência sobre o indivíduo, principalmente de origem institucional, por exemplo, a religião, considerada pela higiene mental, às vezes como, algo perigoso com relação as suas crenças⁴², apesar dos seus grandes méritos para formação moral e espiritual do indivíduo. Por isso, para a higiene mental é necessário combater a “influência prejudicial” das “superstições”, “exploração da credence humana”, curandeirismo ou outros diferentes rituais de fins “inconfessáveis”, que causam “efeitos perigosos” sobre a psique humana.

Já com relação os “tóxicos sociais” (álcool, morfina, cocaína), são considerados pela higiene mental uma solução fictícia de conflitos íntimos (decepções, lutas, problemas de ordem afetiva ou econômica) e, por isso, é necessário primeiramente que se faça um estudo das causas (problemas familiares, conflitos íntimos, “choques com a ambiência hostil”, desvios imaginativos da personalidade, etc.) que moveram o indivíduo ao vício, e não apenas campanhas contra o alcoolismo apontando seus riscos para a saúde. Para os traficantes de drogas ilícitas é, considerado, que se faça um estudo científico de sua personalidade.

“A higiene mental demonstra que o indivíduo harmônico não precisa de tóxicos, paraísos artificiais ou de drogas de felicidade” (RAMOS, 1939, p.40).

A higiene mental na infância

A higiene mental, como já relatado, tem como foco principal a criança e a infância, isso porque, os estudos da psicologia contemporânea demonstraram que no período da infância encontram-se as essências do caráter e da personalidade da vida adulta (vida dos instintos, emoções, afetos, até mesmo intelectual).

Segundo médico psiquiatra (1939), o estudo dos instintos (comportamento automático e hereditário), e das suas transformações em hábitos (comportamento adquirido pela

⁴² Já temos mostrado, em mais de um trabalho, os perigos desta mentalidade pré-lógica, no Brasil, denunciando certos fenômenos de feitiçaria, baixo espiritismo, demonopatias e outros, e sua nefasta influência na formação da personalidade (RAMOS, 1939, p.38).

experiência), é tema fundamental e divergente⁴³ para diferentes intelectuais (psicólogos da experiência, psicopedagogos e aos neuro-higienistas). Para a higiene mental, o estudo dos instintos torna-se importante ao considerar que a “criança é uma entidade dinâmica, vivendo a vida intensa dos seus instintos” (RAMOS, 1939, p.42), e também que muitos dos traços da personalidade e do caráter do indivíduo estão relacionados às atividades instintivas inconscientes, por exemplo, a atividade digestiva na primeira infância (amamentação do leite materno), está diretamente relacionada ao binômio mãe-filho.

Ramos descreve algumas atividades instintivas gerais da infância apontadas por Blatz, sugerindo orientações a partir das concepções da higiene mental (1939, p.43):

- **Fome e Sede:** a criança deve passar cedo da amamentação materna à alimentação mista e desta à artificial. Observar as dificuldades precoces da alimentação; quantidade e qualidade das refeições; ritmos; hábitos ligados à sede. São muitos os “maus-hábitos” que aparecem devido alguns transtornos de alimentação que, vão desde um simples sintoma de vômito, nervoso de atitudes de repugnância, choros e manhas, até distúrbios neuróticos mais graves. E, por isso, as atitudes dos responsáveis pela criança são fundamentais nesse processo, pois não são com ameaças, promessas ou recompensas, carinhos exagerados, que se devem formar essas atividades instintivas, mas sim, com atitudes positivas diante a necessidade da criança, oferecendo alimentos diferenciados, em horários adequados, e em ambientes tranquilos. Quando a criança recusar algum alimento, os pais devem deixá-la decidir tranquilamente em comer ou ficar com fome, pois a higiene mental, demonstrou que muitos casos de negativismo para as refeições, vinham de “crianças mimadas” que exploravam a paciência ou a bondade dos adultos para conseguirem algo desejado.
- **Eliminação (intestinal e urinária):** Observar quando começou a rotina; se a incontinência, ritmo, formas de controle e atitudes dos adultos, hábitos de limpeza, et. É responsabilidade do adulto, estabelecer a rotina de evacuação da criança (duas vezes por dia, depois da alimentação da manhã e da noite). O controle urinário diurno deve ser iniciado a partir dos seis meses a um ano de idade (de preferência, antes e depois das refeições), já o controle noturno até dois anos e meio (antes da criança ir para o leito, caso haja necessidade durante a madrugada, ela deve estar bem acordada).

⁴³ Não estão de acordo, os psicólogos e neuro-higienistas, sobre a quantidade de instintos atuantes na vida infantil. Houve os que reduziram a vida dos instintos a dois instintos fundamentais, de conservação e reprodução, como houve os que ampliaram desmesuradamente esse número descobrindo um ato instintivo na base de cada ato humano, como houve ainda certa escola de psicologia que negou de todo a existência de instintos (RAMOS, 1939, p. 42).

A experiência demonstrou que em certos casos a incontinência urinária tem causas orgânicas, mas na maioria dos casos, são defeitos ambientais, má orientação dos pais que conduzem aquele hábito (quase sempre são eles os responsáveis pelo filho que urina na cama).

- **Sono (repouso):** Observar desde cedo as condições de sono da criança: horas de deitar-se e levantar-se, tempo de horas de sono, preliminares do sono, atitudes dos adultos, dificuldades (sonambulismo, pesadelos, distúrbios emocionais, sonilóquio, medo exagerado da escuridão e/ ou isolamento e/ou espíritos). Os responsáveis pela criança devem acostuma-la precocemente a dormir em quarto separados, acordar nos horários adequados (horas totais de sono deve decrescer de quatorze horas, aos doze meses de idade, a dez e meia horas aos doze anos). Progressivamente, as horas de sono diurno e noturno da criança, vão decrescendo com a idade (a partir dos dois anos de idade o repouso da manhã deve desaparecer, o repouso da tarde geralmente desaparece aproximadamente aos cinco anos de idade, o repouso noturno é essencial em todas as fases da vida).
- **Jogo:** Considerando que o brincar é uma atividade indispensável para a saúde e formação de hábitos físicos e mentais, os adultos devem deixar o mais possível em liberdade a criança nas atividades recreativas (fornecer brinquedos adaptados para a idade, fornecer contato com outras crianças).

A higiene mental na escola

Neste capítulo Arthur Ramos explica que é na entrada para a escola que a criança revela com maior exatidão seus problemas de personalidade e de comportamento, pois muitos dos conflitos, que estão sendo formados silenciosamente no ambiente familiar desabrocham após a criança ser submetida ao convívio social, tanto para o caso da “criança mimada” (quer continuar na escola seus privilégios), como para o caso da “criança escorraçada” (quer aproveitar do seu primeiro momento de liberdade).

Segundo médico psiquiatra (1939), se a criança veio bem orientada de casa, sua adaptação ao ambiente escolar será tranquila, pois não será necessário que ela substitua as imagens familiares por outras imagens (professor (a) e colegas).

Explica que a escola de ensino tradicional desconhecia todos os problemas da criança, porque apenas ministrava aulas técnicas de conteúdos escolares sem se preocuparem com as manifestações de “rebeldia” da criança, agindo diante destas com atitudes que resultavam muitas vezes na expulsão do aluno ou no diagnóstico de uma criança “anormal” que precisava

receber um ensino diferenciado e separado dos seus colegas. Para Ramos (1939, p.74), esta escola sufocava a personalidade da criança, obrigando-a a se manter calada e reservada, era uma escola de repressões e inibições.

Os castigos corporais aplicados às “crianças problemas” eram medidas de resultados imediatos, mas que, causavam inúmeras complicações futuras na personalidade da criança, caminhando para a neurose, psicose e falhas de caráter no geral. As expulsões ou afastamento resolviam apenas os problemas da escola, mas não do aluno. A escola afastava um elemento de turbulência e indisciplina, mas a criança afastada engrossava o número dos abandonados e incompreendidos, anexando-se ao batalhão das crianças “delinquentes” (RAMOS, 1939, p.75).

Segundo Ramos (1939), a escola contemporânea teve como propósito encerrar essas atitudes sádicas⁴⁴ diante a “criança problema”, buscando compreendê-las, analisando todos os seus impulsos infantis conflituosos que vieram formados do ambiente familiar, para conseguir corrigi-los, e transforma-los corretamente ao contato das exigências sociais. O professor ao compreender os conflitos da criança, necessariamente, precisa pedir a colaboração dos seus responsáveis, orientando-os no sentido de modificarem suas atitudes para com a criança.

“A criança má é o adulto quem a faz. Os castigos corporais escolares evidenciam a existência de sentimento de culpa, e projeção deste sentimento por parte do adulto” (RAMOS, 1939, p.75).

As atitudes sádicas diante da criança não se resumem apenas aos castigos corporais, mas também nas atitudes simples de superioridade do adulto.

Julgam os adultos que a criança não tem processos mentais complexos, uma acuidade psíquica extraordinária, na captação de influências do seu ambiente. Quantas angústias não passam assim despercebidas! E, que o adulto não procura situar-se ao nível da criança e obter-lhe as confidências (RAMOS, 1939, p.79).

Nos capítulos, sexo e higiene mental; as constelações familiares; os dois polos da criança mimada e da criança escorraçada, Arthur Ramos retorna todas as concepções teóricas já descritas e devidamente explicadas no livro “*A Criança Problema: a higiene mental na escola primária*”, para enfatizar que, a higiene mental, responsabiliza os responsáveis da

⁴⁴ A educação antiga não tinha meias medidas. O menino é indisciplinado, desobediente, turbulento? Pancada nele: palmatoria, outros castigos corporais, expulsão. Ou então, considerava-o aligeiramente um “anormal” e o enviava-o para uma “escola ou internato” de “anormais”, o que vale dizer para um “depósito” de meninos “insuportáveis”. Ou ainda a criança era considerada incorrigível, e atiravam-na a “reformatórios” que muitas vezes complicavam os seus problemas (RAMOS, 1939, p.77).

criança pelos problemas de comportamento e personalidade que a mesma apresenta. Segundo o médico psiquiatra (1939, p.63), “já se tem dito que para um verdadeiro trabalho de higiene mental infantil, é nos pais que se devem concentrar as atenções”.

Conselhos de Higiene Mental

Tabela 4: Conselhos da Higiene Mental (RAMOS, 1939, p.83).

Público	“Conselhos”
AOS ADULTOS EM GERAL	1º A higiene mental é um capítulo da higiene geral que dá regras para prevenir as doenças mentais e, evitar e corrigir os desajustamentos e conflitos humanos na vida social. Siga os seus conselhos, da mesma forma que observa os conselhos higiênicos para evitar as doenças do corpo.
	2º O louco não deve ser considerado como um “possesso”, um ser estranho que inspira medo e repulsa. Ele é portador de uma doença e, como tal deve ser considerado e tratado.
	3º Fuja dos conselhos dos maus vizinhos, das cartomantes e curandeiro, que mantem “consultórios de felicidade” para a cura de “espíritos encostados” ou que “advinham o presente, passado e futuro”. Confie os seus males a um amigo “experiente” ou ao neuro-higienista, quando for o caso.
	4º Procure analisar sempre seus atos, opiniões e atitudes na vida social, evitando os conflitos, as desavenças e as lutas. Estude o seu semelhante, antes de tratar qualquer assunto com ele. Seja cortês, afável, justo e honesto nos seus atos. Procure resolver os seus desajustamentos e os dos seus semelhantes.
	5º Seja complacente e tolerante quando encontrar no seu caminho algumas personalidades “difíceis” e intratáveis. Lembre-se de que, na maior parte dos casos, os conflitos íntimos podem modificar as atitudes e opiniões das pessoas. A mesma coisa pode acontecer-lhe um dia.
	6º Não queira sempre arvorar-se em juiz dos atos humanos, mesmo naqueles casos que tangenciam o crime ou que tenham aspectos criminais. O criminoso é também muitas vezes a vítima de doenças e conflitos do espírito.
	7º Procure adaptar-se ao seu trabalho e esteja sempre bem humorado. Qualquer tarefa realizada com constrangimento produz um desgaste físico e mental muito maior do que no comum dos casos.
	8º Da mesma forma que a ociosidade é prejudicial, também o trabalho em excesso

AS MÃES

prejudica. Produz a fadiga física e mental. Respeite as horas de repouso, durante o dia e a noite, e as pausas periódicas, repouso dominical, férias anuais do seu trabalho.

9º Quando se sentir fadigado ou doente não trabalhe forçado. Procure o médico e não recomece o trabalho antes de cuidar da sua saúde.

10º Não de um crédito exagerado ao “fatalismo” da herança, procurando atribuir todas as coisas que lhe acontecem a “sina” ou ao “destino”. Isso o tornará um ser inativo, descrente, à eterna espera de que as coisas lhe aconteçam “caindo do céu por descuido”.

11º Evite o álcool e outros tóxicos. Se sente uma impulsão irresistível para eles, procure analisar as causas disto. O indivíduo que se alcooliza tem sempre um conflito psíquico, de qualquer natureza. Resolva os seus problemas e a impulsão ao tóxico desaparecerá.

1º Lembre-se sempre de que “a infância é a idade de ouro para higiene mental” e que a maior responsabilidade desta educação higiênica cabe às mães.

2º A criança é um ser de instintos e de hábitos que precisam ser cuidadosamente examinados e orientados. Lembre-se de que a maior parte dos traços de caráter do adulto encontram as suas raízes na vida instintiva infantil.

3º Não amamente o seu filho além da idade normal. A criança deve passar cedo da fase da amamentação materna, à alimentação mista e desta a artificial. Evite o uso prolongado das mamadeiras e chupetas. Desde cedo, de as refeições a seu filho, a horas certas e em atitudes corretas.

4º Evite os afagos e mimos exagerados. Não se deixe levar pelas artimanhas da criança, satisfazendo-lhe todos os seus desejos.

5º Acostume à criança, desde cedo, a fazer o controle das suas necessidades e evacuação fecal e urinaria. Evite ameaça-la com castigos e repreensões quando molha o leito ou apresenta qualquer desvio daqueles hábitos.

6º Procure estabelecer, desde cedo, uma rotina disciplinar nos hábitos de alimentação e evacuação dos seus filhos, leva-los ao leito a hora certas, evitando os “cerimoniais” tão comuns na hora de dormir.

7º Além da primeira infância, não deixe o seu filho dormir no mesmo quarto e muito menos no mesmo leito dos pais. Mesmo que a criança reaja, a princípio, com choros e protestos, cedo se acostumará a dormir sozinha.

8º Se seu filho apresenta distúrbios no sono, como pesadelos, sonambulismo, queda do leito, etc..., procure descobrir a causa destes transtornos, consultando o especialista, quando

AOS PAIS

isto se fizer mister.

9º De a criança a maior liberdade vigiada. Deixe-a livre no seu mundo de brinquedos, procurando facilitar o contato com outras crianças da mesma idade.

10º Evite as duas atitudes igualmente prejudiciais: afagar e mimar excessivamente os filhos ou castiga-los e repreende-los por qualquer motivo. A atitude a ser tomada deve ser sempre igual, feita de amor e compreensão pelos problemas dos seus filhos.

11º Faça uma correta instrução sexual ao seu filho, logo que se apresente a fase da curiosidade infantil e ele formule perguntas concretas neste sentido.

12º Esclareça a sua filha, na época da puberdade, sobre o fenômeno da menstruação, não só do ponto de vista orgânico, como orientando-a nos problemas que surgem na fase da adolescência.

1º Procure cooperar com sua esposa na educação dos filhos, observando os ensinamentos da higiene mental.

2º Evite empregar sempre a “sua” própria lógica nos acontecimentos da vida da sua família. Procure compreender os problemas da sua esposa e dos seus filhos.

3º Não tome sempre atitudes ditatoriais, ralhando com os filhos ou castigando-os a qualquer propósito. Evite tomar partido nos conflitos surgidos na sua família, entre mulher e os filhos, entre os irmãos, etc. Procure compreender as causas das situações criadas para resolvê-las com justiça.

4º Evite os conflitos e discussões conjugais, principalmente na presença dos filhos. Lembre-se sempre de que estes devem tomar os pais como modelos a imitar e não como criaturas a odiar.

5º Não procure ter preferências especiais por um dos filhos, criando situações de ciúmes e despertando sentimento de injustiça entre os outros.

6º Não erga barreiras entre a sua personalidade e a de seus filhos, como fazia a educação clássica. Pelo contrário, procure “descer” ao nível da compreensão e afeto dos seus filhos.

7º Selecione e observe as pessoas que tem contato com seus filhos: domésticos, outros parentes, vizinhos, outras crianças. Nunca perca de vista o seu filho, sem, porém, cercar-lhe a liberdade de movimento e o seu contato social.

8º Evite conversar assuntos de natureza sexual diante dos filhos. Instrua-os quando se apresentar a ocasião. Esclareça o seu filho na época da puberdade sobre as transformações advindas.

AOS PROFESSORES

9º Evite assumir atitudes de juiz severo, quando os seus filhos apresentarem problemas de natureza sexual. Procure estudar naturalmente a situação, pesquisando lhes as causas, a fim de removê-las. Nos casos mais complexos, procure os conselhos do neuro-higienista.

1º Evite sempre considerar as crianças que apresentam dificuldades na escola como “anormais” ou insubordinados e “perversos” que precisam de castigo. Ambas as atitudes são prejudiciais. A criança precisa antes de tudo ser compreendida para ser julgada.

2º Lembre-se sempre que um escolar difícil é uma “criança problema” que maior parte dos casos veio de ambientes ou situações de desajustamento.

3º Não é com castigos, ameaças, repreensões continuadas que se corrige um “escolar problema”, e sim, pela compreensão dos seus conflitos íntimos, de natureza emocional e social.

4º O professor substitui e completa as pessoas dos pais. O seu papel é, muitas vezes, o de se superpor aos desajustamentos na família, esclarecendo a situação e, tanto quanto possível, substituindo as influências dos pais desorientados.

5º A escola continuará e completará a educação do lar. Não se deve haver, portanto, separação entre as atitudes educativas de uma e outra. Pais e professores devem trocar ideias frequentes sobre os problemas da criança.

6º O emprego de meios violentos, castigos corporais e atitudes de extrema severidade e excesso de disciplina, revelam muitas vezes a existência de um sadismo inconsciente do educador, mal orientado, que projeta no aluno os seus próprios problemas e conflitos íntimos.

7º Procure analisar-se sempre, quanto tiver de intervir junto à criança. As suas atitudes, opiniões e atos serão decisivos para o futuro do jovem ser confiado aos seus cuidados.

8º Jamais adote atitudes de escândalo e horror diante dos problemas da criança, por maiores que seja. Aja naturalmente, com espírito objetivo, procurando compreender as causas de todo e qualquer desajustamento.

9º A formação de uma correta “atitude mental” é o primeiro esforço a ser feito pelo educador digno deste nome.

10º Procure difundir na escola, os ensinamentos da higiene mental, aplicando-os ao seu próprio caso, para ajudá-lo na correta formação psíquica dos educandos.

3.4 Análise Crítica ao Trabalho Analítico de Arthur Ramos

a) Psicanálise, Criança e Educação

Início este tópico retomando algumas discussões já realizadas durante o percurso desta pesquisa, durante a década de 1930 muitos cientistas intelectuais da elite brasileira tinham a preocupação em definir cientificamente quem era o povo brasileiro, qual era sua identidade nacional, e como essa sociedade herdeira de um processo de miscigenação conseguiria se adaptar a um processo de modernização e ao sistema capitalista, saindo da categoria de um “país atrasado” e se enquadrando nos padrões da civilização europeia.

É nesse contexto, que a educação passa ser elemento e razão central para adaptar a sociedade como um todo para a modernização, e a criança uma figura forjada para o futuro. A proposta educacional brasileira nesse momento também está passando por alterações, e uma delas é a inserção da higiene mental atrelada aos estudos da antropologia e, principalmente dos conceitos psicanalíticos como método de resolução dos problemas do fracasso escolar.

Como já sabemos Arthur Ramos foi o responsável por essa inserção dos conceitos psicanalíticos à proposta pedagógica, colocando em prática um projeto educacional voltado para as crianças que apresentavam diferentes dificuldades durante o processo de ensino e aprendizagem.

Assim, ao analisarmos seu trabalho desenvolvido durante sua atuação no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, e também toda sua trajetória intelectual com estudos sobre a sociedade brasileira a partir da cultura negra, religiões de matriz afro-brasileira, o corpo e a mente, suas diferentes publicações sobre psiquiatria, higiene mental e antropologia, podemos identificar que Arthur Ramos assim como os diferentes psicanalistas, em especial, Freud reconheciam a sociedade como um corpo doente, e conseqüentemente a criança uma das figuras da irracionalidade.

Para Ramos, a cultura moderna trouxe um mal-estar psíquico insuportável para a sociedade brasileira, isso porque (RAMOS, 1939. p.18):

Na vida primitiva, os homens, em concorrência, exteriorizavam os seus impulsos na luta aberta. Isto lhes proporcionava um equilíbrio psíquico, pela libertação simples dos seus impulsos de agressão. A civilização obrigou-o, porém, a calar os seus ímpetos de luta. Resultado: o homem recalçou os seus impulsos, interiorizando-os. O conflito tornou-se interno. A luta passou a travar-se no campo de batalha do seu cérebro. (...) Os conflitos passam a ser conflitos de desajustamento e personalidade. Desajustamentos na família. Desajustamento na sociedade. Crivado de toda a sorte

de solicitações, o cérebro humano torna-se como um arco retesado, vibrando às menores influências do ambiente. O mau estar, de individual, se tornou coletivo. Multiplicam-se as fórmulas para se resolverem os tremendos conflitos do indivíduo e da sociedade (RAMOS, 1939, p.18).

A partir desta concepção acreditava-se que através de um processo de higienização mental e corporal voltado para as crianças, que eram o foco de Ramos, resultaria na produção de uma determinada racionalidade. Esse processo não estava restrito às crianças, incluíam também orientações para os pais ou responsáveis da criança, e para os educadores que precisavam estar engajados nas concepções psicanalíticas para conseguirem identificar os problemas de comportamento ou de caráter da criança.

É nessa linha de raciocínio que podemos considerar também que o médico psiquiatra durante sua trajetória buscou construir cientificamente a criança brasileira normal dando continuidade ao debate racial, mas partindo de uma perspectiva culturalista, para responder e solucionar os problemas que eram colocados como a dificuldade para se alcançar um padrão de sociedade “civilizada”.

Mas, diferente das concepções clínicas, o médico psiquiatra, afirmava que as crianças não eram “anormais”, porque possuíam algum tipo de anomalia que produzisse ou reproduzisse desequilíbrio das funções neuropsíquicas, mas sim, porque foram anormalizadas pelo meio cultural e social e, por isso, passou a classificá-las como crianças problemas.

b) Pensando a Criança e a Infância Brasileira

Como já destacado, os intelectuais deste período, principalmente Arthur Ramos, consideravam a educação e a infância elementos centrais para transformar e adaptar o país à modernização. Assim, em seus trabalhos muito foi observado e registrado sobre a infância e a criança brasileira, elementos de discussões centrais na área da sociologia ou estudos da infância no Brasil foram abordados nos estudos do médico psiquiatra ao analisar as relações familiares e sociais nas quais as crianças estavam inseridas.

Diferentes pesquisadores (as) brasileiros (as) do campo da sociologia da infância ao construir uma genealogia dos estudos sobre criança, infância e educação infantil dentro de uma perspectiva sociológica, identificaram que a criança e a infância por muito tempo foi pensada e estudada a partir das diferentes relações familiares e escolares, e seu processo de socialização vinculava-se ao conjunto de valores do mundo adulto.

Para Sonia Kramer apud Oliveira e Silveira (2015), o papel social desempenhado pela criança dentro da sociedade se modificava com a modernização e com o sistema capitalista, o

seu papel social que até então era desempenhado dentro das atividades domésticas e na vida adulta da comunidade como um todo, passa a ser desempenhado a partir da “preparação para um papel futuro”, esse “não papel⁴⁵”, produz uma imagem sobre a “naturalização da infância”, que identifica a criança como imperfeita, incompleta, considerando-a como ingênua e dependente. Nessa linha de raciocínio Rosemberg apud Moruzzi (2015), ressalta que a criança era considerada imatura, seres em desenvolvimento que precisavam ser corrigidos e educados, sendo o papel do adulto o de educar e o da criança o de aprender.

Portanto, ao analisarmos o trabalho de Arthur Ramos durante sua atuação nos Serviços de Ortofrenia e Higiene Mental fundamentado nas concepções higienistas, psicanalíticas e antropológicas, podemos considera-lo como exemplo aos estudos apresentados no campo da sociologia da infância ou estudos da infância no Brasil sobre os diferentes papéis desempenhados pela criança dentro da sociedade brasileira, especificamente, na década de 1930. Pois, o médico psiquiatra não só apresentou seu trabalho analítico como também foi um dos responsáveis em aplicar um projeto com crianças dentro das instituições escolares a partir da perspectiva da higiene mental que reconhecia a criança como indefesa, rodeada por adultos que não a compreendiam (1949).

Ramos ressalta principalmente os papéis da família, especificamente, o da mãe que era preparar a criança para a vida social e escolar, e o da instituição escolar, especificamente, o do educador, que era o responsável por continuar o trabalho da família, acompanhando o desenvolvimento da criança e a prevenindo dos diferentes desajustamentos psicossociais que resultam no fracasso escolar.

Outro fator trabalhado por Ramos e discutido no campo da sociologia ou estudos da infância no Brasil é a concepção de criança na perspectiva psicanalítica, em que a mesma era vista como inferior ao adulto e dependente e, por isso, mais fácil de ser moldada para suas relações futuras dentro da sociedade, destacando a importância da brincadeira e do jogo nesse processo.

Os psicanalistas infantis consideram de extrema importância a transferência infantil a qual implica um fim educativo essencial, pois diferente do adulto a criança não tem um passado a ser esquecido, e o profissional intervém como uma nova pessoa a quem a criança tem de partilhar a suas afetividades. Assim, a transferência da criança se torna uma inclinação direta e real e não uma substituição, uma reprodução de antigas situações, como no caso dos adultos. Podendo o psicanalista não só resolver os conflitos identificados na criança, como também contribuir para moldar suas relações futuras (RAMOS, 1939, p.150).

⁴⁵ Concepção denominada por Kramer, Brandão e Abramovay (1981).

Ramos destaca também (1939), que os jogos e as brincadeiras são um instrumento técnico importante na análise infantil, alguns psicólogos compreendem as atividades infantis do jogo como uma preparação às atividades futuras do adulto.

Ainda segundo Ramos (1949,p.453), os jogos têm não só um papel diagnóstico, como ainda terapêutico, válvula de escape para os impulsos infantis. (...) No jogo, a criança satisfaz seus desejos, fantasia, acontecimentos, torna-se poderosa na manipulação da realidade externa.

Nesse sentido, Rosemberg apud Moruzzi (2015), sublinha que as concepções de criança vinculada à psicologia genética e desenvolvimentista, tinham como meta o adulto e, por isso, precisavam ser educadas e moralizadas espontaneamente através dos jogos que substituiriam as brincadeiras. Rosemberg critica essa perceptiva destacando que “a criança não poderia ser analisada como um organismo em desenvolvimento, tampouco como uma “candidata à humanidade”” (ROSEMBERG apud MORUZZI, 2015, p.60).

Arthur Ramos destaca em seu trabalho perspectivas discutidas atualmente no campo da sociologia da infância, considerando que a criança também precisa ser analisada dentro das concepções antropológicas, para o médico psiquiatra (1949), só é possível estudar a criança, seu comportamento e sua aprendizagem a partir das suas relações com o ambiente social e cultural, articulando as concepções psicanalíticas com as concepções antropológicas. Para Rosemberg apud Moruzzi (2015), a criança deve ser estudada a partir de diferentes análises interdisciplinares articulando a história, a antropologia e a sociologia.

As fichas de observação comportamental, descritas no livro “*A criança problema: A higiene mental na escola primária*”, nos ajuda a analisar o perfil das crianças brasileiras consideradas problemas durante a década de 1930.

Os registros indicam que os diferentes problemas de comportamentos que acarretavam no fracasso escolar eram mais frequentes entre crianças do sexo masculino de 7 a 13 anos de idade, criadas em famílias de baixa renda. Quase todas essas crianças frequentavam a escola em um período e no oposto ajudavam seus pais nas responsabilidades familiares, quase não tendo tempo para brincar.

Segundo Ramos (1949), a maioria dessas crianças não tinham afeto familiar e, por isso, quando mais velhos se tornavam “crianças delinquentes”.

A “criança delinquente” numa grande maioria de casos como prova Aichhorn, vem de lares desajustados. São crianças abandonadas moralmente pelos pais, que se desenvolveram sem aquele afeto indispensável ao equilíbrio psíquico. (...) O rapaz das ruas, o rebelde das escolas, a menina adolescente a poucos passos da prostituição, vieram de lares desajustados ou não tiveram lar. As “crianças

delinquentes” ou dissociais são na realidade crianças problemas, vítimas do abandono (RAMOS, 1949, p.106).

Ainda segundo o médico psiquiatra (1949), essas crianças apresentam uma reação de fuga afetiva correspondente a esse abandono familiar, sendo nas crianças de baixa renda uma fuga real, da escola ou de casa, e nas crianças de meio econômico melhor, uma fuga de expressão simbólica (furtos, agressividade, mentiras, etc.).

Mas, não eram apenas as crianças consideradas escorraçadas que apresentavam problemas escolares, pois, de acordo com Ramos (1949), as crianças que recebiam excessos de cuidados familiar (criança mimada), também apresentavam problemas de comportamento e aprendizagem, causando consequências mínimas, como também muito graves para o desenvolvimento da criança, pois a mesma poderia ficar presa a fixações e fantasias não conseguindo comportar-se em sociedade mesmo após a vida adulta, apresentando reações antissociais (neuróticas ou psicóticas).

c) **Fortalecendo a Construção de uma Sociedade Forjada no Mito da Democracia Racial**

Todo um capítulo da chamada “higiene racial” tem que ser revisto. (...) Esses falsos cientistas acharam ainda que a mestiçagem era um fator de “degeneração”. Uma das causas do nosso atraso estava no mestiço desarmônico, incapaz, inferiorizado. Uma balela científica. Fora com esses racistas, partidários de raça pura no Brasil! O que se atribuía a um mal de raça verificou-se que era um mal de condições higiênicas deficitárias: subalimentação, pauperismo, doenças, alcoolismo, etc. Carregando no seu bojo toda a sorte de “inferioridades” (RAMOS, 1939, p.39).

A citação de Arthur Ramos, reproduzida acima, é exemplo contestável de que o médico psiquiatra fundamentado na perspectiva culturalista e higienista, apresentava críticas contundentes aos estudos científicos das relações raciais fundamentados apenas em um referencial biológico (herança genética) que defendiam o embraquecimento como solução para tirar o país da categoria de atrasado. Segundo ele (1939), a política eugenista a partir da teoria mendeliana tornava-se insuficiente, pois estudos formulados por alguns pesquisadores defendiam que a “inferioridade do mestiço brasileiro” melhora e desapareceria não com “cruzamentos eugênicos”, mas sim, quando cessassem ou minimizassem os problemas ambientais e sociais.

A análise crítica ao trabalho analítico de Arthur Ramos revela que seu referencial teórico fundamentado nas teorias culturalistas e higienistas pode ser compreendido como um

eufemismo das discussões raciais, ou seja, os estudos do comportamento humano baseado nos termos culturais e sociais também defendiam a existência de uma inferioridade de raças, a diferença consistia em uma política de embranquecimento do comportamento e dos hábitos (concepções neolamarckianas). Assim, o trabalho desenvolvido pelo médico psiquiatra durante sua atuação no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental pode ser considerado o resultado da política eugenista preventiva desenvolvida no final do século XIX e início do século XX, baseada no aprimoramento da sociedade brasileira a partir da higienização dos fatores considerados danosos para uma nação civilizada, primeiramente a partir do tratamento das inferioridades corpóreas (higiene bucal e corporal, alimentação/merenda escolar) e depois no tratamento dos fatores de desajustamentos familiares e sociais que eram acompanhados por psicólogos e professores formados na perspectiva psicanalítica.

Nas fichas de observação comportamental, podemos observar que quando se tratava de uma família negra, se tinha a descrição não apenas da cor da criança, mas também de seus pais, o que não era destacado nas descrições de uma família branca, por exemplo. Assim, ao analisar o discurso do médico psiquiatra sobre não estar preocupado com a raça no sentido biológico, me questiono qual a necessidade que se tinha de frisar a cor não só da criança, mas também dos pais apenas quando se tratava de uma família negra? Essa observação se torna um dos exemplos da ambiguidade dos discursos de Arthur Ramos.

As concepções do médico psiquiatra sustentam também uma contundente influência e continuidade ao ideário de democracia racial desenvolvido pelo sociólogo Gilberto Freyre. Como já destacado em outro momento desta pesquisa, Ramos foi o responsável em desenvolver um projeto educacional empírico focado nas relações familiares e sociais da sociedade brasileira, especificamente na região do antigo Distrito Federal.

Ao analisarmos as fichas de observação comportamental utilizadas como exemplos de suas observações, constatamos casos evidentes relacionados à inferiorização da identidade cultural negra⁴⁶ e a conflitos raciais, que demonstram a constituição do que hoje compreendemos por racismo estrutural brasileiro, e que de alguma maneira passou a ser silenciado historicamente dentro de uma sociedade forjada nas concepções do mito de democracia racial (convivência harmoniosa entre as diferentes raças).

⁴⁶ Fabiano Maranhão em seu texto “*O corpo negro na construção da identidade negra: Relações étnico-raciais um percurso para educadores*” (2012), baseado nas concepções de identidade de Munanga, destaca que a identidade cultural negra deve ser compreendida não apenas dentro das características físicas (cabelo, cor da pele, traços fenotípicos), mas também dentro do conjunto de valores e crenças capazes de dar sentido de pertença a tal contexto.

- **Menina branca** – Dócil gosta muito dos colegas pobres e de cor, diariamente traz merenda para uma companheira (**Anexo C**);
- **Posição inferior** – menina parda clara, por ter cabelo curto e crespo os colegas a chamam de homem, chora e queixa-se para as professoras (**Anexo D**);
- **Menino branco** – escorraça os companheiros, principalmente um colega, de cor preta, a quem chama de “escravo”. (**Anexo E**).

Identificamos também exemplo sobre o processo de naturalização e de imposição do padrão de beleza eurocêntrico que exclui ou nega outros grupos raciais, para Ramos as crianças bonitas esteticamente são automaticamente muito mimadas por todos em sua volta, exemplo, “criança bem dotada fisicamente: menina de pele clara, rosada e fina, cabelos cumpridos, castanhos e em cachos, unhas curtas, bem tratadas. É sociável, alegre, sensível, imaginativa, teatral” (**Anexo A**). Em outro momento Ramos ao destacar o papel da escola com relação à correção dos instintos agressivos, indica três categorias de crianças que desenvolvem esse sentimento, uma delas é a das crianças odiadas que inclui crianças órfãs, ilegítimas, enteadas e as “crianças feias”, o que me chamou atenção, por que, quais eram as crianças que se enquadrariam nesse perfil de “crianças feias” não descritas pelo médico psiquiatra?

Maria S. Bento ao explicar o lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil, ressalta que a branquitude foi posta como referência da condição humana e, por isso, “quando precisam mostrar uma família, um jovem ou uma criança, todos os meios de comunicação social brasileiros usam quase que exclusivamente o modelo branco” (BENTO, 2002, p. 06).

Ramos ao ressaltar a influência dos avós e outros parentes nas constelações familiares, chama a atenção, para a relação das crianças com as babás (amas de leite negras) e outros domésticos, afirmando a necessidade de um aprofundamento nos estudos das influências psicológicas desses domésticos no imaginário das crianças brasileiras, pois, “impregnaram a imaginação infantil com seu contingente de folclore e de encantamento” (RAMOS, 1949, p.215).

Ao destacar também sobre as famílias desajustadas Ramos as classifica como aquelas que apresentam dificuldades econômicas, conflitos domésticos, vício de álcool ou droga e também “frequentantes de macumba” e “baixo espiritismo”. De acordo com o médico psiquiatra (1939), para a higiene mental é necessário combater a “influência prejudicial” das

“superstições”, “exploração da credence humana”, curandeirismo ou outros diferentes rituais de fins “inconfessáveis”, que causam “efeitos perigosos” sobre a psique humana.

Ao apresentar uma lista de conselhos para a prevenção de doenças mentais, Ramos destaca que o ser humano “deve permanecer longe de cartomantes e curandeiros, que mantêm consultórios de felicidade para a cura de espíritos encostados ou que advinham o presente, passado e futuro” (RAMOS, 1939, p.98).

Portanto, ao analisarmos esses posicionamentos podemos considerar que Ramos defende o conjunto de valores e crenças da identidade cultural afrodescendente como algo negativo para à sociedade brasileira.

Outro fator que, me chama atenção, é análise de Ramos com relação ao sentimento de inferioridade social diante do outro, segundo o médico psiquiatra (1949, p.105):

Casos demonstraram que o “sentimento de inferioridade social” dos pais causam reações diversas sobre as crianças (castigos corporais ou morais, indiferença, abandono ou ódio). É um fato provado pela experiência de que quanto mais oprimido se encontra o homem, mais fortemente luta para compensar essa opressão. E daí o reforço da sua autoridade no lar ou na escola, pela exteriorização de um sadismo (RAMOS, 1949, p.105).

Ao analisar uma das fichas destacadas como exemplos desta observação: menina (negra) que todas as noites estuda gramática com seu pai e apanha ao errar as respostas (**Anexo B**), identificamos que é uma família negra o que me faz pensar em uma discussão na chave racial e não social, pois esse sentimento de inferioridade em relação ao outro, essa cobrança de nunca poder errar, seria o resultado de uma identidade de “dupla consciência” construída a partir do olhar do outro e das teorias de inferioridade e supremacia branca.

Considerações Finais

No desenvolvimento desta pesquisa ao analisarmos o trabalho analítico de Arthur Ramos realizado durante um período político de questionamentos sobre a função da educação brasileira, e também a definição do povo brasileiro no contexto de debates sobre a identidade nacional brasileira, constatamos questões-chaves para se pensar na constituição do debate sobre a criança, a infância e a educação brasileira contemporânea, a começar identificando que os problemas atuais sobre o fracasso escolar carregam uma herança de justificativas pautadas no projeto educacional elaborado na década 1930.

Arthur Ramos e todos outros intelectuais da época foram responsáveis em inaugurar uma política educacional universalista em que se atribuía à relação familiar, social e cultural as justificativas para o fracasso escolar, decentralizando totalmente essa responsabilidade do sistema político e das desigualdades sociais provenientes de um sistema capitalista. Segundo Ramos (1939, p.63), “a higiene mental responsabiliza os pais pelos problemas que apresentam os filhos”. Pois, (1949, p. 444) “se a criança é desajustada é como vimos, na grande maioria dos casos, o resultado de incorretas formações das suas constelações familiares”.

A análise do fracasso escolar não fica restrita apenas à relação familiar, pois segundo Ramos (1949), as atitudes dos professores também refletem diretamente na personalidade e no comportamento da criança. O médico psiquiatra ressalta que suas observações identificaram que muito dos problemas das crianças dentro do ambiente escolar, são resultados de atitudes e reações emocionais errôneas do professor.

Assim, ao observarmos o cenário educacional contemporâneo notamos uma persistente correlação dessa política, pois os diferentes problemas de aprendizagens da criança continuam sendo justificados por uma relação familiar conturbada, e ao professor se atribuiu a função de identificação de comportamentos “desviantes”, e as concepções de criança-problema definida por Ramos continuam sendo utilizadas, com novas terminologias.

As concepções de criança-problema no ambiente escolar fundamentadas nas bases psicanalíticas resultaram para os dias de hoje um crescente processo de medicalização como elemento para solucionar as dificuldades das crianças. Para Mercadante (2014, p.104):

A medicalização das dificuldades de aprendizagem movimenta bilhões de dólares nos grandes laboratórios farmacológicos. A Escola Nova veiculou em seu discurso higienista grande parte do problema da medicalização no âmbito escolar, tomando a criança enquanto objeto de experimentação, representaram tentativas de justificar o fracasso escolar por características dos fracassados para moldar um país

pretensamente moderno. Atualmente, lidamos com o mesmo problema, embora as justificativas passem por outros mecanismos dada a evolução da técnica, mas a família e os professores continuam sendo persuadidos a acreditarem apenas nas causas orgânicas e de fundo psicológico das dificuldades de aprendizagem da criança, sem refletir sobre os aspectos políticos e econômicos da atual crise educacional. Hoje, quase um século depois, a imagem da “criança problema” se mantém fortemente presente na fala dos professores e gestores que apontam a indisciplina e outros fatores como responsáveis pelo fracasso escolar (MERCADANTE, 2014, p.104).

A partir do trabalho de Ramos e das concepções de ensino do Movimento da Escola Nova se começa a pensar uma pedagogia individualizada para a criança, em que as novas práticas pedagógicas atuaram na intervenção do comportamento da criança, controlando o desenvolvimento de sua personalidade e moldando o adulto futuro que almejavam. De acordo com Ramos (1934, p.14):

A pedagogia moderna descobriu a criança. (...). Dirigindo-se ao indivíduo, a educação visa, porém a sociedade. E seu esforço último estará em obter do mesmo o máximo rendimento social. Para isto, a educação observa as tendências individuais orientando-as da melhor maneira possível, aproveitando a experiência adquirida da humanidade (RAMOS, 1934, p.14).

Partindo da análise desse modelo fundamentado nas concepções higienistas e nas concepções psicanalíticas, em que “o programa escolar deveria ser organizado em atividades, “unidades de trabalho” ou projetos e não em materiais escolares” (TEIXEIRA apud RAMOS, 1934, p. 13), conseguimos compreender o cenário educacional brasileiro contemporâneo, reestruturado a partir das categorias da relação familiar, social e cultural entre a criança e o adulto, pautada no modelo de uma educação compensatória e nas diferentes práticas pedagógicas.

A concepção que se criou de que a família exercia o papel de preparar a criança para o ambiente escolar e depois social, e a escola o de dar continuidade a essa preparação para que fosse possível a prevenção do fracasso escolar, continua sendo reflexo no sistema educacional brasileiro, pois na atualidade as etapas da escolaridade são compreendidas na mesma lógica, a criança sai do ambiente familiar, passa pela educação infantil que pode ser compreendida como uma etapa em que se inicia o trabalho pedagógico voltado para a continuidade do desenvolvimento da sua personalidade e autonomia e também sua preparação para a próxima etapa de escolarização a qual a criança já deve estar moldada para uma “transformação correta ao contato das exigências sociais” (RAMOS, 1939).

O modelo dessa política educacional era pautado no pressuposto de que o fracasso escolar era decorrente de uma não preparação das crianças para a escola, e também da sua falta de

cultura e de hábitos e, por isso, era necessário compensar sua carência, segundo Kramer apud Oliveira e Silveira (2015, p.82), esse modelo resultou em uma abordagem cultural superada pelo determinismo biológico, mas ao mesmo tempo, carregada de fatalismos sociológicos culpabilizados pelo meio social. “Essa abordagem tentou também superar as desigualdades por meio da educação, mas desconsiderava a própria desigualdade social” (KRAMER apud OLIVEIRA E SILVEIRA, 2015, p.82).

Para Mercadante (2014, p.106):

A atual Educação pública brasileira foi reinventada a partir de categorias sociais e culturais herdadas do movimento escolanovista em suas relações com o higienismo, fazendo que se perpetuasse nas pedagogias hegemônicas da atualidade (pedagogia das competências, pedagogia dos projetos, pedagogia multiculturalista, pedagogia do professor reflexivo, pedagogia tecnicista) o movimento de manutenção da sociedade de classes (MERCADANTE, 1934, p.106).

A presente pesquisa, partindo da análise do trabalho analítico de Ramos, nos revela também que o debate psicanalítico brasileiro é concomitante ao debate racial, e os intelectuais da época de 1930, especificamente Arthur Ramos, na tentativa de forjar uma identidade da sociedade brasileira categorizaram a criança como sendo o futuro de um Brasil civilizado.

E como destacado por Abrão (2008), Arthur Ramos foi precursor em construir uma psicanálise da criança, mas ao considerarmos que essa psicanálise estava inspirada nas concepções eugênicas e higienistas, podemos ressaltar que o médico psiquiatra buscava construir cientificamente a criança normal, pautada nos padrões eurocêntricos, ou seja, Arthur Ramos ao construir a concepção universal de criança brasileira, construiu também o conceito do ideal de branquitude no Brasil, classificando as crianças vindas de famílias fora do padrão que ele considerava normal o principal problema para se alcançar uma sociedade limpa, civilizada e adaptada ao sistema capitalista e que, por isso, precisavam de tratamentos orgânicos e psicológicos.

Parafraseando Maria S. Bento ao se referir sobre o narcisismo da branquitude com relação às desigualdades raciais no Brasil, “é como se o diferente, o estranho, pusesse em questão o "normal", o "universal" exigindo que se modifique” (BENTO, 2002, p.06).

Considerar que Ramos ao construir a criança universal brasileira construiu conjuntamente o ideal de branquitude no Brasil nos remete a pensar sobre como o debate racial construído historicamente influenciou nos conceitos psicanalíticos criados por Sigmund S. Freud, e que consequentemente impactou no trabalho desenvolvido por Arthur Ramos. Estudo este a ser desenvolvido em uma próxima pesquisa.

Ressalto que minha pretensão não foi a de enquadrar Arthur Ramos na esteira dos intelectuais racistas, mas sim, analisar criticamente seu trabalho a partir do contexto dos estudos teóricos e das políticas públicas desenvolvidos em sua época, que apesar de inaugurarem a análise da sociedade brasileira na chave culturalista, não deixaram de se preocupar com a questão racial, criando meios para embranquecer a sociedade através do comportamento e hábitos, mas também tentando explicar o processo de miscigenação como benéfico para a sociedade brasileira, contribuindo para a construção do ideário de democracia racial, interpretado atualmente pelo campo das relações étnico-raciais como um processo histórico que resultou na camuflagem dos conflitos e desigualdades raciais no Brasil.

Finalizo, destacando que o desenvolvimento desta pesquisa confirma nossa hipótese de que a análise das produções de Arthur Ramos na década de 1930, muito nos auxilia a pensarmos e preenchermos lacunas referentes ao campo dos estudos da infância no Brasil, a começar apontando que apesar de seus trabalhos analíticos corresponderem a discussões na chave psicanalítica, o médico psiquiatra ao considerar que a criança deveria ser estudada também a partir das concepções antropológicas, considerando suas relações familiares e sociais, acaba de alguma maneira identificando a necessidade emergencial para uma sociologia da infância ou estudos da infância no Brasil. Expondo ao decorrer de suas produções elementos fundamentais para se pensar a criança e a infância a partir de uma perceptiva sociológica, mesmo não sendo esse seu objetivo.

As fichas de observação comportamental das crianças atendidas nas escolas experimentais das clínicas do SOHM, por exemplo, contendo informações sobre a criança e sua rotina, dados familiares e ambiente familiar, eram agrupadas dentro de categorias (faixa etária, raça, gênero, nacionalidade e classe social) constituídas atualmente como centrais para os estudos sobre a agência da criança e suas especificidades dentro do campo da sociologia da infância no Brasil.

Arthur Ramos destaca também, não só os tipos de brincadeiras e brinquedos que as crianças analisadas costumavam brincar, como também, com quem as crianças brincavam, análise essa realizada pelo sociólogo Florestan Fernandes durante sua pesquisa desenvolvida no ano de 1944, sobre “os processos de socialização das crianças por meio da “cultura infantil” no debate com a cultura adulta” (ABRAWOWICZ, 2015, p.15), e que se tornou marco inicial nos estudos da sociologia da infância no Brasil e atualmente é discutida a partir da concepção de cultura de pares.

Referências Bibliográficas

ABRÃO, Jorge L.F. **A introdução das ideias relativas à psicanálise de crianças no Brasil através da obra de Arthur Ramos**. Rev. Memorandum, n. 14, p.37-51. 2008. Disponível em: <<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/A%20introdu%C3%A7ao%20das%20ideias%20relativas%20%C3%A1%20psicanalise%20de%20crian%C3%A7a%20no%20Brasil.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/A%20introdu%C3%A7ao%20das%20ideias%20relativas%20%C3%A1%20psicanalise%20de%20crian%C3%A7a%20no%20Brasil.pdf)>>

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. **A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção**. Rev. Educação v. 35, n. 1, jan./abr. 2010. Disponível em: <<<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/1602>>>

ABRAMOWICZ, Anete. **Estudos da Infância no Brasil: encontros e memórias**. São Carlos: Edufscar, 2015.

AMORIM, Roseane; CARDOSO, Lílian; SANTOS, Fernanda. **O pensamento higienista do intelectual Arthur Ramos na obra Saúde do Espírito (1958)**. Rev. Intellèctus. v.16 , n. 2, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Acer/Desktop/Projeto%20Mestrado%20\(%20Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/31659-105036-1-PB.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Projeto%20Mestrado%20(%20Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/31659-105036-1-PB.pdf)

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa-Portugal. 1997.

BENTO, Maria Aparecida S. **Branqueamento e Branquitude no Brasil** In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>

BELLOTTO, H. L. **Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico**. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 4, 1979, Anais, p. 133-147.

BITTAR, Marisa. **História da Educação: da Antiguidade à época Contemporânea**. Coleção UAB- Ufscar. São Carlos: Edufscar, 2009.

BORTOLOTTI, Karen F. S; CUNHA, Marcus V. **Anísio Teixeira e a psicologia: o diálogo com a psicanálise**. Rev. História da Educação v. 17, n.41, set/dez. 2013. Disponível em: <<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Educa%C3%A7ao/05.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Educa%C3%A7ao/05.pdf)>>

CASTRO, Rafael Dias. **Correspondência de Julio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos**

psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930. Rev. História, Ciências, Saúde, n. 4, v.22, p.1451-1465. Manguinhos, RJ, 2015. Disponível em:

<<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Hist%C3%B3ria/0104-5970-hcsm-22-4-1451.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Hist%C3%B3ria/0104-5970-hcsm-22-4-1451.pdf)>>

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução Magda Lopes. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

CORRÊA, Cristia Rosineiri G. Lopes. **A inauguração da interlocução entre a educação e a psicanálise no Brasil: Arthur Ramos, transferência, ideal e autoridade.** Rev. Psicologia, USP, n.22, v.2, p.789-811. São Paulo, 2011. Disponível em: <<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Educa%C3%A7ao/aop3511.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Educa%C3%A7ao/aop3511.pdf)>>

_____. **Arthur Ramos e a representação “criança problema”: algumas dimensões de permanência e de deslocamento no tempo passado e na atualidade.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Teses%20e%20Disserta%C3%A7oes/cristiarosineirigoncalveslopescorrea.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Teses%20e%20Disserta%C3%A7oes/cristiarosineirigoncalveslopescorrea.pdf)>>

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CUNHA, Marcus Vinicius; SIRCILLI, Fabíola. **A escola do psiquismo na argumentação de Arthur Ramos.** Rev: Educação em Questão v. 28, n. 14, 2007. Disponível em: <<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/4468-10504-1-PB.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/4468-10504-1-PB.pdf)>>

DAVID, Juliana V. Abreu. **Pela criança, para a família: a intervenção científica no espaço privado através do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (1934-1939).** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:

<<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Teses%20e%20Disserta%C3%A7oes/Dissert_Juliana%20Abreu%20David.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Teses%20e%20Disserta%C3%A7oes/Dissert_Juliana%20Abreu%20David.pdf)>>

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945).** Trad. Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

Du Bois, W.E.B. [1903] **As Almas da Gente Negra.** Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Salvador: Editora Edufba, 2008.

FERREIRA, Gabriella G. da Silva; SILVA, Paula Gracielle; MOURA, Gabriela Costa. **Arthur Ramos: Um personagem da psicanálise no Brasil**. Rev. Cadernos de Graduação: Ciências humanas e sociais, v.3. n.2, Maceió, 2016. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/2983-9671-1-PB.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/2983-9671-1-PB.pdf) >>

FERNANDES, Florestan. **As “trocinhas” do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis**. In: *Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

FRANCCHINI, Flávia. **Representações de Criança e Infância nas obras de Gilberto Freyre**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014.

GARCIA, Ronaldo A.G. **Arthur Ramos e Durval Marcondes: higiene mental, psicanálise e medicina aplicadas à educação nacional (1930-1950)**. Rev. Educação e Sociedade, v. 35, nº. 128, p.629-996. Campinas, 2014. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Educa%C3%A7ao/0101-7330-es-35-128-00951.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Educa%C3%A7ao/0101-7330-es-35-128-00951.pdf) >>

_____. **Educação e Psicanálise: a criança problema na perspectiva de análise da obra de Arthur Ramos (Rio de Janeiro 1930-1940)**. Rev. Práxis Educativa, n.2, v.1, p.65-72, 2006. Disponível em:
 <<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/Educa%C3%A7ao%20e%20Psicanalise%20-%20A%20crian%C3%A7a%20Problema.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/Educa%C3%A7ao%20e%20Psicanalise%20-%20A%20crian%C3%A7a%20Problema.pdf) >>

_____. **Educação na Trajetória Intelectual de Arthur Ramos: Higiene Mental e Criança Problema (Rio de Janeiro 1934-1949)**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2010. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Teses%20e%20Disserta%C3%A7oes/Ronaldo%20Aurelio%20Gimenes%20Garcia%20-%20Texto.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Teses%20e%20Disserta%C3%A7oes/Ronaldo%20Aurelio%20Gimenes%20Garcia%20-%20Texto.pdf)>>

GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. Rev. Antropologia, USP, V. 40 nº2, São Paulo, 1997. Disponível em:
 <<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Antropologia/3231.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Antropologia/3231.pdf) >>

GUIMARÃES, Antonio S. Alfredo. **Intelectuais negros e formas de integração nacional**. Rev. Estudos Avançados, 2014. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Sociologia/a23v1850.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Sociologia/a23v1850.pdf)>>

GUTAMAN, Guilherme; PEREIRA Mario E. Costa. **Primitivo e loucura, ou o inconsciente e a psicopatologia segundo Arthur Ramos**. Rev. Latino Americana de Psicopatologia Fundamental, ano X, n. 3, 2007. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Psicologia/1415-4714-rlpf-10-3-0517.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Psicologia/1415-4714-rlpf-10-3-0517.pdf) >>

GUTAMAN, Guilherme. **Raça e psicanálise no Brasil. O ponto de origem: Arthur Ramos.** Rev. Latino Americana de Psicopatologia Fundamental, n.4, v.10, p.711-728, 2007. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Psicologia/a14v10n4.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Psicologia/a14v10n4.pdf) >>

GUSMÃO, Marilu. **Arthur Ramos: o homem e a obra.** Maceió: DAC-Senec, 1974.

KHULMANN JUNIOR, M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

LIMA, Ana Laura G. **A “criança problema” e o governo da família.** Rev. Estilos da Clínica, 2006, Vol. XI N. 126 21, 126-149, 2007. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/v11n21a09.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/v11n21a09.pdf) >>

MAIO, Marcos Chor. **O projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50.** Rev. Brasileira de Ciências Sociais, n.41, v.14, 1999. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Sociologia/1756.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Sociologia/1756.pdf) >>

MERCADANTE, Jefferson. **A Psicanálise entre a Higiene Mental e a Escola Nova na obra de Arthur Ramos: contribuições à História da Educação no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2014. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Dissertacao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Teses%20e%20Dissertacoes/000824036.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Dissertacao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Teses%20e%20Dissertacoes/000824036.pdf) >>

MIRANDA, Humberto. **A invenção da “criança problema” e a psiquiatrização da infância no Recife.** Rev. Ano VII N. 7. 2010. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/110063-59043-1-PB.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/110063-59043-1-PB.pdf) >>

MOKREJS, Elisabete. **Psicanálise e Educação: Arthur Ramos – Um episódio da história da educação no Brasil.** Rev: Faculdade de Educação São Paulo, n13, v.1, 1987. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/33380-39190-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/33380-39190-1-PB%20(2).pdf) >>

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1999.

_____. **Superando o Racismo na Escola.** 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

RAFAEL, Ulisses Neves. **O não dito na obra de Arthur Ramos.** Rev. Sociedade e Estado, n.2, v.24, p.491-507. Brasília, 2009. Disponível em: <<
[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Sociologia/06.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Sociologia/06.pdf) >>

RAMOS, Arthur. **A criança problema: A higiene mental na escola primária.** Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil. 2ª edição, 1949.

_____. **Educação e Psychanalyse.** São Paulo: Editora Nacional, 1934.

_____. **Saúde do espírito: higiene mental.** Rio de Janeiro: Coleção SPES Nº 7, 1939.

RAMOS, Jair de Souza. **Ciência e racismo: uma leitura crítica de Raça e assimilação em Oliveira Vianna.** Rev. História, Ciências, Saúde, v.10, p.573-601, 2003. Disponível em:

<<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Sociologia/17751.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Sociologia/17751.pdf)>>

RIBEIRO, Adelia M. Miglievich. **Marina de Vasconcellos e as ciências sociais cariocas: a perspectiva dos círculos sociais.** Rev. História, Ciências, Saúde, v.15, p.17-41, 2008. Disponível em:

<<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Sociologia/02.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Sociologia/02.pdf)>>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Ana Paula Ferreira. **Arthur Ramos e a “creança problema” na escola pública dos anos 1930.** Rev. Trama Interdisciplinar v. 2, n. 2, 2011. Disponível em:

<<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/4419-18230-1-PB.pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos/Educa%C3%A7ao/4419-18230-1-PB.pdf)>>

SIRCILLI, Fabíola. **Arthur Ramos: Psicanálise e a Educação.** Marília: Editora Polesis, 2008.

_____. **Arthur Ramos e Anísio Teixeira na década de 1930.** Rev. Paidéia v.15, n.31, 185-193. 2005. Disponível em:

<<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Psicologia/06%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Psicologia/06%20(1).pdf)>>

SILVÉRIO, Valter R; MATTIOLI, Érica Aparecida K; MADEIRA, Thais Fernanda L. **Relações Étnico Raciais: um percurso para educadores.** Coleção Especialização, vº1. São Carlos: Editora Edufscar, 2012.

STEPAN, Nancy L. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.** Trad. Paulo M. Garchet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz (Coleção História e Saúde), 2005.

TADEI, Emanuel M. **A mestiçagem Enquanto um Dispositivo de Poder e a Constituição de Nossa Identidade Nacional.** Rev. Psicologia, Ciência e Profissão V.22, n.4, 2002. Disponível em:

<<[file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20\(Arthur%20Ramos\)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Psicologia/02%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Acer/Desktop/Disserta%C3%A7ao%20(Arthur%20Ramos)/Levantamento%20Bibliografico/Artigos%20SciELO/Psicologia/02%20(1).pdf)>>

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001

Apêndice

Artigos selecionados no levantamento bibliográfico, suas áreas de concentração e periódicos.

Ano de Publicação	Título	Autores	Área de concentração	Periódicos
2013	Anísio Teixeira e a psicologia: o diálogo com a psicanálise	Karen F. da Silva; Bortoloti M. V. da Cunha	Educação	História da educação (SciELO)
2011	Arthur Ramos e a “creança problema” na escola pública dos anos 1930	Ana Paula Ferreira da Silva	Educação	Revista Trama Interdisciplinar
2017	O pensamento higienista do intelectual Arthur Ramos na obra Saúde do Espírito (1958)	Roseane M. de Amorim; Lílian Cardoso; Fernanda L. da Silva Santos	Educação	Revista Intellèctus
1987	Psicanálise e Educação Arthur Ramos: Um episódio da história da educação no Brasil	Elisabete Mokrejs	Educação	Revista Faculdade de Educação São Paulo
2007	A escola do psiquismo na argumentação de Arthur Ramos	Marcus V. da Cunha; Fabíola Sircilli	Educação	Revista Educação em Questão
2006	EDUCAÇÃO E PSICANÁLISE: a criança problema na perspectiva de análise da obra de Arthur Ramos (Rio de Janeiro 1930-1940)	Ronaldo A.G. Garcia	Educação	Práxis Educativa
2015	Correspondência de Julio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930	Rafael Dias de Castro	História	Rev. História. C. S. Manguinhos (SciELO)
2016	Arthur Ramos: um personagem da Psicanálise no Brasil	Gabriella G. Ferreira Paula G. da Silva Gabriela C. Moura	Psicologia	Cadernos de Graduação
2008	Marina de Vasconcellos e as ciências sociais cariocas: a perspectiva dos círculos sociais	Adelia Maria M. Ribeiro	Sociologia	Rev. História. C. Saúde Manguinhos (SciELO)
1997	Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais	Emerson Giumbelli	Antropologia	Revista de antropologia (SciELO)
2011	A inauguração da interlocução entre a educação e a psicanálise no Brasil: Arthur Ramos, transferência, ideal autoridade	Cristia R. Gonçalves Lopes	Educação	Psicologia USP (SciELO)

	Corrêa			
2014	Arthur Ramos e Durval Marcondes: higiene mental, psicanálise e medicina aplicadas à educação nacional (1930-1950)	Ronaldo A. G. Garcia	Educação	Educação & Sociedade (SciELO)
2016	A “Criança Problema” e o Governo da Família	Ana Laura G. Lima	Educação	Estilos da Clínica
2010	A invenção da “criança problema” e a psiquiatrização da infância no Recife	Humberto Miranda	História	Google
2002	A mestiçagem Enquanto um Dispositivo de Poder e a Constituição de Nossa Identidade Nacional	Emanuel Mariano Tadei	Psicologia	Psicologia Ciência e Profissão (SciELO)
2005	Arthur Ramos e Anísio Teixeira na década de 1930	Fabíola Sircilli	Psicologia	Paidéia (SciELO)
2007	Primitivo e loucura, ou o inconsciente e a psicopatologia segundo Arthur Ramos	Mário E.C. Pereira; Guilherme Gutman	Psicologia	Rev. Latino A. de Psicologia (SciELO)
2007	Raça e psicanálise no Brasil. O ponto de origem: Arthur Ramos	Guilherme Gutman	Psicologia	Rev. Latino A. de Psicologia (SciELO)
2008	A introdução das ideias relativas à psicanálise de crianças no Brasil através da obra de Arthur Ramos	Jorge Luís F. Abrão	Psicologia	Memoradum (Google)
1999	O projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50	Marcos Chor Maio	Sociologia	Rev. Brasileira de Ciências Sociais (SciELO)
2003	Ciência e racismo: uma leitura crítica de Raça e assimilação em Oliveira Vianna	Jair de Souza Ramos	Sociologia	Rev. História. C. Saúde Manguinhos (SciELO)
2004	Intelectuais negros e formas de integração nacional	ANTONIO S. A. GUIMARÃES	Sociologia	Estudos Avançados (SciELO)
2009	O não dito na obra de Arthur Ramos	Ulisses Neves Rafael	Sociologia	Sociedade e Estado (SciELO)

Anexo

Exemplos de “fichas de observação comportamental”, descrita no livro “*A Criança Problema: A Higiene Mental na Escola Primária*”.

a) Observação 11 (1949, p.65): (Escola “Bárbara Ottoni”, ficha nº 106 do S.O.H.M). A.T., menina de 9 anos de idade, cor branca. O pai, natural da Holanda, é industrial, enérgico, sociável, boa saúde física e mental. A mãe, belga, boa educação, não tem boa saúde física. Uma irmãzinha de 6 anos, que cursa a mesma escola. A família reside no Brasil há um ano e três meses. Moram em casa alugada, bem localizada, com jardim na frente, de aspecto agradável, a casa tem dois pavimentos, boas condições de aeração e iluminação, há acomodação para a criança. Fazem passeios e excursões, recebem visitas frequentes de pessoas amigas, vão muito ao cinema: “já estou cansada de cinema”, diz a menina.

História obstétrica materna: Nenhuma perturbação física ou mental sofreu a mãe no período de gestação. Nascimento a termo, em condições normais. A menina foi alimentada em mamadeira, sob controle médico. Crescimento normal, boa saúde. Andou e falou em tempo normal, sem complicações.

Deita-se às 21h e levanta-se às 8h, não demora a conciliar o sono. Às vezes leva brinquedos para o leito, tem medo da escuridão e do isolamento. Seus primeiros companheiros de brinquedo foram os primos e a irmã. Atualmente brinca em casa de manhã e a tarde. Na escola, brinca com os colegas, com tendência a dominar. Domina muito a irmã menor, ameaçando-a e atemorizando-a. Conta fanfarronadas, é tagarela.

Criança bem dotada fisicamente: tem a pele clara, rosada e fina, cabelos cumpridos e em cachos, unhas curtas, bem tratadas. É sociável, alegre, sensível, imaginativa, teatral. Observações da sua ficha:

“1935: A.T.: entrou para esta escola em 1934, logo após sua chegada de Buenos Aires, onde passou algum tempo. Tipo interessante, falando o francês, e o espanhol, despertou a atenção os colegas, que a cercavam a todo o momento para indagações. “Nanette”, como é chamada por todos, em breve tornou-se o enlevo da turma. Este ano, porém, os próprios colegas a julgam presunçosa e vaidosa. Seus gestos são afetados, é desleal e pouco escrupulosa. Não trepida em copiar os trabalhos dos colegas. Certo dia, sendo-lhe dado um exercício de cálculo, limitou-se a copiar os resultados que estavam sobre a mesa e quando inquerida, respondeu: “é assim que costume fazer, adivinho os resultados”. Suas palavras são acompanhadas de gesticulações e meneios de corpo exagerados”.

“Agosto de 1935: A irmãzinha de A.T. foi chamada a exame médico e recusou-se, alegando receio. Conseguimos apurar, porém, que a irmã a ameaçara: “Tudo o que ela fizesse escondido seria descoberto por uma bola de vidro”. Muito mimada pelo pai, que lhe dá alimento na boca, quando a menina se recusa a alimentar”.

Com a orientação dada pelo serviço, no sentido de corrigir lhe as tendências narcísicas, dando lhe trabalhos de responsabilidade, instruindo os pais sobre mimos excessivos, socializando-a nas tarefas de classe e nos jogos, a menina pode adaptar-se melhor ao regime escolar.

b) Observação 19 (1949, p.84): (Escola “Bárbara Ottoni”, ficha nº141 do S.O.H. M). D.F, menina de 8 anos, de cor preta. O pai, brasileiro, de cor preta, servente da Escola Militar, alegre, boa saúde. Castiga os filhos com chicote, principalmente quando D.F. não aprende a gramática que ele ensina. A mãe, brasileira, cor preta, é cozinheira e analfabeta, fala muito e zela pelos filhos. Dois irmãos, um menino de 13 anos, interno num colégio e uma menina de 6 anos. Todos os avós já faleceram.

Moram em quarto alugado numa casa de habitação coletiva. Não há acomodação para a menina. Vizinhança má. Vão raramente a cinema e passeios. Poucas visitas de parentes. Nada de anormal na história obstétrica materna nem no desenvolvimento da menina. Deita-se às 22h, levanta-se às 6h, dorme em leito comum a uma irmã de 6 anos, no mesmo quarto dos pais. Brinca em casa sozinha, trabalha muito em casa, ajudando a mãe. Na escola brinca com companheiro, gosta muito de brinquedos de roda. Faz desordens na turma, tendência a dominar, atormenta os colegas com beliscões, implica e briga com colegas, conta fanfarronadas, chora facilmente, é tagarela, mente muito. Não é asseada, está sempre mastigando pedacinhos de papel, tem o tique de pestanejar. É agitada, agressiva, imaginativa, bulhenta, fala constantemente e da gargalhada espetaculares. Peso 24k800, altura 1m245. Linfatismo pronunciado. Do registro de observações:

- D..., você gosta tanto de estudar, porque está ficando vagarosa?
- Eu ando cansada.
- Cansada de que? Você brinca tanto?
- Em casa eu trabalho muito.
- Que faz você?
- Ajudo a mamãe. Enquanto ela lava louça dos fregueses, eu varro e limpo os móveis. Depois lavo a roupa toda de casa e passo a ferro. Mamãe faz o almoço de véspera, à noite, e pela manhã faz o jantar. Eu também olho o fogo e as panelas, enquanto ela faz outros serviços.

- Quando é que você brinca?
- Só aos domingos, à noite! Papai não deixa brincar nos outros dias. Depois do jantar, quando guardo a louça que lavei, vou estudar com papai.
- Que ensina ele?
- Gramática. Já sei os pronomes e quando se escreve letra minúscula ou maiúscula. Se eu não respondo direito, entro na pancada.
- Você apanha?
- Se apanho.....e de chicote!
- Como é este chicote?
- É uma correia amarrada num pau...

“Novembro de 1935: Conversamos com a mãe da menina, esclarecendo-a sobre os inconvenientes dos maus tratos castigos corporais, e ela nos prometeu amenizar os trabalhos em casa e agir junto ao pai, para não espancar mais a criança”.

c) Observação 46 (1949, p.121): (Escola “Bárbara Ottoni”, ficha nº166 do S.O.H. M). M.C.C.M, menina de 8 anos, cor branca. O pai brasileiro, era sargento do exército, separado da mãe, faleceu, pouco antes do fichamento da menina (1935), “do coração”. A mãe, brasileira, boa instrução, foi educada no Colégio Sion, muito vaidosa, casou-se contra a vontade dos pais, conflitos domésticos com o marido, de quem se separou dois anos depois de casada. A menina é filha única. Uma tia materna toma conta da criança desde os 2 anos. Moram na casa do avô materna, casa própria, de bom aspecto, com acomodações para a criança. Inquietações morais durante a gravidez. Nascimento a termo em condições normais. Nada de anormal no desenvolvimento progresso da criança. Deita-se às 21h, levanta-se às 7h, tem medo da escuridão. Brinca em casa e na escola, prefere brincar de bonecas. Atitude maliciosa em face do outro sexo. É alegre medrosa e dócil. Boa aprendizagem. O exame orgânico revelou adenopatia, lues congênita. Observações da sua ficha:

“Julho de 1935: É uma criança dócil, gosta muito dos colegas pobres e de cor. Diariamente traz merenda para uma companheira. Diz palavras obscenas e tem sido denunciada por colegas como autora de desenhos pornográficos. Exalta-se quando admoestada neste sentido”.

“Outubro de 1935: Disse-nos M... que prefere a companhia de mulatos e pretos. Esta menina teve uma ama de cor que exerceu grande influência sobre ela. M... diz que não sentiu a morte do pai e realmente observamos que sua atitude, na escola, nos dias imediatos ao falecimento do pai, era de grande indiferença”.

“Novembro de 1935: Informou-nos a madrinha de M... que havia grandes conflitos no lar desta criança, antes da separação dos pais. A menina está melhorando na escola, já não usa o mesmo vocabulário, continua preferindo as colegas de cor às quais protege, dando passes de bondes e merendas”.

d) Observação 41 (1949, p.115): (Escola “Manuel Bonfim” nº134 do S.O.H.M). M.L., menina de 8 anos, cor parda clara. Pai desconhecido. A mãe, brasileira, preta, foi seduzida aos 9 anos pelo chefe da casa onde morava e cedo começou uma vida má. Entregou a filha a um casal que conheceu por acaso à porta de uma igreja. O casal batizou a menina e a tomou aos seus cuidados desde três anos.

A menina reside com a madrinha, que é casada com um advogado, e tem 4 filhos. Moram em casa própria, centro de terreno, de bom aspecto, com acomodações para a menina. A criança ocupa o quarto que pertencia à sobrinha do casal. Não há informações sobre a história obstétrica materna. Brinca de boneca, mas os brinquedos não lhe pertencem, são de T. uma das filhas do casal. Na escola, gosta de brinquedos agitados. É desobediente, tendência a dominar, atormenta os colegas, chora facilmente, é tagarela, embirrenta, mente, come açúcar às escondidas. E agitada, agressiva, desconfiada, bulhenta. Pesa 24 quilos e tem 1m20 de altura. O exame orgânico revelou estigmas de lues congênita, hipertrofia das amígdalas. Do seu registro de observações:

“Março de 1948: Por ter o cabelo curto e crespo os colegas chamam-na de homem. L...chora por isso e queixa-se às professoras. Irrequieta, fala muito alto e salta gritos na sala. Trabalha pouco. Chora por qualquer motivo. Fica revoltada às vezes e não responde às professoras”.

Julho de 1938: Atitude de antipatia pelos colegas. Quando a professora pergunta qualquer coisa, responde: “O F...é a belezinha, só ele é que sabe”.

“Agosto de 1938: Colhemos novas informações por ocasião da visita social à casa da menina. A madrinha procura ostentar que trata L...com muito cuidado, nada lhe faltando. Falando-lhe sobre a atitude e o comportamento de L...na escola, replica a madrinha: “Aqui em casa L... não faz nada disto. Isso é saliência dela, se a castigarem, tratem com rigor, procederá melhora”. Mais adiante: “Quando temos visitas, a L... abusa extraordinariamente. Não posso ralar, porque ela faz na presença das visitas uma carinha de vítima, que eu fico envergonhada”. Acrescenta: “L...entra em todos os brinquedos de minhas crianças, T... (sua filha) quer sempre sair com ela e eu não posso constantemente mostrar à menina que ela não é igual aos meus filhos ””. No dia seguinte ao da visita social, L... perguntou-nos:

- A senhora gostou da minha casa?
- Gostei muito.
- Pois eu, já estou farta daquela casa, quero sair de lá.

“L... continua de difícil aprendizagem, apesar de já termos conseguido captar-lhe a confiança, e que o ambiente da escola compense a situação de inferioridade em que se encontra na casa da madrinha, em relação aos filhos legítimos do casal”.

e) Observação 196 (1949, p. 324): (Escola “Manuel Bonfim” nº41 do S.O.H.M). J.T., menino de 10 anos, cor branca. Pai português, operário. Mãe, portuguesa, lavadeira. 6 irmãos, sendo 5 do sexo masculino. Não há informações sobre a história obstétrica materna e o desenvolvimento progresso da criança. Moram em casa alugada, de bom aspecto. Deita-se às 22h, dorme em leito comum aos dois irmãos mais moços. Brinca em casa e na escola, e com os meninos da vizinhança. E desobediente, atormenta os colegas, é insociável, reservado, agressivo, bulhento. Desatento, aprendizagem má. O exame orgânico revelou lues congênita e verminose. Do seu registo de observações:

“1934: Senta-se na última cadeira, ao fundo da classe e não a quer abandonar. Não se interessa pelos trabalhos de classe. Frequentemente, abandona a sala e foge para o quintal, atirando pedras nas árvores. Gosta de trabalhos de jardinagem”.

“Dezembro de 1934: Não obstante a vigilância repetiu-se o fato”.

“1935: J... Não tem melhorado. Apresenta agora o tique de agitar a cabeça, quando tem atenção pressa a algum trabalho. Continua revoltado e agressivo”.

“15/5/1935: Porque a professora de jogos não consentiu que ele jogasse futebol, subiu no telhado da casa vizinha, divertindo-se a jogar pedrinhas nos companheiros. Escorraça os companheiros, principalmente um colega, de cor preta, a quem chama de escravo”.